



L  
3359

OBRAS  
POETICAS

DE

PEDRO ANTONIO  
CORREA GARÇÃO,

DEDICADAS

AO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO  
SENHOR.

D. THOMAZ DE LIMA  
E VASCONCELLOS BRITO  
NOGUEIRA TELLES  
DA SILVA,

*Visconde de Villa Nova da Cerveira, Ministro,  
& Secretario de Estado dos Negocios  
do Reino, &c. &c. &c.*

---

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXVIII.

*Com Licença da Real Meza Censoria,  
& Privilegio Real.*

OPRAS  
POETICAS

DE  
PEDRO ANTONIO  
CORREA GARCIA

DE  
AQUILINO, E EXPEDIENTE

SENHOR  
D. THOMAS DE LIMA  
E VASCONCELLOS BRITO  
NOGUEIRA TELLES  
DA SILVA

Visconde de Vila Rica de Oliveira, Alcaide,  
e Secretário de Estado do Rio de Janeiro  
do Reino, etc. etc.

---

LISBOA  
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAPHICA

1840  
Cada livro de 1000 Reis  
- 1840



15-8-94  
C. Almeida



ILLUSTRÍSSIMO, E EXCELENTÍSSIMO  
S E N H O R  
D. THOMAZ DE LIMA  
E VASCONCELLOS BRITO  
NOGUEIRA TELLES  
DA SILVA,

*Visconde de Villa Nova da Cerveira, Ministro,  
e Secretario de Estado dos Negocios  
do Reino, &c. &c. &c.*



ILLUSTRÍSSIMO, E EXCELENTÍSSIMO

S E N H O R

D. THOMAS DE LIMA  
E VASCONCELLOS BRITO  
NOGUEIRA TELLES  
DA SILVA,

Esposo de D. Maria de Almeida, Mestres,  
e Secretários de Estado dos Negocios  
do Reino, &c. &c. &c.

ILL.<sup>MO</sup> E EXC.<sup>MO</sup>

# SENHOR

**S**ENDO a Poesia hum dos grandes Monumentos, em que, a pezar da voracidade dos Seculos, se nos conservão as memorias das brilhantes, e famosas acções de tantos Heróes, que jazerião sepultados no esqueci-  
men-

mento , se não tivessem havido Homero , Pindaro , Virgilio , Horacio , Camões , e outros , que com seus Poemas lhes immortalizárão os Nomes , incitando-nos ao mesmo tempo a imitarmos as virtudes , que os fizeram dignos de louvor , e a fugirmos aos vícios , com que a ignorancia corrompe nossos corações. E sendo igualmente certo , que a imitação destes Poetas he o mais seguro meio para com facilidade conseguirmos esta maravilhosa Arte , seria huma especie de deshumanidade negar á Patria , que tão anciosamente appetece o seu adiantamento , as Obras de meu Irmão Pedro Antonio Correa Garção , onde , con-

for-

forme a opinião dos Sabios , póde a Mocidade Portugueza achar muito em que instruir-se , assim na pureza , e graça da locução , como no sublime dos pensamentos. Persuadido deste objecto , e não menos dos incessantes rogos de innumeraveis pessoas , me resolvi a dallas ao público. Porém como era preciso buscar hum Protector , cujo merecimento authorizasse o da mesma Obra , lembrei-me que V. EXCELLEN-  
CIA , tanto pela sabedoria , de que he dotado , como pelo desejo , que tem da utilidade pública , não recusaria esclarecer , e honrar com o Nome de Mecenas o Author deste pequeno Volume. Digne-se pois V. EXCELLEN-



*LENCIA* de o tomar debaixo  
da sua Alta Protecção , e de  
acceitar este sinal do respeito, e  
veneração, que lbe consagra.

De V. EXCELLENCIA

O mais obsequioso, e reverente criado

*João Antonio Correa Garção.*

# AOS LEITORES.

**A** Obrigação , que nos foi imposta de recebermos a edição das Obras de Pedro Antonio Correa Garção , que furtivamente se pertendião dar ao público , desculpará a desordem , e os muitos erros , que nellas descubriráó os intelligentes , e que não foi possível comprehender na Taboa das erratas , e das emendas. Sendo as mesmas Obras bem acceitas , como esperamos , teremos o gosto , que hum dia appareção dignas do nome de seu Author , do desejo de seus Amigos , e da estimação de honrados Compatriotas.

**A** Obrigação, que nos foi im-  
 posta de recebermos a edição  
 das Obras de Pedro Antonio  
 Cortes Garcia, que futuramente se  
 pretendião dar ao publico, deleyta-  
 ra a desorden, e os muitos erros,  
 que nella descobrimos os intelligi-  
 mos, e que não foi possível compor-  
 tavel na Taboa das erratas, e das  
 emendas. Sendo as mesmas Obras  
 bem accitias, como escripturas, ter-  
 mos o gosto, que huy dia appareço  
 dignas do nome de seu Author, do  
 desejo de seus Amigos, e da estima-  
 ção de honrados Compatriotas.

em Lisboa, na Officina da Typographia Nacional, em 1844.

**D**ONA MARIA por graça de Deos Rainha de Portugal, e dos Algarves, daquém, e dalém mar, em Africa Senhora de Guiné, &c. Faço saber, que Eu hei por bem fazer mercê a Dona Maria Anna Salema, viuya de Pedro Antonio Garção, do Privilegio exclusivo por tempo de dez annos, para que só ella, ou quem tiver facultade sua, pôssa mandar imprimir, precedendo a necessaria licença da Real Meza Censoria, a Collecção das Obras, que em Prosa, e em Verso deixou escritas o sobredito seu marido, debaixo das penas do perdimento de todos os Exemplares, que forem achados aos Transgressores, a beneficio da mesma viuva, e de duzentos mil reis de condemnação, ametade para o Denunciante, e a outra ametade para o Hospital Real de S. José: E esta Provisão se cumprirá, como nella se contém, e valerá, posto que seu effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenação Livro Segundo, Titulo Quarenta em contrario. De que se pagou de novos direitos quinhentos e quarenta reis, que se carregarão ao Thesoureiro delles a fol. 288. do Livro Terceiro de sua Receita, e se registou o Conhecimento em fórma no Livro trinta e tres do Registo geral a fol. 302. A Rainha Nossa Senhora o mandou por seu especial Decreto pelos Ministros abaixo assinados do seu Conselho, e seus Desembargadores do Paço.

Tho-

Thomé Lourenço de Carvålho a fez em Lisboa a dezefete de Junho de mil setecentos fetenta e oito annos. Desta quatrocentos e oitenta reis, e affinar mil e seiscentos reis.

*Antonio Pedro Vergolino* a fez escrever.

*Antonio Freire de Andrade* e *José Ricalde Pereira de Castro*.

Por Decreto de Sua Magestade de 3 de Junho de 1778.

*Antonio José de Affonseca Lemos*.

Pagou quinhentos e quarenta reis, e aos Officiaes quinhentos e vinte e oito reis. Lisboa, 20 de Junho de 1778.

*Dom Sebastião Maldonado*.

Registada na Chancellaria Mór da Corte, e Reino no Livro de Offícios, e Mercês a fol. 316. Lisboa, 20 de Junho de 1778.

*Jeronymo José Correa de Moura*. Nada.





# OBRAS POETICAS DE GARÇÃO.



## SONETO I.

Uem de meus versos a lição procura,  
Os farpões nunca vio de Amor infano,  
Nem sabe quanto custa hum vil engano  
Traçado pela mão da Formosura.

Se o peito não tiver de rocha dura,  
Fuja de ouvir contar tamanho dano,  
Que a desabrida voz do Desengano  
O mais firme semblante desfigura.

Olhe, que ha-de chorar, vendo patente  
Em tão funesta, e lagrimosa scena  
O cadafalso infame, e sanguinoso.

Verá levado á morte hum innocente:  
E condemnado á vergonhosa pena  
O mais fiel amor, mais generoso.

*A' Senhora D. Maria Joaquina de Gusmão  
e Vasconcellos.*

## SONETO II.

**L**Utando com mil sustos, mil pezares,  
Com desprezos, enganos, e rigores,  
A teu rosto gentil, olhos traidores,  
Templos lhe contágrei, ergui-lhe altares.

Rociadas de lagrimas a máres  
Degollavão as victimas Amores:  
Ara cruel! suspiros, mágoas, dores  
Lançava em denso fumo aos mansos ares.

Chegou Marília de mudar-te o dia;  
Têas, lecture, pyra, vasos, fogo  
Tudo rompeste, tudo aos pés pizaste.

Triunfou, triunfou a tyrannia;  
Mas a pesar do altivo deitafogo  
Illesa a fé, illeso o amor deixaste.

## SONETO III.

**E**M magnífica scena a fantasia,  
 Entre festões de estrellas riantes,  
 Teus angelicos olhos triunfantes,  
 Gentil Marilia, me mostrou hum dia.

O Sol de reus cabellos se esparfia  
 Por columnas, e frisos rutilantes;  
 Aos pedestaes atados mil Amantes,  
 Honesto riso suspirar fazia.

Movendo longas azas brandamente,  
 Voavão Esperanças, e Desejos,  
 Co' as Graças abraçadas, e os Amores;

Mas retinindo hum silvo, de repente  
 A cortina cahio; males fobijos!  
 Só mágoas vi depois, tô vi temores.

## SONETO IV.

**O**S antigos Poetas fabulando  
 Inspirados por Deoses se fingirão,  
 Com o Olympo sonhárão, e mentirão  
 A falsos Numes torpes aras dando.

Eneas pio ao Bárathro levando;  
 Ver Eliza outra vez lhe permittirão;  
 E humas sombras, que ávidas o virão,  
 Memorarão o caso miserando.

Para honrar de seu canto a melodia,  
 Procurarão desta arte engrandecella,  
 E quasi forão tidos por divinos:

Eu mais fama darei á Poesia,  
 Se hum instante sonhar, Marilia bella,  
 Que são dos olhos teus meus versos dinos.

*A' mesma Senhora.*

SONETO V.

Cantar Marilia ouvi tão docemente,  
 Que o coração, prostrados os sentidos,  
 Imaginou, que até pelos ouvidos  
 Seus olhos o assaltavão de repente.

Entrava a doce voz tão brandamente,  
 Quaes entrão n'alma os olhos seus movidos  
 Com formoso desdem, quando rendidos  
 Piza desejos mil tyrannamente.

O poder milagroso da harmonia,  
 Que no peito em triunfo campeava,  
 Na mão por palma os olhos seus trazia.

Eu, que ao Carro fatal atado andava,  
 Se era vella, ou ouvilla não sabia,  
 Sei que os novos grilhões não estranhava.



*A' mesma Senhora.*

SONETO VI.

SE eu soubera, Marília, que vivia  
 O doce Amor nos olhos teus formosos,  
 Em meus sublimes versos numerosos  
 O dia de teus annos cantaria.

Qual brando Orfeo co'a força da harmonia,  
 Dos ingremes outeiros pedregosos,  
 As altas faias, álamos frondosos  
 Para ouvir-me cantar desprenderia.

Não cuides que vans fábulas invento,  
 Se vendo os olhos teus, teu rosto amado,  
 Do peito finto o coração fugir-me.

Antes, senão me engana o pensamento,  
 Farei que o Mundo todo namorado,  
 Qual fiquei de-te ver, fique de ouvir-me.

## SONETO VII.

C Heios de espeça nevoa os Horizontes,  
Espantofas voragens vem sahindo !  
Foi-se o Sol entre nuvens encubriendo,  
Voltando para o mar os quatro Ethontes.

Cahio a grossa chuva pelos Montes,  
Os incauros Pastores aturdindo ;  
E engrossados os Rios vão cubrindo  
Com embate feroz as curvas Pontes.

Com medonho estampido pavorosos  
Os longos écos dos Trovões soando,  
A rezar nos puzemos temerosos.

Parou a chuva ; correm suçurrando  
Os torcidos regatos vagarosos ;  
Não me atrevo a sahir, fico jogando.

## SONETO VIII.

**S**E, Beliza gentil, pudéra crer-te  
Exposto a todo o mal, todo o tormento,  
Esperára, voando o pensamento,  
Com suspiros, e lagrimas mover-te.

Ousado commettêra, em fim, render-te  
Sem a pena temer do atrevimento,  
Pois para ter desculpa o meu intento,  
Bastava ser a causa só querer-te.

Mas vivo tão cortado de desgosto,  
De desprezos, traições, e tyrannias,  
Que sonho cuido ser quanto desejo.

E nem á luz de teu sereno rosto;  
Com que meus tristes olhos alumias;  
Posso crer que te vejo, se te vejo.

## SONETO O IX.

A O som da Fonte-santa, que corria  
N'alva borda do tanque debruçado,  
De cansados desejos, já cansado,  
O triste Coridon adormecia:

Em doce sonho imaginando via  
De Beliza gentil o rosto amado,  
Que na trêmula vêa retratado  
Dos olhos cobiçosos lhe fugia.

Os torpes braços sem cessar movendo,  
Em vão aperta a límpida corrente,  
Em vão lhe está com lagrimas dizendo:

Se folgas de que morra hum innocente,  
Porque foges de mim, Ninfa, sabendo  
Que Amor me mata, quando estás presente?

## SONETO X.

Qual a mansa Novilha, que innocente  
Pelas pontas de louros enramada  
A duro sacrificio vai puxada,  
Sem temer a secure reluzente:

Só conhece que morre, quando sente  
O frio gume na cervis cravada,  
Então; mas tarde já, defenganada,  
Ao Ceo se queixa da malvada gente!

Taes, Beliza cruel, a teus ouvidos  
Voão meus rudes innocentes versos,  
Sem merecer desprezos, nem rigores;

Quando os virem porém enfurdecidos,  
Quando forem pizados, e dispersos,  
Debalde espalharão tristes clamores.



A' Senhora D. Maria Caetana de Sousa Seyão.

SONETO XI.

A Mor, que mil cilladas me traçava  
 Lá de trás de huma verde gelozia,  
 Com huns pequenos olhos me feria,  
 Com que os sentidos todos me assaltava.

Mal retinia a fréxa, que voava,  
 Já roto o pobre coração sentia;  
 E o sangue, que das vêas me corria,  
 Com lagrimas ardentes misturava.

Em vão fugir procuro, em vão desejo  
 Arrancar da ferida os passadores;  
 Cravados dentro n'alma me ficarão

E desde então, que sempre os olhos vejo,  
 Esses olhos pequenos, e traidores,  
 Que para me matar, me não matarão.

*A' Senhora D. Elena Filippa Xavier Navarra.*

SONETO XII.

**C**omtigo, Lydia, morão os Amores,  
 Morão as Graças, Lydia na verdade,  
 Que no reino de Amor a liberdade  
 Sempre viveo sujeita a mil temores.

De teus formosos olhos vencedores,  
 Amor as armas tem na claridade;  
 Como ha-de voar livre huma vontade  
 Por entre aljavas, arcos, passadores?

Ninguem solto se vê, se chega à ver-te;  
 Por mais livre que traga o pensamento,  
 Ha-de amar-te, servir-te, e obedecer-te.

Negar o captiveira não intento;  
 Pois inda que quizera não querer-te,  
 Nunca livre me vira, nunca izento.

## SONETO XIII.

**E** Spargindo dourados resplendores  
 De teus annos, angelica Maria,  
 Nasce o ditoso, o suspirado dia,  
 Dia das Graças, dia dos Amores,

Juncada a terra de orvalhadas flores,  
 Em final de prazer, e de alegria,  
 Das frautas alternando a melodia  
 Trávão corêas Ninfas, e Pastores.

Pelas concavas fragas retinindo  
 O brando som de versos sonorosos  
 Teu nome estão os montes repetindo.

E os Satyros campestres cobiçosos  
 De ver os olhos teus, teu gesto lindo,  
 Se pendurão dos álamos frondosos.

## SONETO XIV.

**A** Migo Frei Joaquim, assim te eu veja  
 Vigario de Pondá, ou Taprobana,  
 Assim voltas a barra Tagitana,  
 Que para seu cachopo te deseja.

Assim permitta o Ceo, assim proveja,  
 Que farto de charão, e porçolana,  
 Tragas veste, calção de linha Ousana,  
 Por Soli-Deo na tóla huma bandeja.

Assim Naire montado n'um Camêlo  
 Arrastando as gualdrapas pela rua,  
 Passes por Lisboa a pallapello.

Assim digas, assim por vida tua,  
 A quem sabes que adoro com disvelo,  
 Que est'alma dantes minha, agora he sua.

*Aos Annos do Coronel de Artilheria Frederico  
Weinholtz.*

SONETO XV.

Com foquere, lanada, e botafogo  
Armado vi Amor; tinha affestados  
Em platafórma cem canhões dourados,  
Com que ao Mundo fazia hum vivo fogo,

No serviço cruel, sem defafogo,  
Fervião seus aligeros soldados,  
As balas erão olhos magoados,  
O estridor das peças vivo rogo.

Eu, que o golpe temi de tantos dânos,  
Que he isto? lhes bradei, Moços traidores?  
Surtindo me respondem os tyrannos:

Weinholtz, que ao gésto lindo, q' aos ardores  
De Filis se rendeo, hoje faz annos;  
Tão bom dia festejão os Amores.



## SONETO XVI.

**O** Louro Chá no Bûle fumegando  
 De Mandarins, e Brâmenes cercado;  
 Brillhante açúcar em torrões cortado;  
 O leite na caneca branquejando.

Vermelhas brazas, alvo pão tostando;  
 Ruiva manteiga em prato mui lavado;  
 O gado feminino rebanhado,  
 E o píscio Ganimedes apalpando.

A ponto a meza está de enxaropar-nos,  
 Só falta que tu queiras, meu Sarmiento,  
 Com teus discretos ditos alegrar-nos:

Se vens, ou caia chuva, ou berre o vento,  
 Não póde a longa noite enfastiar-nos,  
 Antes tudo será divertimento.

## SONETO XVII

Depois de atar o pobre barco Alcido,  
 Alcido pescador do Tejo undoso,  
 Em quanto o bravo Noto procelloso  
 Revolve as negras ondas infestido

Entre limosas lagens recolhido,  
 De Dinameno o nome faudoso  
 Na liza boia de hum Chinchorro algofo,  
 Suspirando entalhou co' anzol torcido:

Depois tres vezes o beijou, dizendo:  
 Quaes serenão tens olhos meus pezares,  
 Teu nome o mar serene: e ao mar o lança:

Súbito o Ceo azul se ficou vendo;  
 Desfaz-se a branca escuma pelos máres;  
 Adormecem os ventos em bonança:

## SONETO XVIII.

**V**Ejo na vasta scena do futuro  
 Do tragico Destino a face acceza!  
 E de Espectros cobrir a redondeza  
 O nebuloso Ceo, o Pólo escuro.

Rasgar-me o peito, e coração figurado  
 Dá torpe Inveja a barbara fereza:  
 Da fome crua, esqualida pobreza  
 Em vão fugir desejo, em vão procuro.

Nada vale, constancia, e soffrimento;  
 Monstros feros, Cerastes assanhando,  
 Paciencia, e valor põem a tormento.

O que mais he, que a vida prolongando  
 Se ceva, e nutre o meu entendimento  
 Do espectáculo fêo, e miserando.

## SONETO XIX.

**N**uma sonora roda, que girando,  
Desmancha de seus raios a figura,  
Com delicada mão de neve pura  
A linda Natarea vi fiando.

O linho humedecer de quando em quando  
Co' a doce boca de rubim procura;  
Mas Amor, que cilladas aventuta  
Em torno ao louro fio anda voando.

Pezados sobre as azas meus Desejos  
O Capitão ousado vão seguindo  
Thé que a molhar o fio se inclinasse.

Bradou Amor; roubáráo-lhe mil bejos:  
Vê o triste os ladrões ir já fugindo,  
E pede-me que o furto lhe entregasse.

## SONETO XX.

A O brilhante poder do santo fogo  
 De teus formosos olhos vencedores,  
 Que do suave Tyrse são senhores,  
 Se acolhe humilde, meu humilde rôgo.

Que ampares, gentil Clori, peço, e rôgo,  
 Se podem commover-te meus clamores,  
 A quem chora da Sorte os desfavores,  
 Sem que em lagrimas ache desafogo.

O generoso coração inclina  
 Do teu, e nosso Tyrse, a que se dôa  
 Da moñina, e miserrima pobreza;

E qual Tyrse na Cithara divina  
 Teu lindo rosto angelico apregôa,  
 Cantarei de tua alma a gentileza.



*Ao Senhor Theotonio Gomes de Carvalho,  
Socio da Arcadia.*

## SONETO XXI.

**A**Nte meus olhos anda Amor voando,  
Não cruentos virotos espargindo;  
Mas triste, e magoado o rosto lindo  
Lagrimas crystallinas derramando:

Não ousado, e soberbo; humilde, e brando  
Esmola pede a tenra mão abrindo:  
Se lhe digo que espere; alegre, e rindo  
Me vai mil esperanças amoltrando.

Metto a mão na algibeira, acho só versos;  
De versos, me diz elle, quem se veste;  
Quem mata a crua fome com talentos?

Bem sei que os Fados tens achado adversos;  
Mas pede a Theotonio que te empreste  
Hum Dobráo de seis mil e quatrocentos.

*Aos Annos do Senhor Theotonio Gomes  
de Carvalho.*

## SONETO XXII.

**S** Alve formoso Dia, alegre Dia!  
Que os olhos viste abrir a Tyrse amado;  
Sempre sejas feliz, abençoado,  
Cheio de gloria, cheio de alegria.

A luz, que as tuas horas alumia,  
Mil vezes torne ao Téjo prateado;  
E o rôxo Sol no carro seu dourado,  
Atropelle os Frizões da Noite fria.

Formoso alegre Dia; pois nos deste  
Hum limpo coração, amparo, abrigo  
Da espantosa, miserrima pobreza!

Que dadiva do Ceo não nos trouxeste!  
Ah! que hum amigo, e na desgraça amigo  
Não o pôde fazer a Natureza.

*Aos Annos do mesmo Senhor.*

SONETO XXIII.

Não te direi que as Graças, q' os Amores,  
Com suave prazer, doce alegria,  
Salvando, caro Tyrse, o teu bom dia,  
Grinaldas tecem de mimosas flores.

Não te direi, q' as Ninfas, q' os Pastores  
Atroando a fragosa ferrania,  
Com singela, campestre melodia,  
Cantão os annos teus, os teus louvores.

Com vozes mais sonoras, e pungentes,  
Na choça estão de Corydon cantando  
A triste Mãe, os filhos innocentes:

Não ao som de aureas Lyras modulando;  
Mas com devotas lagrimas ardentes  
Pela vida de Tyrse ao Ceo clamando.

*Ao mesmo Senhor.*

## SONETO XXIV.

**N**ão louves, caro Tyrse, a rouca Lyra  
Do rude Corydon, triste forçado,  
Que á toste da Galé afferrollado,  
Se deseja cantar, chora, e suspira.

O lasso pensamento nunca tira  
Do duro remo, do grilhão pezado:  
Se se lembra do seu antigo estado,  
Attonito, e frenetico delira.

O mar a cada instante lhe apresenta  
Tragicas scenas de futuras mágoas,  
Mergulhando entre as ondas a Esperança:

E só tu, qual Santelmo na tormenta,  
Serenos tornas o furor das aguas,  
Lhe das alegres mostras de bonança.

## SONETO XXV.

SONETO XXV.

*Cor.* **F**aze versos, meu Tyrce, a linda Clara  
 Teus versos quer ouvir, teu doce canto.  
*Tyr.* Mas que versos farei, que possão tanto,  
 Que branda torne minha forte avara?

*Cor.* A luz dos olhos feus formosa, e clara  
 Foi quem n'alma te deo fatal quebranto.  
*Tyr.* São o doce veneno, são o encanto,  
 Com que Amor as cadeias me prepara.

*Cor.* Teus ais magoados, teus fieis ardores  
 Poderão abrandar tanta dureza:  
 Suspira, que bem ouve os teus clamores.

*Tyr.* Se suspiros abrandão a belleza,  
 Brandos espero ver, cheios de amores,  
 Os olhos, em que viçe esta alma preza.



*Ao P. Francisco José Freire da Congregação do Oratorio , e Socio da Arcadia , mandando-lhe pedir tabaco Hespanhol.*

## SONETO XXVI.

**Q**uaes as portas de Jano afferrollhadas  
 Onde preza mugia a Guerra dura,  
 O esfaimado nariz o coice atura  
 Do teimoso vaivem das más pitadas.

As pretas sobtrancelhas carregadas,  
 Com torvo gésto, fêa catadura,  
 Sorvo, e torno a sorver; e a mão já fura,  
 Em vez de abrir as ventas desfloradas.

De balde o marrafão empurro, e metto;  
 Alojado na brexa o mormo grosso,  
 Com hum rodeiro maço atocha o taco.

O remedio será corno, ou espeto,  
 Se me não mandas já por esse môço  
 Do macio Hespanhol louro tabaco.

## SONETO XXVII.

**N**uma Galé Mourisca afferrolhado,  
Ao som do rouco vento, que zunia,  
Sobre o remo cruzando as mãos dormia  
O laço Corydon pobre forçado.

Em agradaveis sonhos engolfado,  
Cuidava o triste, que o grilhão rompia,  
E que entre as ondas Lilia branda via  
Talhar c'o branco peito o mar salgado:

De vella, e de abraçalla cobiçoso  
Estremeceo, tentando levantar-se,  
E os fuzis da cadêa retinirão:

Acordou ao motim; e pezaroso,  
Querendo á rude chufma lamentar-se,  
Só mil suspiros, só mil ais lhe ouvirão.

*A' Calva do Padre Antonio Delfim,  
amigo do Author.*

SONETO XXVIII.

**E**Ra alta a noite, a Lua prateada  
 Já no sereno Ceo resplandecia;  
 E a corrente do Tejo parecia,  
 De ferventes estrellas marchetada.

Então Canidia bella; destoucada  
 Descalço o lindo pé, filtros urdia,  
 Em torno de huma loisa, que se abria  
 De medonhos Espectros rodeada.

Regougavão no cume dos outeiros  
 Esfaimadas Raposas; na Floresta  
 Lhe respondião Mõchos agoureiros.

Brama Canidia; e ós Lémures ligeiros  
 Unhar mandou do bom Delfim na testa  
 De finado cabello alguns milheiros.

*Ao Padre Delfim.*

## S O N E T O XXIX.

Foi-se embora o Delfim! Como ficamos?  
 Ah tyranno Delfim, que nos deixaste!  
 Comigo o prazer nosso nos levaste,  
 Por ti afflictos sem cessar chamamos.

Em vão cãçadas lagrimas choramos?  
 Desta pobre choupana te enfadaste?  
 Depois que a nossos olhos te negaste,  
 Nem comemos, nem rimos, nem dançamos!

Escure nos parece a luz do dia!  
 Da triste noite os fúnebres horrores  
 Inda fazem maior nossa agonia!

Tudo se nos mudou em dissabores!  
 Agua servendo para nós he fria,  
 O Chá de tres mil reis, he Chá de dores!

*A' Calva do mesmo.*

SONETO XXX.

**A**O pellado Eliseu a tapazia  
 (Enxâme de formigas inquietas)  
 Com apupos batendo-lhe palmetas:  
 Ergue-te, ó calvo, em chusma lhe dizia.

O pobre com a capa se cobria;  
 E deitando a correr, as çapatetas  
 No calcanhar tangião castanhetas,  
 Cujo som pelas ruas retinia.

Assim, crêca Eliseu, Delfim Antonio,  
 Fugiste de entre nós a passapello?  
 Parece que foi cousa do Demonio!

De cada vez te falta mais cabello:  
 Clerigo calvo, he Clerigo bolonio;  
 Mas ainda assim, tomáramos nós vello.



*Ao Padre Delsim.*

SONETO XXXI.

Não se paga de versos a laudade,  
 Nem de relya se farta o manso gado;  
 O campo, que do gelo foi crestado,  
 Não torna a rebentar co'a tempestade.

Se queres que te creião, se he verdade,  
 Que este Cirio te deve algum cuidado,  
 Não estejas em casa encoquinado;  
 Foge, foge da misera Cidade.

Estes campos te esperão com mil flores;  
 A Fonte-santa seus crystaes defara;  
 Sem ti o nollo pranto se não sécca;

Desprêzas o agazalho de Pastores?  
 Pois se de apparecer aqui não trata,  
 Fazemos-lhe lequestro na Rebeca.

*Ao fogo que bouve em Alcantara n'um grande  
 monte de tojo, alludindo á Calva  
 do Padre Delfim.*

## SONETO XXXII.

**P**or entre crespas derras de enrolado  
 Negro fumo, o clatão se despargia  
 De hum incendio voraz, que á vista ardia  
 Do Dono da fogueira decorado.

Soavão crebros golpes do machado,  
 Com que a Meltrança intrepida batia:  
 A pezada calcera retinia:  
 Estava immenso povo embasbacado.

Achicavão as bombas sequiosas:  
 Marcha em fileiras a guerreira gente:  
 Nunca ao Ceo se viu Lua tão alva!

Co' reflexo das chammas luminosas,  
 Brilha do Téjo a tumida corrente;  
 Qual brilha do Delfim ao Sol a calva.

*Ao Padre Delfim.*

## SONETO XXXIII.

Quem vio o P. Antonio? hum Clerigo alvo,  
 Olhos azues, as faces mui rosadas,  
 Castanhas as melenas estiradas,  
 E na burnida testa hum pouco calvo?

Quem mo trouxer aqui a são, e salvo,  
 Certo, não perderá suas passadas:  
 Na verdade, que ha horas minguadas!  
 E deixei-o fugir? sou hum papalvo!

Vai tu, Manoel, pergunta a toda a gente,  
 Se conhecem hum Padre rabugento,  
 Que gosta de viver alegremente?

Anda, rapaz, ligeiro como hum vento;  
 Vai prêgar hum eírrito a São Vicente,  
 E põe outro na rua de São Bento.

*A' Calva do mesmo.*

SONETO XXXIV.

**C**Om a mão na rabiça, e co' aguilhada  
 O colono Villão os bois picando,  
 Abre o comprido rego, a terra arando,  
 Que quer de louro trigo semeada.

Depois de grossas chuvas orvalhada,  
 Rebenta a verde cana levantando;  
 E no quente Verão, do vento brando  
 Sussurra levemente meneada.

Então os encalmados segadores  
 Lançam por terra os esquadrões viçosos;  
 Da carnagem cruel nenhum se salva:

Affim andão Demonios malfeitores,  
 Ceifando nas cabeças de tinhosos;  
 Affim Delfim a tua se fez calva.

*Ao Padre Delfim.*

SONETO XXXV.

*M.<sup>el</sup>* **A**ppareceo o Padre Antonio ; estava  
Escondido n'um côvo de gallinhas ;  
Para caber metteo-se de gatinhas,  
E nem que pinto fôra assim piava.

*Eu.* Quem ? o Padre Antonio , que tocava  
Diversos minuets , e modinhas ,  
Cuja calva em funções de Ladainhas  
Entre cinzentas crôas alvejava ?

*M.<sup>el</sup>* Esse mesmo. *Eu.* Quem fez tão bom achado ?

*M.<sup>el</sup>* Certo atravessador , que mui contente ,  
Entre capões o tinha pendurado ;

Mas vio , que lhe dizia toda a gente :  
Como está manso pelos pés atado ;  
Se o soltarem , vai dar a São Vicente.



*Ao Padre Delfim.*

## SONETO XXXVI.

**T**ambem me lembra a mim, que já tiveste  
 Mais cabello na calva luzidia;  
 E me lembro tambem, de q'algum dia  
 De vir comnosco estar gôsto fizeste:

Nem me esqueço de quando nos tangeste  
 (Por final que cigarra parecia)  
 A rebeca, que a todos aturdia  
 Até que coutadinho endoudeceste.

Desgraçado Delfim! Eras bom homem.  
 O mofino do moço deo-te olhado,  
 Foi o mesmo que ver-te Lobishomem:

Agora andas cumprindo com teu fado;  
 Só gostas de comer o que elles comem,  
 Depois de digerido, e transmutado.

*A' Calva do Padre Delfim.*

SONETO XXXVII.

**P**Or Cerastes, e Górgonas lançada,  
Do mirrado Cassini á sombra fria,  
Passa do lago Averno a gritaria  
Sobre as azas da Noite reclinada.

Das veneraveis Deosas avexada  
Teme não rompa sedo o claro dia,  
E acossada dos cães freme, assovia,  
Tremendo a terra toda de assustada.

Silvada vaga assim de rua em rua,  
E ao som medonho da infernal calceta  
Subito quebra o somno mais profundo:

Vem buscar do Delfim a calva nua  
Para traçar o giro de hum Cometa,  
Que ha de crestar a grenha a rodo Mundo.

*Ao Padre Delfim.*

## SONETO XXXVIII.

**I**Nda a vermelha Aurora somnolenta,  
Os olhos esfregando, mal abria  
A dourada Manhã, e a luz do dia  
No Téjo se encoitava macilenta.

Das nuvens o theatro representa,  
Iris formosa, que fugir se via  
Do socegado mar da Trafaria,  
Triste final da proxima tormenta.

Quando tres, quatro, seis, e oito vezes  
O inquieto Delfim por mim chamava,  
Os lombos despegando-me do leito.

Fallou, tocio, tocou, e em taes revezes,  
Quando cuidei que socegado estava,  
Fez-me os versos fazer, que tenho feito.

*Ao Padre Delfim.*

SONETO XXXIX.

Qual saudosa Mãi, que da ribeira  
 Bradando afflicta, em lagrimas banhada  
 Co' amado Filho, de quem era amada,  
 Vê da praia fugir a não ligeira.

Tal nossa saudade verdadeira  
 De te não ver aqui desesperada,  
 Sente que da afflicção a alma cançada  
 Está chegando á hora derradeira!

Tristes, mudos, afflictos, e chorosos  
 Huns para os outros, nem se quer olhamos:  
 Que longos são os dias invernosos!

E se ás vezes as trombas levantamos  
 Pelo Padre Delfim, delle saudosos  
 Huns aos outros a medo perguntamos.

*Ao Padre Delfim.*

SONETO XL.

**Q**' He d'elle o Cabeção do P. Antonio?  
 Onde tem o chapeo, mais a bengalla?  
 Francisca, vê se podes apanhalla:  
 Fugir-nos se intentava, era bolonio.

Ora anda, rapariga do Demonio;  
 Espera, escuta, se resona, ou falla:  
 Acordaste-lo? Valha-te huma balla;  
 Pois perdeu duas Missas Santo Antonio.

Deos te salve, Delfim, muito bons dias:  
 Queres Chá, ou Café? A Misses Rosa  
 Tem ordem de fazer-nos as fatias:

Quanto esta manhã fresca he deliciosa,  
 Quanto de Inverno são as noites frias,  
 Para nós tua vista he saborosa.



*Ao Padre Delfim.*

SONETO XLI.

**A**Migo Padre Antonio, a Fonte-santa  
Sem ti não vale nada: descontentes  
Convidados, amigos, e parentes,  
A todos má tristeza nos quebranta.

A mim, pobre de mim! já me ataranta  
Ouvir súplicas tão impertinentes:  
Huns dizem, que virás; outros, que mentes,  
Que deixaste o bordão, que tezo canta:

Ora vem, bom Delfim, verás louraças,  
Magotes, e magotes de mulheres,  
Humas assim assim, outras caraças:

Sége te mandarei, se sége queres;  
Não te peço senão, que agora faças,  
O que fizeste já n'outros Prazeres.

*Ao Padre Delfim.*

SONETO XLII.

**A** Migo, fallo sério, saudoso  
 Pelo nosso Delfim todos chamamos,  
 A's portas, e janellas perguntamos,  
 Que feito foi de ti, de ti queixosos.

Sempre os olhos trazemos lagrimosos,  
 E crestados do pranto que choramos:  
 A's mangas sem cessar nos assoamos,  
 De cada vez nos vemos mais ranhosos.

Não desprezes, Delfim, o amor ardente  
 De teus velhos amigos, coutadinhos,  
 Que sem ti Sol não achão, que os aquente.

Quaes pião pela Mãi os pintainhos,  
 Assim chama por ti toda esta gente,  
 Parentes, convidados, e vizinhos.

## SONETO XLIII.

**N**A solitaria praia a ruiva arêa  
 Com a luz da manhã resplandecia;  
 De inquietas estrellas se cubria  
 O fundo pégo, que sonoro ondêa.

De branca espuma na cêrlea vêa  
 O gado de Protheu sulcos abria;  
 Glauco da barca as redes desprendia,  
 O lança consagrado a Galatêa.

Mas suspendeo as Chinxas affustado,  
 Vendo boiar do Téjo n'agua pura  
 O Coral rôxo, o Múrice dourado.

Ouve huma voz bradando: „ Quem procura  
 „ Profanar este dia consagrado  
 „ Da engraçada Corina a formosura?

*Aos Annos da Senhora D. Maria Eufrasia.*

SONETO XLIV.

**P**izando mil estrellas radiantes  
 As celestes Virtudes vem descendo:  
 Com as candidas mãos crôas tecendo  
 De louro não, de immensos Soes brilhantes:

Em sonora cadeia de diamantes  
 O Tempo voador estão prendendo;  
 A' longa eternidade obedecendo  
 Quietos os aligeros Instantes.

Do fulvo Téjo as Ninfas q'admirarão  
 A luz, que pelas aguas se estendia,  
 Humas ás outras com prazer lembrarão,

Que as eternas Virtudes neste dia  
 Para habitar, dos altos Ceos baixarão,  
 No coração heroico de Maria.

## SONETO XLV.

**H**ontem se foi daqui Nize formosa,  
 Nize nosso prazer, nossa alegria:  
 Tornou-se em fea noite o claro dia;  
 Cubrio-se o Sol de sombra pavorosa.

Até a clara fonte saudosa  
 Inconsolaveis lagrimas vertia:  
 E a tarde, que mil ditas promettia,  
 Oh quão triste nos foi, quão amargosa!

Neste espanto fatal hum desgraçado,  
 Que por Nize em amor todo se inflâma,  
 De Nize tão cruel affim se queixa:

Se o Mundo todo fica tão mudado,  
 Quando foges de quem em vão te chama,  
 Ou não vás, ou teus olhos cá nos deixa.



*Aos Annos da Seubora D. Camilla;*

SONETO XLVI.

**D**Oze vezes o Sol com seus fulgores  
De teus annos dourou, Camilla, o Dia;  
E doze vezes cheios de alegria  
Empennárão as settas os Amores.

Croada a Primavera de mil flores,  
Pelos campos aromas espargia:  
O mesmo Ceo de estrellas se cobria:  
Brilhavão da Virtude os resplendores.

Jazem na fresca relva os armentíos;  
E os Pastores tocando nas avenas,  
Modulão o teu claro nascimento:

Murmurão brandamente os alvos rios;  
Correm sonoras fontes mais serenas:  
Tudo respira em fim contentamento.

*A luma Senhora, a quem o Author chamava  
sua Mãe.*

## SONETO XLVII

**C**Omigo minha Mãe brincando hum dia,  
A namorar c'os olhos me ensinava;  
Mas Amor, que em seus olhos me esperava,  
Com mil brilhantes farpas me feria.

De quando em quando mais formosa ria,  
Porque incapaz do ensino me julgava;  
Porém tanto a lição me aproveitava,  
Que suspirar por ella já sabia.

Em poucas horas aprendi a amalla:  
Ditofo se tal arte não foubera,  
Não me custára a vida não logralla.

Certo, que aprender menos melhor era;  
Pois não foubera agora desejala,  
Nem de tão louco amor enlouquecêra.

*A Jeronymo Henriques de Sequira.*

SONETO XLVIII.

**D**outor Henriques, o Garção doente  
 Vai-se achando peor, a febre atura;  
 A face cada vez está mais dura,  
 Tratando mal de mim toda esta gente:

Cuido que vejo a fouce reluzente  
 Na descarnada mão da Morte escura  
 Ante os olhos girar, e a má figura  
 Bem certa de vencer, mostrar-me o dente.

Hum bando de atrocissimos peccados  
 Rezenha estão fazendo em outra parte,  
 Terço de Tabareos mal encarados:

Que poderei fazer senão chamar-te?  
 Teu Nome, se me livras de cuidado,  
 Cantando espalharei por toda a parte.

## SONETO XLIX.

**T**Res vezes vi, Marilia, de alva Lua  
Cheio de luz o rosto prateado,  
Sem que dourasse o campo matizado  
A linda aurora da presença tua.

Então sobindo á ferra calva, e núz,  
De hum ingreme rochedo pendurado,  
Os olhos alongando pelo prado,  
Chamava, mas em vão, a Morte crua.

Alli commigo vinhão ter Pastores,  
Que meus suspiros fervidos ouvião,  
Cortados do alarido dos clamores:

Tanto que a causa de meu mal sabião,  
Julgando sem remedio minhas dores,  
Por não poder-me consolar, fugião.

## SONETO L.

**L** Acaios, e mulheres, filhos, criadas,  
Todas clamando estão pelas fogueiras,  
Quaes gritão marafonas regateiras,  
Pela taxa, ou tributo alvoroçadas.

O cotão sacudindo, despejadas  
Lhe mostro sem paraca as algibeiras;  
Ellas, que são ladinhas, e matreiras,  
Trazem papel, e pennas aparadas.

Que te escreva me pedem, que te peça  
Para cabeças, ou barrís dinheiro,  
Que o Luiz irá lá a toda a preça.

Que remedio! Despacho hum caminheiro,  
Pois temo, que me queimem a cabeça,  
Ou me ponhão por masto no terreiro.



## SONETO LI.

**J**Á de trás do casal vem resurgindo  
 O Pedro, e Fr. Joaquim; eis que da Fonte  
 Rebenta o bom Mardel no preto Etonte,  
 E co' chapéo na mão se vem já rindo.

Na janella apparece o rosto lindo,  
 Que não he justo, amigo, que te conte;  
 Saltáo os dous a terra alli defronte;  
 As raparigas vão de cá sahindo.

Jaz Francisco Raymundo de barrete  
 Em trages de Confucio, ou de Mafoma,  
 Os gentis olhos baixa Aonia santa.

O Pedro cofre a mão pelo topéte,  
 Depois de cochichar o Chá se toma;  
 Eis-aqui o Lanrúm da Fonte-santa.

## SONETO LII.

**I**nda que abrindo a boca o Mar irado,  
Os dentes mostre em borborões de espuma;  
Ou nos abyfmos rapido se fuma;  
Ou caia das estrellas despenhado:

Inda que o Oceano denodado,  
Co' grão Tridente dardejar prefuma;  
E que o misero corpo me confuma,  
De ceruleos Delfins atassalhado:

Inda que Europa, com fragor estranho,  
Sumergindo-se seja a campa minha,  
Servindo-me os Antipodas de lastro:

Qual impavido Seneca no banho  
Com os dedos fazendo tisourinha,  
Repetirei a historia de Alencastro.

## SONETO LIII.

SE como tu, Amor, mandas, e queres  
 Que admire de Tyrcea a formosura,  
 Igual á que me abraza chamma pura  
 Em seu peito invencivel accenderes:

Se em seus divinos olhos tu pudéres  
 Claros sinais mostrar-me de ternura;  
 Se em vez de ingrata ser, e ser tão dura,  
 Que benigna me attenda, em fim venceres:

Então direi, Amor, que és poderoso,  
 Que te he devida nossa idolatria,  
 E que podes fazer-me venturoso:

Mas receio que Tyrsea ingrata, impia,  
 Cedendo a meu destino rigoroso;  
 Destes suspiros faça zombaria.

*Ao Terremoto do primeiro de Novembro  
de 1755.*

SONETO LIV.

**A** Fortunado Eneas, que sahiste  
Da destruida Troia, carregado  
Com o pezo feliz do Pai amado;  
E assim as leis do sangue bem cumpriste.

Tambem nessa piedade resististe  
Ao direito fatal do injusto Fado;  
Se viste o patrio ninho destroçado,  
Salvo, quem te deo fer, ditoso viste.

Os Penates, os Socios transportaste  
Ao Lacio porto, aonde achaste abrigo,  
Onde hum novo Paladio collocaste.

Eu provei mais cruel Fado inimigo:  
A Patria vi arder: Tu a salvaste;  
Mas eu perdi o Pai, perdi o Amigo.

*A sua Mulher a Senhora D. Maria Anna Xavier  
de Sande e Salema.*

## SONETO LV.

A O som dos duros ferros, que arrastava,  
A Lyra de ouro Coridon tangia,  
De Marcia o doce nome repetia;  
Mas no meio do canto soluçava.

No rosto macerado, que enfiava,  
O lagrimoso pranto reluzia;  
E nos olhos, que aos altos Ceos erguia,  
O pensamento intrepido voava.

Não se affombra de ventos insoffridos,  
Nem com ousado lenho arar intenta  
O Pólo do futuro nebuloso:

Menos chora terrenos bens perdidos:  
De pouco hum peito grande se contenta:  
Antes quer ser honrado, que ditoso.



## SONETO LVI.

**C**ujos Brontes estão arregaçados  
 Batendo o rubro ferro, e retinindo  
 Os rijos malhos, vão ao ar subindo  
 Estellantes coriscos enrolados.

Ao fuzilar dos golpes, pendurados  
 Aparecem mil Elmos reluzindo;  
 Na forja a labareda está zunindo,  
 Impellida dos folles engelhados:

Crystallino fuór alaga a testa  
 Do côxo mestre; a calma da officina  
 A' fresca Viração as azas cresta.

Forjavão huma setta colubrina;  
 Eis entra Amor, e diz-lhe que não presta  
 A' vista dos bons olhos de Corina.

*A' Morte de Felis Coutinho.*

SONETO LVII.

**E** Spirito gentil do Esposo amado,  
 Que sobre as azas de Virtudes santas,  
 Muito allima dos astros te levantas  
 Do miserrimo corpo desatado:

Ante o folio de estrellas recamado,  
 Já do grande Adonai o Nome cantas:  
 E do perpétuo dia não te espantas,  
 Que a nossos mortaes olhos he vedado.

Se o purpúreo semblante a nós volvendo,  
 (Nova Constellação resplandecente )  
 A terra, lá do Céu, inda estás vendo;

Não te canfes de nosso amor ardente,  
 Que este pranto, que vês estar correndo,  
 Que viva cá sem ti, me não consente.



SOMME DE L'UN

En l'année de l'Église...  
On observe que...  
Cela prouve...  
Le résultat est...

Il est évident que...  
Cela démontre...  
On peut conclure...  
Le fait est que...  
C'est évident que...  
Il est clair que...  
On voit que...  
Cela prouve que...  
Le résultat est...

Il est évident que...  
Cela démontre...  
On peut conclure...  
Le fait est que...  
C'est évident que...  
Il est clair que...  
On voit que...  
Cela prouve que...  
Le résultat est...



Aos Fidalgos , que protegião o Theatro  
do Bairro Alto.

## ODE PINDARICA .I.



### STROFE.

Não Arabico incenso , ouro luzente ,  
Nem pérolas do Ganges ,  
Não tenho que offercer-vos reverente :  
Malhas , arnezes , punicos alfanges ;  
Mas soberbas Phalanges  
De almos Hymnos Dirceos, q'immortaes tecem  
Mil croas á Virtude , me obedecem.

### ANTISTROFE.

Fuja o profano Vulgo , qual nos montes  
O rebanho medroso ,  
Quando vê fuzilar nos horizontes  
O farpado corisco pavoroso ,  
Ouve o trovão ruídofo ,

Cor-

Correndo pelo valle se derrama,  
E em seu balido o Pegureiro chama.

## E P O D O.

Nos mansos ares vejo  
Já sobre as azas lucidas pezados  
Meus fogosos Etontes, que banhados  
No doce, flavo Téjo  
Os freios de diamantes mastigavão,  
Quando as Ninfas de rosas os croavão.

## S T R O F E.

Esta, que afino Cithara famosa,  
Deo-ma o Cysne do Ísmeno;  
Cujó canto em Elia victoriosa  
Foi sempre ás Musas mais, q' ao Pindo ameno  
Com semblante fereno  
A mão nas aureas cordas me firmava,  
E ás Argivas Canções me acostumava.

## A N T I S T R O F E.

Assim digno me fez do levantado  
Assumpto magestoso,  
A quem hoje me inspira a luz do Fado,  
Que em meus versos lhe erija altar glorioso:  
Brame o Tempo invejoso,  
A fouce morda, e ameace danos;  
Mas meus versos dominão sobre os annos.

## E P O D O.

Canto a illustre, e clara



Descendencia de Heroes, que a Lusa terra,  
 Ou na dourada Paz, ou dura Guerra  
 Fizetão mais preclara:  
 Cuja fama em relampagos diffuza,  
 Ainda fulmina os campos de Ampeluza.

## STROFE.

O heroico, e real sangue vos inflama,  
 Que regou derramado,  
 Louros, e palmas, que cultiva a Fama  
 Nos espantosos montes do Salado.  
 O barbaro espantado  
 Deixa, fugindo á ultima ruina,  
 Arrazadas de luas a campina.

## ANTISTROFE.

Que eterna gloria! Immenſa luz ſcintilla  
 Nas aras da Memoria!  
 Alli Farrobo vejo, e vejo Arzila,  
 Destroçados deſpojos da victoria!  
 Da Luſitana Gloria  
 Eſcravas gemem, moſtrão de horror cheias,  
 Ceuta, Larache, e Tangere, as cadeias.

## EPODO.

Para ſurgir no Oriente,  
 Do patrio ninho impavida fugindo  
 Eſta ſonoras vélas deſferindo  
 A brava Luſa gente.  
 Arando o Gama vai ſem temer Juno  
 Os inhospitos campos de Neptuno.

STRO-

## STROFE.

De Albuquerque, Almeidas, Castros fortes,  
 Que feitos não pregôa  
 A honrosa tradição, que espanta a Morte,  
 Q'além dos tempos derradeiros vôa!  
 Aísa respeita em Gôa  
 O nome Portuguez, luzes divinas,  
 Que humilde adora nas sagradas Quinas.

## ANTISTROFE.

De tão honrados inelytos maiores  
 Vós, Netos generosos,  
 Do fado das batalhas sois senhores:  
 Illustres cavalleiros victoriosos,  
 Espiritos briosos  
 Vos inspira o ardor que vos inflâma,  
 Té o grão Templo conquistar da Famz.

## EPODO.

Mas já do batel pobre  
 Sinto a quilha gemer; o debil lado  
 Dos ventos, e das ondas açoutado  
 De alva espuma se cobre:  
 Remos não tem, não tem faroes, que o rejão,  
 De balde as vélas contra o mar forcejão.

## STROFE.

Tempo, tempo virá, que as desprezadas  
 Mulas do patrio Téjo,  
 Por vossas mãos benignas levantadas

No

No porto vão furgir, q' inda não vejo:  
 Então, então sem pejo  
 Em grave scena adereçando a Historia,  
 Mostrarão quanto pôde o amor da gloria.

## ANTISTROFE.

Calçando o humilde Socco, ao feio Vicio  
 A mascara rasgada,  
 Hão-de ensinar no Comico Exercício,  
 Como Verdade do alto Ceo mandada.  
 De rosas coroada  
 Sans máximas dictando ao povo rude  
 Espalhe os claros raios da Virtude.

## E P O D O.

O jugo vergonhoso,  
 Os cepos, em que jazem prizioneiras,  
 Como escravas das Musas estrangeiras,  
 Com animo brioso  
 Desejão facudir: serão louvadas,  
 Dignas então de vós, por vós honradas.

*A' Senhora D. Maria Joaquina de Gusmão  
e Vasconcellos.*

## ODE II.

**P** Eleiiei, peleiiei (e não sem gloria)  
Nas barbaras, indomitas Phalanges  
Do forte domador de humanos peitos  
Infano Amor potente.

**A** triunfal carroça acompanhando,  
Angelicos cabellos ennastrados  
Com Mirto, e rosas; de córado pejo  
Os alvos rostos tintos:

Mil garridas, mil candidas Licores  
Vencedor me jurarão, me rendêrão  
Do rizo, e do prazer, no Capitolio  
Humilde vassallagem.

Mas o tempo voôu; agora manda  
A nevada Prudencia, que amainando  
As vélas enfunadas, surja o lenho  
Em socegado porto.

Larguemos pois ativos ardimentos  
Os soberbos Troféos. Eia larguemos  
Arrastadas bandeiras, rotas armas,  
Iliacas escravas.

Aqui neste despido freixo annofo  
Fique a sonora Lyra pendurada,  
Qual no Templo suspende o naufragante  
Os humidos vestidos.

Para ser mais solemne o sacrificio  
Em vergonhoso Cadafalso queime  
Arrependida mão Odes, Sonetos;  
Espalhe o vento as cinzas.

Ondada crepitante labareda,  
Entre serras de fumo lance aos ares  
O solto sprito de meus versos tristes,  
Q' em raio se converta.

Com medonho estridor desça inflammado,  
Os fragosos outeiros abalando;  
Assombre o peito de Marilia ingrata,  
Da perfida Maçilia.



*Sendo convidado o Author para assistir a hum pouco de Ponche , que se havia de fazer no outro dia ; elle quando veio trouxe esta Ode. A Lydia com que falla , he a do Soneto XII. e a Marilia , a do Soneto II.*

### O D E III.

**P**Ois torna o frio Inverno , facodindo  
Das estridentes azas gelo agudo ,  
As retalhadas mãos , amavel Lydia ,  
Aqueçamos ao fogo.

Em quanto pelos montes , que branquejão ,  
As crySTALLINAS cans d'annos troncos  
Com os raios do Sol estão brilhando ,  
Quaes brilhão de Marilia ,

Da travêssa Marilia , os ledos olhos ,  
A' chaminé hum pouco nos sentemos :  
Já silvando entre ondadas labaredas  
A secca lenha estála.

Conversemos , bebamos , murmuremos :  
Comtigo as Graças vem , comigo Amores ,  
Que no vatriado lar ao lume seccão  
As orvalhadas pennas.

Os froxos arcos bocejando largão,  
 E nas crueis aljavas reclinados,  
 Porque vélaõ de noite, somnolentos,  
 (Coutados!) adormecem.

Ferve o cheiroso Ponche, que desterra  
 A pezada tristeza, os váos temores,  
 Que deixa voar solto o pensamento  
 Nas azas da Alegria.

Reluzindo na meza os crystaes limpos,  
 Nos pedem que bebamos, que brindemos:  
 Ora bebamos, Lydia; deixa aos Astros  
 O governo dos Orbes.

Não queiras triste penetrar a densa  
 Caliginosa nevoa do futuro:  
 Não percas hum instante de teus dias;  
 Olha, que o tempo vôa!

Voão com elle nossas esperanças,  
 Castellos sobre nuvens levantados!  
 A mais pomposa Scena da Fortuna  
 D' improvizo se troca!

Apenas vi raiar hum doce rizo,  
 No angelico semblante de Marilia,  
 Dos olhos me fugio o lindo gesto  
 Que os olhos me levava.

Qual sonhado thesouro em negra cinza,  
 Se tornou todo o meu contentamento:  
 Ah, Marilia cruel! que te custava  
 Trazer-me neste engano?

Voai, feri, Amores, essa ingrata;  
 Fazei-a suspirar por quem lhe fuja:  
 Prove tormento igual a meu tormento:  
 Em vão, em vão se queixe.

Perdoa, Lydia, se blasfemo, e grito,  
 Que Ponche tambem faz dizer verdades:  
 He Marilia formosa; mas ingrata....  
 Creio que o tempo muda.

*A' Virtude.*

## O D E IV.

**L**igado com asperrimas algemas  
 Ao rigido penedo ;  
 Com hum agudo cravo de diamante  
 O peito traspassado ;  
 Convulso o rosto , e tinto em negro fangue ,  
 Que brota da ferida ;  
 As sonoras pancadas do martello ,  
 Com que bate Vulcano  
 Nas cavernas do Caucaço retumbão :  
 Porém constante , e forte  
 Não geme Prometheo ; antes accusa  
 A Jupiter de ingrato :  
 Innocente se julga ; á força impia  
 Não cede do Tyranno.  
 Assim , assim , a misera pobreza ,  
 A contraria fortuna  
 Deve immovel soffrer huma alma grande ,  
 Oh Souza esclarecido !  
 Varra o credor soberbo a pobre casa  
 Co' desabrido Alcaide ;  
 Dorme no duro chão tão descansado ,  
 Como no leito brando ,  
 O intrepido Varão , que do Destino  
 Próva os fataes revezes.

Co' a dourada Carroça o molle Eunucho  
 O pize, ou atropelle,  
 Não lhe inveja a riqueza: Que outrem lavre  
 Nas ribeiras do Têjo  
 C' os malhados bezeros longa terra,  
 Não lhe acorda a cobiça.  
 Vente embora do Sul; cahindo açoite  
 Ao negro mar que brada.  
 O pluvial Arcturo; a vara creste  
 Do podado bacelo  
 Espessa chuva de arida faraiva,  
 Nada lhe abala o peito.  
 Enroscada no braço macilento  
 A venenosa Serpe  
 Chegue ao seio cruel a triste Inveja;  
 E a perfida Mentira  
 C' os titubiantes beijos o crimine,  
 Rirá no Cadafalso.  
 Só dos delictos póde o vil remorso  
 Mudar-lhe a côr serena  
 Do tranquillo semblante: A mão potente  
 De quem o fez, só teme.  
 Os homens não recea, que a Virtude  
 O coração lhe anima,  
 E a consciencia sã, a fé intacta,  
 Os austeros costumes.  
 Não fantasticas honras isto ensinão.  
 Assim dourão a morte  
 Os Uticenses, Regulos, os Marios,  
 A pezar do sepulcro.



Sobre as azas do Tempo assim passaráo  
As Lethargicas ondas  
Do rio somnolento. Assim croado  
De Gangeticas palmas,  
O destemido Castro n'alta ferra,  
Que Templo foi de Cinthia,  
Retirado vivia: a mão invicta,  
Gloria, e terror da Asia,  
Os silvestres arbustos cultivava,  
Subjugando a vaidade.  
Passe á Gineta o timido guerreiro,  
Que com as armas limpas  
Da batalha fugio espavorido;  
Porque do sangue antigo  
A arvore apresenta. Ainda que honrado,  
O desvalido mostre  
As rôxas cicatrizes das feridas,  
Que soffreo pela Patria,  
Dizia o grande Castro. O Lisongeiro  
Estudando o segredo  
De agradecer desprezos, não se affaste  
Da sala do Ministro.  
Alli dourando o Sol os altos montes  
Na madrugada veja;  
Alli o deixe a Lua, que vermelha  
No horizonte mettida,  
Estende os froxos raios pelas ondas;  
Se com pública fraude  
Ao miseravel Orfão a capella  
Subnegar-lhe pertende.

Aspire á Béca o julgador iniquo,  
Q' aos olhos da Justiça  
Roubou a santa venda, que equilibra  
Nas vendidas balanças  
Os dourados delictos. Soffra, e busque  
A vergonhosa Scena  
Da subita catastrophe o Privado,  
Que o rosto não conhece  
Da Clara Fama, da Immortal Memoria,  
Da Honra, e da Virtude.  
Mas qual Marpezia rocha, hum peito forte  
Não roga, não se abate.

*A' Virtude.*

## O D E V.

O Constante Varão, que justo, e firme  
 Da difficil Virtude segue os passos,  
 O pezado semblante do Tyranno  
 Não teme, não estranha.

Veja ferver o chumbo, erguer as cruces;  
 Ouça afiar na pedra o curvo alfange;  
 Sofra no potro asperissima tortura,  
 Não perde a cor do rosto.

Em severos costumes ensaiado  
 Préza mais a innocencia, do que a vida,  
 Fiel á Patria, ao Principe, aos amigos,  
 Acaba como vive.

Com pavoroso estrondo se defatem  
 Em vermelhos, coriscos as estrellas;  
 Brote Volcões a terra; da ruina  
 Impavido não foge.

Assim Mário subio ao Capitolio,  
 Entre Aguias, e Liçtores conduzido,  
 Com aspecto sereno; ainda que atadas  
 As rôxas mãos em ferros.

Na presença de Cesar, e Conscriptos  
 Fui, disse, fui fiel a Galba, e a Roma;  
 Confesso o meu delicto, se delicto  
 A' Virtude se chama.

As legiões Romanas testemunhas  
 Poderão ser: Vós, Consules, Tribunos  
 A verdade dizei. Dizei se Mário  
 Foi amigo de Galba?

Patricios, e Soldados do divino  
 Julio, as aras jurem se me virão  
 Sempre ao seu lado. Alli, alli Camurio  
 Alçou a mão traidora.

Eu vi o triste Velho descorado  
 A garganta offercer ao duro golpe;  
 E indo da Patria o nome repetindo  
 A grande Alma fugir-lhe.

Oh Cesar! aqui tens de Mário Celso  
 O crime, e a confissão: Romanos, Mário  
 Foi a Galba fiel! Vamos aonde  
 Está o Cadafalso.

Acabou de fallar: Consules, Padres  
 Attonitos ficarão; porém Cesar  
 De tão rara constancia namorado  
 Nos braços o recebe.

*Ao Senhor Manoel Pereira de Faria,  
Socio da Arcadia.*

## ODE SAPHICA VI.

VÊ, Silvio, como facodindo o Inverno  
As negras azas, sólta a grossa chuva!  
Cobre os outeiros das erguidas ferras  
Humida nevoa.

Na longa costa brada o mar irado  
Sobre os cachopos; borbotões de espuma  
Erguem as ondas; as crueis cabeças  
N'agoa negrejão.

O frio Noto, rígido soprando  
Dobra os ulmeiros, os curraes derruba:  
E o gado junto, pavido balando  
Une os focinhos.

Com duro frio Coridon tremendo,  
A rôxa face no çurrão esconde;  
C' os altos foccos quebra a preza neve,  
Corre á cabana.

Alli



Alli ajunta de podadas vides  
 Os seccos mólhos: asloprando accende  
 Pobre fogueira; aonde as mãos aqueenta  
 C' os rotos filhos.

Puláo nos olhos lagrimas, que enxuga  
 Na grossa manga, reprimindo forte  
 Acerbas dores, reflexões pezadas,  
 Tristes memorias!

Eis que zunindo furacões horriveis,  
 A porta arrancáo dos moidos gonzos:  
 Corre assustado d' um fuzil q' o cega  
 A luz vermelha!

Vio espalhadas viboras de fogo:  
 Ouvio bramando, retumbar no valle-  
 Os longos écos do Trovão, que abala  
 Os altos montes!

Vè-se partida do voraz 'corisco  
 A rica proa de hum Baixel Britanno;  
 Não lhe valendo cem canhões soberbos,  
 Que Nantes teme.

Rotas tremuláo as Reaes bandeiras;  
 Rompem as ondas o infeliz costado:  
 Inutil pranto, tristes ais levanta  
 A lasta gonte.

Agora, dize, quem seguro vive,  
 Amado Silvio, da cruel Fortuna,  
 Se as altas torres, se as humildes choças  
 A Morte piza?

Os aureos tetos, Doricas columnas,  
 Quadros antigos, marchetados leitros.  
 Servem de Espectros, Gorgonas, Cerastes,  
 Na fatal hora.

Ó Vulto justo, que, sempre, invoca  
 Tu nome santo, no delicto crime  
 Eis, que repente crystallina fonte  
 Da vida pomba.

No fundo valle luz vos despende  
 Qual anjo exa, luctuosos cantos;  
 Sonoros ventos, bordados choros  
 Placido cântico.

Baldon o diga, quando a nuvem se  
 Vemelleo talo com luz teatando,  
 Nos negros ares vio clar silvando  
 Trémulo chamma.

For ti, Bernardo, milis povo chama  
 E o luctuado no corpo exanguo,  
 De-das teus, tanto em côco sangue  
 Mis se levanta.

*Ao Beato Bernardo, Marquez de Baden.*

## ODE SAPHICA VII.

O Varão justo, que, Senhor, invoca  
Teu Nome Santo, no deserto monte  
Faz, que rebente crystallina fonte  
Da árida penha.

No fundo valle sua voz despenha  
Qual molle cera, liquidos outeiros;  
Sonoros ventos, horridos choveiros  
Placido enfrêa.

Baden o diga, quando a nuvem fêa  
Vermelho raio com furor rasgando,  
Nos negros ares vio girar silvando  
Trémula chamma.

Por ti, Bernardo, triste povo chama,  
E o fulminado frio corpo exangue,  
Da dura terra, tinto em rôxo sangue  
Eis se levanta.

Affim armado de virtude santa  
 Serenos tornas os infestos ares ;  
 Affim dominas insoffridos máres ,  
 Avida morte.

Salve teu Nome do vibrado córte  
 Desamparados miseros humanos ,  
 Que do castigo merecidos dão  
 Palidos temem.

*A S. Norberto, Bispo, e Confessor.*

## O D E VIII.

**E** Spiritos rebeldes, que as infernas  
 Aljavas fulminantes  
 Das fêas legiões de nuvens densas  
 Armais de accezas farpas crepitantes,  
 Fugi para as distantes  
 Incultas brenhas d'árido deserto,  
 Fugi do Nome Santo de Norberto.

Dos estellantes atrios desce armado  
 De medonhos rugidos  
 O Leão de Judá: no elcudo alçado  
 Relampagos fuzilão despedidos  
 Dos arcos desferidos,  
 Que sobre Saulo artonito lançarão  
 Settas, que dentro n'alma lhe troarão.

Rota a nevoa mortal, que lhe encobria  
 O throno magestoso  
 Do Senhor das batalhas, que o seguia  
 (Astros trilhando o carro luminoso)  
 Conhece venturoso  
 A mão potente, a qual se toca os montes,  
 Abafa crespo fumo os horizontes.

Tu



Tu, Norberto, outro Saulo foste, quando  
Intrepido, e valente  
O rapido ginete arremecendo,  
De improviso brandio a nuve ardente  
Relampago estridente,  
Que ao bruto, do trovão espavorido,  
Deixou a poucas cinzas reduzido.

Cercada de pavor da alma constante  
Se humilha a fortaleza;  
Vê scintillar o lúcido semblante,  
Que adora consternada a Natureza,  
Quando a vingança acceza  
Leva os Cedros do Libano frondosos  
Nas azas de coriscos espantosos.

Caliginosas névas já rompia,  
E ao claro Firmamento  
De luz surcando pélagos, sobia  
No regaço da Fé o pensamento,  
Ouvindo o claro accento,  
Com que lhe falla o Ceo: e o mar irado  
Tremeo do som terrivel assustado.

Movido pois de nosso ardente rôgo,  
Desce, ó Norberto Santo,  
Dissipa com teu Nome tanto fogo,  
Ouve nossos clamores, nosso pranto;  
E já que podes tanto,  
Pede ao tremendo Deos, que entreia os mares,  
Que lance os mãos espiritos d' estes ares.

*A Santo Thomaz de Aquino , Doutor ,  
e Confessor.*

O D E I X.

**S**E na eterna Sião , onde ditoso ,  
Em premio da victoria ,  
Te corôa o semblante luminoso ,  
O Sol de immensa gloria ,  
Thomaz inclyto Santo ,  
Voar a teus ouvidos nosso pranto ,

Ao Mundo os olhos immortaes volvendo ,  
Attende a nossos danos :  
Olha os ventos irados , revolvendo  
Os negros Oceanos  
De indomitas procellas ,  
Que soltão em coriscos as estrellas.

Qual sem Pastor o pavido Cordeiro ,  
Ouvindo ranger perto  
Do cerval Lobo o dente carniceiro :  
Assim do Inferno aberto  
As fauces horrorosas  
Vemos arder em nuvens tenebrosas.

Acode-nos, Thomaz ; lembra-te quando  
A mão Omnipotente ,  
No throno de mil raios fulminando  
O gume refulgente  
Da abrazadora espada ,  
Sobre ti viste com pavor alçada.

A candida Innocencia , a Fé constante  
Nos braços te sustenta ,  
Em quanto a rôxa flamma sibilante ,  
Que subito rebenta ,  
Em torno te girava ,  
E de fraterno sangue rociava.

Do fumo arando hum mar caliginoso  
Os olhos mal abriste ;  
Espectaculo feo , e lastimoso !  
Da misera Irmã viste  
Jazer despedaçados  
Os palpitanes membros fulminados.

As azas do Senhor , que te cobrirão ,  
Que illeso te guardarão !  
Não de luzente malha te vestirão ,  
Mas de poder te armarão  
Para invicto valer-nos :  
Pois chamamos por ti , vem defender-nos.

*A Santo Ubaldo, Protetor da Cidade de Eugubio,  
Bispo, e Confessor.*

## ODE ALCAICA X.

**Q**Uando o terrivel Deos dos exercitos,  
 Nas leves azas de Aquilões turbidos,  
 Sobre as altas Cidades  
 Manda a procella horrifona:

Se vingadora solta a mão rubida  
 As estridentes acezas viboras,  
 E se o fragor dos montes  
 Freme no fundo pélagos:

Ubaldo Santo, com rogos férvidos  
 Os Eugubinos te invocáo pávidos;  
 Cercando teus altares  
 Gemem, quaes Pombas timidas:

A soccorrellos vóas intrepido,  
 E da virtude no pavez rigido  
 Rota a farpada lança,  
 Foge co' vento rapido.

Assim te chama Protec̃tor inclyto  
 A Lusã gente; correm as lagrimas,  
 Qual matutino orvalho  
 Banha os frondosos Platanos.

Vem soccorrer-nos: no árido carcere  
 Os trovões prezos bramão indomitos;  
 Tornem dourados dias,  
 Movão-te nossas súplicas.



*Ao Senhor Manoel Pereira de Faria,  
Socio da Arcadia.*

## ODE ALCAICA XI.

**S**E já ouviste, Silvio magnanimo,  
A minha pobre, rustica Cithara,  
Poucos, mas novos versos,  
Ouve com rosto placido.

Ouve; que aos versos, famosos titulos  
Devem Eneas, Deiphobo, e Priamo;  
Deve Ulysses prudente,  
Deve Achilles indomito.

O Luso Gama nunca tão célebre  
Fôra no Mundo, iõ porque impavido  
Os máres não fulcados  
Cortou c' os lenhos concavos:

Camões, eterno com as Luziadas  
Pôde fazello, senão incognitos  
Os Varões Portuguezes  
Jazerião no tumulo.

Antes que as nossas, nos mares Indicos  
 O ferreo dente, molhárão ancoras,  
 De Quilhas Europeas,  
 Cobertas de outras flamulas:

Antes do Grego, d' outros exercitos  
 Burnidos Elmos vio brilhar Pérgamo:  
 Houve na Frigia Troia  
 Outro Ajax, outro Stenclo.

Nem só Eliza, d' Eneas profugo  
 Tingindo a espada no sangue tepido,  
 Trocou a doce vida  
 Por huma infamia posthuma.

Nem só guizados os membros lividos  
 Do caro filho, com rancor barbaro  
 Ao lascivo marido,  
 Progne ministrou pállida.

Em acções grandes d' almas intrepidas  
 Forão, he certo, ferteis os Seculos;  
 Mas o negro silencio  
 Sepulta os nomes inciytos:

Negro silencio, que os olhos languidos  
 Na vil Preguiça fitando tímido  
 A lethargica lingua  
 Corta c' os dentes avidos.

Cobre a Virtude co' as azas lubricas  
O veloz Tempo, logo que ao feretro  
Cede o passo a Lisonja,  
Rasgando a torpe mascara.

Com tardos passos calcando os tumulos  
O Esquecimento, da mão esqualida  
Sólta as confusas cinzas,  
Que espalha o vento rapido.

Mas eu ingrato, Silvio magnanimo,  
Soffrer podia, que o canto melico  
Esquecido deixasse  
O teu nome magnifico?

De huma alma grande costumes candidos,  
Raras virtudes, genio pacifico,  
Para serem eternos,  
Não precisão de marmores:

Póde hum Poeta mais do que o Artifice,  
Ou córte jaspe, ou côres liquidas,  
Largue o pincel no panno  
Dos monumentos públicos.

Sempre com versos o furor Delfico  
A nobre vida dos Varões inclytos  
Livra do vil contacto  
Das mãos cruentas d'Atropos.

Dos

Dos torpes vícios es censor rigido;  
Tu os fulminas com olhos placidos,  
E entre nuvens de fumo  
Foge a tropa fanatica.

Da triste Inveja na testa pállida  
Co' a forte planta pizas as viboras,  
Bramindo, o negro Cirio  
Quebra a Discordia attonita.

Das mãos cobardes o metal fulgido,  
Larga a Cobiça: com grilhões asperos  
Algemada a Soberba  
Dobra o pescoço rispido.

De ti fugindo cahem no pélagos,  
Onde a Tristeza com pranto lugubre  
Cercada de remorsos  
Já mais enxuga as lagrimas.

*Aos Annos do Coronel da Artilheria Frederico  
Weinboltz.*

## O D E XII.

**C**om suaves caricias , brando , humilde ,  
 Qual he por natureza ,  
 As tenras mãos erguendo , o rosto lindo  
 Em lagrimas banhado ,  
 Ao rigoroso Tempo Amor pedia ,  
 Que dos duros revêzes  
 Do braço inexoravel preservasse ;  
 Que de doces prazeres ,  
 De glorias coroasse , e de venturas  
 Este ditoso Dia :  
 Ora em laços de Goivos , e Amaranto  
 A rispida melêna  
 Ao defabrido Velho entrança , e prende.  
 Ora as aras lhe cinge  
 Com cheirosos collares de mil flores :  
 Thé que o rapido Monstro  
 Avaro de ruinas , e de estragos ,  
 Soberbo , e receoso  
 D'alheas tyrannias , e hum sorrizo ,  
 Que seu rancor disfarça ,



Outorga em fim a Amor quanto lhe pede.  
 Pela sanguinea fouce,  
 Que na mão lhe reduz, jura, e promete,  
 Que de Weinholtz aos annos,  
 As Parcas fiarão dourados dias,  
 Cheios de immensa gloria,  
 De prosperos successos, de venturas.  
 Que o gelado Danubio,  
 Que de Berço lhe dar se desvaneece,  
 Com a cerulea fronte  
 De agudas Espadanas guarnecida,  
 De sangue rociado  
 O indomito Tridente, ao fulvo Téjo  
 Inda virá hum dia  
 Ávido de mais fama demandallo.  
 Apenas Amor ouve  
 Tão affavel resposta, as brancas azas  
 Tres vezes despregando,  
 Aos ares se abalança; mas o Tempo  
 Alçando a mão pezada  
 Pelo cordão da aljava o suspendia;  
 E em quanto lhe tirava  
 Os dourados farpões, o cruel arco:  
 „Estas cruentas armas  
 „Improprias são, lhe diz, da tua idade;  
 „Para mim as reservo,  
 „Em premio das venturas, que prometto  
 „Ao teu Weinholtz mimoso.  
 „Veremos se este braço tambem sabe,  
 „Vibrando agudas setas,  
 „Domar os corações. Agora vôa,  
 „ Em

„ Em doce paz nos deixa ;  
 „ Deixa gozar o Mundo de descanso ,  
 „ Que tu , cruel , nos roubas . „  
 Amor as leves plumas sacudindo ,  
 Já livre do tyranno ,  
 Batendo alegre as palmas , lhe dizia :  
 „ Não cuides , cruel Tempo ,  
 „ Que meu invicto braço defarmaste ;  
 „ Mais poderosas armas ,  
 „ Mais forte passador tenho nos olhos ,  
 „ No Angelico semblante  
 „ Da formosa Bivar : Com elle posso  
 „ A meu suave Imperio ,  
 „ A pezar do destino , ver curvado  
 „ O teu rispido collo :  
 „ Então verei mil vezes sem receio  
 „ Tornar tão feliz dia ;  
 „ Verei contar Weinholtz ditosos annos  
 „ Em prospero socego ,  
 „ Nos ternos braços da gentil Conforte . „  
 Ao Tempo assim responde  
 Já sem temello , Amor ; e o Velho irado  
 N' um rigido penedo ,  
 Que borda a ruiva praia de Caxias ,  
 Rompeo a curva fouce :

*A' Restauração da Arcadia.*

## O D E XIII.

**S**oberbo Galeão, que o porto largas,  
Aonde o ferreo dente preza tinha  
A cortadora prôa, que rasgava  
De hum novo mar as ondas.

Ao alto pégo tornas nunca arado  
Dos fracos lenhos, que no Téjo surgem;  
Já ferve a brava chusma, e se levanta  
A nautica celeuma.

Das douradas antennas penduradas  
As vélas já de purpura desfraldão,  
Q' aos frescos sopros de hum feliz Galerno  
Já concavas sussurrão.

A tremula bandeira, que seguras,  
Qual subito relampago fuzila,  
E nas azas dos Ventos estendida  
Mostra a fatal empreza.

De !

De branca espuma borbotões rebentão  
 De hum lado, e outro lado; já boiando  
 Sobre as verdes espadoas de Neptuno  
 Demandas outros climas.

O Santo Numen, que entalhado leva  
 Tua dourada magestosa poppa,  
 Trazer-te nos promete a salvamento;  
 Naufragios não recêes.

Não temas as inhospitas arêas  
 De infames costas, de Hyperbórios campos;  
 Pelas Cycladas, Bosphores, e Syrites  
 Has de romper constante.

Se as Alcioneas aves levantarem  
 Em seu queixoso pranto triste agouro;  
 Não te affustes da nuvem carregada,  
 Que os mares escurece.

Grasnando negras Gralhas enfiadas  
 Sobre os rópes, verás buscar a terra,  
 E logo o Ceo negar-te a escura noite  
 Da fêa tempestade.

Mas não recêes os fuzis vermelhos;  
 O ruidoso trovão, que pelas aguas  
 Em successivos brados estalando  
 No fundo do mar sôa.



A destra mão que o leme te menea  
Fará, que avante passes, sem que amaines  
O largo panno: em vão Noto sibila  
Pela miuda infarcia.

Os cabos passarás mais tormentosos,  
Sem que as crespas correntes te atropellem;  
Ao Polo chegarás, aonde brilha  
A luz da eterna Fama.

Em vão ronceiras, barbaras Galeras,  
Forçando os débeis remos, com que açoutão  
O mar que lhe resiste, e que as affronta,  
Trabalhão por íeguir-te.

Desarvoradas voltão, não se atrevem  
A commetter o pélago que furcas:  
Com damnados prognosticos agourão  
Desastrado successo.

Ora contão, que os máres infamastes  
Com vergonhoso misero naufragio;  
Que as fulminadas vergas rotas jazem  
Nas Cerauneas arêas.

Mas tu constante impavido triunfas;  
E com louros no Ménalo cortados  
Enramaste os riquissimos pavezes:  
A forte gente crôas.



Se os meus votos escuta o Ceo benigno,  
Os votos, que por ti no porto faço,  
Os olhos alongando pela esteira,  
Que tu nas aguas abres,

Não tornes a surgir em manso porto,  
Que Lethes seja o seu famoso nome,  
Que os peitos amollece mais briosos,  
Que ao somno te convida.

Não se nutre a virtude do descanso;  
Arduas emprezas, rispidos trabalhos,  
Em nobre coração de immortal gloria  
Accendem claro lume;

O claro lume, que apagar não podem,  
Nem descarnada mão da triste Inveja,  
Nem a fouce cruel do voraz Tempo;  
Não chega a tanto a morte.

*Aos Annos da Illustrissima, e Excellentissima  
Senhora D. Leonor de Almeida.*

## O D E XIV.

**C**ercado estava Amor de mil Amores  
As estridentes setras empennando;  
De verde Mirto, de cheirosas flores  
Os arcos enramando.

Qual o brilhante gelo sacudia  
Das crespas azas sem cessar batendo,  
E qual concerta aljava, e n'agua fria  
Curvado se está vendo.

Pelos nodosos troncos dos loureiros  
Os dourados farpões muitos provavão,  
Outros mais insoffridos, e ligeiros  
Em bandos se espalhavão.

Então Amor a doce voz alçando,  
Que só de ouvilla os montes estremecem,  
Os velozes Frecheiros convocando,  
Que promptos lhe obedecem.

C' um doce rizo, c' um celeste agrado,  
Que os ventos ferenava, lhe dizia:  
Hoje do Ceo nos traz o Sol dourado  
De Alcipe, o claro dia.

Foi hoje, foi que em seu gentil semblante  
Amanheceo a luz da formosura;  
Nunca tão bella Aurora, e tão brilhante  
Rompeo a noite escura.

As lindas Graças, os fieis Amores,  
As Virtudes gentís dos Ceos baixarão;  
E cantando as acções dos seus maiores,  
O berço lhe embalarão.

Nos olhos vencedores lhe infundirão  
O tyranno poder da gentileza;  
Humanos corações logo sentirão  
A liberdade preza.

As castas Musas cheias d'alta gloria,  
As aureas vozes derão tal doçura,  
Que os louros não perdêrão da victória,  
Faltando a formosura.

Crescem co' a idade os raios seus brilhantes,  
Que a fervidos suspiros não attendem,  
A pezar de desejos anhelantes,  
Q' em seu altar se accendem.

Mas

Mas tempo inda virá, que os innocentes  
 Olhos formosos seus a nós volvendo,  
 Os cruentos virotes reluzentes  
 Queira espalhar vencendo.

Em quanto a densa nevoa do futuro  
 Nos rouba a luz de tão feliz instante,  
 Por mais que as azas mova o Tempo duro,  
 Intrepido, e arrogante,

Da Illustre Alcipe bella, o claro dia  
 Pertendo assinalar com faustas glorias,  
 De nossos arcos o Destino fia  
 O louro das victorias.

Alagne o Mundo fino pranto ardente,  
 Voem suspiros, voem mil clamores;  
 Chovão por toda a parte de repente  
 e Agudos passadores.

O cruel Tempo quebre a fouce dura;  
 E o Sol girando os seus Frizões ufanos,  
 Nos traga sempre cheios de ventura  
 O dia de teus annos.



## O D E X V.

**N**As despidas paredes, que me abrigão  
 No tormentoso Inverno,  
 A passagem do Grânico não vejo  
 Em fina lá tecida.  
 Nem marmores, nem porlidos luzentes  
 Nos alizares brilhão:  
 Não tine do Japão na parca meza  
 A rara porçolana.  
 O dourado faleiro não me cega  
 C'os tremulos reflexos  
 Da prata. Não se accendem mil bugias  
 Em tortas serpentinas.  
 Porém Virgilio, Sophocles, Homero,  
 O Venozino Horacio,  
 São as ricas alfaias, que me adornão  
 A fala magestosa,  
 Os soberbos escudos, em que pinto  
 A geração illustre.  
 Elles fazem que Ansberto generoso  
 Seu amigo me chame;  
 Que o Sousa marcial com puro estilo  
 Gracejando me escreva.  
 Guarde a terra avarenta nas entranhas  
 O ouro refulgente.



O Mineiro na roça afflicto cave  
C'os fordidos escravos:  
Por ignotos certões exponha a vida  
Do barbaro Tapuia  
À setta venenosa, á veloz garra  
Do Tigre mosqueado.  
Soffra na Linha podre calmariã,  
Relampagos, e raios:  
Para n'Aldeia entrar acompanhado  
De descalços Trombetas,  
De purpureas Araras, inquietos  
Petulantes Bugios.  
Gaste prodiga a mão, em poucas Luas,  
O ganho de dous lustros;  
Para a vermelha Cruz brilhar no peito,  
Que os fardos incurvárão.  
No regurio paterno não cabendo,  
Palacios edifica  
Alastrado com pedras o caminho.  
Do Guindaste as roldanas  
C'o pezo do venal Escudo gemem,  
Que o Portico remata.  
Estupido não sabe, que apreçada  
A pállida Doença  
Atrás d'elle caminha: que já chega  
Involta em parda nevoa,  
A Morte inexoravel, derramando  
Co'a fria mão angustias;  
Que o leito de crueis fantasmas cerca,  
E que lhe arranca as chaves

Do guardado thesouro; que o reparte  
 Pelos róticos herdeiros.  
 E qual sangrado rio enfraquecido  
 Torna a gastar-se em fogas!  
 Com ouro não se compra hum nome digno  
 Da posthuma memoria.

*Ao Padre Antonio Delfim.*

## ODE XVI.

**D**elfim, caro Delfim! Com que ligeiro  
Lubrico pé, a curta idade nossa  
Nos vai atropellando! As horas voão,  
Os dias não socegão!

Quaes horrisonos Euros insoffridos  
Varrem da longa praia a ruiva arêa,  
Que nas humidas azas crespas ondas  
Indomitos revolvem.

Affim o Tempo cegador co'a fouce  
Daqui, dalli talhando a debil gente,  
Lança no vasto golfão do sepulcro  
As pállidas espigas.

Em vão fugindo da estrondosa guerra,  
Se acaso tu, Delfim, calvo não fosses,  
Co'a sonora navalha decotáras  
Ondados fios de ouro.

Em

Em vão a Lôba, e Sobrepelliz vestindo,  
 Mostarda do Loreto no alto côro,  
 Inchadas do pescoço as cordoveças,  
 Bradando salmeáras.

A Morte, a fria Morte, nunca falta;  
 Ou cedo, ou tarde chega: todos devem  
 Humilhar a cervis: Poltrões covardes,  
 Colericos Achilles.

Com mão pezada abala, talha, e rompe  
 Grevas, arnezes, malhas, bacineres;  
 Por baixo do fraldão crava o buido  
 Estoque refulgente.

Soberba arraza com fragor horrendo  
 As fundas cavas, os merlões erguidos,  
 Assolando Cidades, e Províncias,  
 A toda a parte vôa.

Curvados anciães, môços esbeltos  
 Córta co' mesmo gume: honras, thesouros  
 Não lhe péga no braço; os altos tectos  
 Pobres cabanas piza.

De balde Gabilhon co' destro pente  
 Mette em batalha juvenis cabellos;  
 De balde enrola o escaldado ferro  
 Os martyres topetes.



O frio branco gelo, que não tarda,  
Subito põe a marca da Cidade;  
E poucas alvas cans, o gésto mudão  
Dos infeirados cepos.

As brandas Lylias; as gentís Filenas,  
Todas fogem de vello; todas fogem  
Dos olhos sem pestana, regalados,  
Das crespas sobranceiras.

Os teimosos achaques, tristes dores,  
Catastas são dos entrevados membros;  
Froxos desejos morrem de garrote  
As mãos da Hypochondria.

Não he preciso que venal Profeta  
Aponte com o dedo para a cinza:  
Para velhos não ha melhor caveira,  
Que o vidro de hum espelho.

Só tu, Delfim, cansados annos contas,  
Sem finaes de velhice; inda não ouves  
O tremendo pregão da Eternidade,  
A trombeta da Morte.

Sobre o telhado teu não ponhão estes  
Passaros agoureiros, que bradando  
Com espantosos guinchos, annuncião  
A derradeira Aurora.



Nunca velho serás: livre de brancas  
 A deserta cabeça callejada,  
 Não se deixa trilhar das leves rodas  
 Da carreta dos Annos.

Sem olhar para a méta da carreira,  
 D' Archimedes no ponto se está rindo,  
 Britanno Capitão, que submergido  
 Em laudanos do Douro.

Amarrando o timão, entrega a quilha  
 Aos rijos ventos, aos cavados máres;  
 Não ouve as roucas vagas, que mugindo  
 Os Pólos estremeçam.

Venha se quer a pállida Doença  
 A fria Morte pela mão trazendo:  
 Não te espantes de fouce, nem relógio,  
 Nem de azas de morcego.

Apresenta-lhe a calva, que te mostre  
 Onde as brancas estão? Carão lustroso,  
 Olhos azues, rosadas faces, alvos  
 Os crystallinos dentes.

São constantes finaes da fresca idade,  
 São de forças viris a taboleta;  
 E próvido Coíono, a sabia Morte  
 Não colhe fruto verde.

Triste de mim, que pêco, e já maduro,  
Nos grizalhos monêtes do topete,  
Nas carcomidas perolas da boca,  
Nas obstinadas rugas.

Já vejo revoar os tristes Mochos,  
Que são da fatal hora Miqueletes  
Cruel tristeza! Mais crueis memorias!  
Perdidas esperanças!

Os filhos, a Mulher, tudo cá deixo,  
Só levo na garganta atravessado.  
O Venozino Horacio, a calva tua,  
A Rainha das calvas.

*A' morte de José Gonçalves de Moraes,  
Socio da Arcadia.*

## ODE XVII.

SE em ricas urnas de ouro refulgente,  
Arcades saudosos,  
As frias cinzas de Leucacio Fido  
Com as lagrimas nossas  
Não podemos guardar: em nossos versos,  
Do Menalo nos troncos  
Seu nome escreveremos, seu bom nome  
Das Graças suspirado.  
E das quebradas aguas deste monte  
Chorado, e repetido  
Estremecem os Pinhos sacudidos  
Dos ventos, que sibillão:  
O gado espantadiço se derrama  
Pelos crestados campos:  
Ao longe estão latindo roucamente  
Quebrantados rafeiros;  
E em tão triste alarido nos parece,  
Que das cortadas rochas  
O éco nos responde: Fido, Fido!  
Nas solitarias praias

Bradando o negro mar, Fido responde;  
 Por Fido nós chamamos.  
 Aonde estão, Arcadia, os teus serenos  
 Affortunados dias?  
 Quando vermelho o Sol atrás da serra  
 O rosto de mil raios  
 Formoso levantando, por teus valles  
 Dourava alegremente,  
 As sonoras folhas inquietas  
 Das faias levantadas?  
 Alli, tocando a fistula divina,  
 Que os Ventos escutavão,  
 De gado, e de Pastores rodeado,  
 Senhor nos parecia  
 De nossos corações, de nossos olhos,  
 Do Menalo, da Arcadia?  
 Mas que fado cruel, tanta ventura  
 Das nossas mãos arranca?  
 Que noite pavorosa está cubrindo  
 Os ares deste campo?  
 Que frio gelo prende as claras fontes,  
 É corta a fresca relva?  
 Foges, foges de nós, Pastor amado?  
 Nossas pobres cabanas,  
 Nossas frutas, e nossos doces versos,  
 Acafo te aborrecem?  
 Troças do manso Téjo, que te escuta  
 As margens delectosas,  
 Por asperos certões, por longos máres,  
 Por férvidas arêas,  
 Com que malignos climas te convidão,  
 E



E invejosos te chamão?  
 Ah triste Arcadia, triste, e desgraçada!  
 Que detestaveis erros  
 Contra o Ceo commettêrão os teus Pastores?  
 Que lugubre destino  
 A tão duro castigo te condemna?  
 Sacrilegos erguemos  
 Com ímpia mão as campas respeitadas  
 Dos defuntos maiores,  
 Para ás feras lançar os brancos ossos,  
 Q' em santa paz descansão?  
 As vítimas divinas arrancamos  
 Dos sagrados altares?  
 Ou que raio cahio sobre estes campos,  
 Que mais a ver não tornão  
 O suave Pastor, o claro Fido,  
 Que virão tantas vezes?  
 Maldito seja aquelle, que primeiro  
 Fiou de curvos lenhos  
 Ávidas esperanças, sede infasta  
 De enganosas riquezas!  
 De marmore Marpezio, rijo bronze  
 Tinha o peito forjado,  
 Quem ruidosas vélas desfaldando,  
 Fugio do manso porto,  
 Sem de Africo temer a rouca furia,  
 Quando açourando as ondas  
 C' os negros Aquilões forte contende!  
 As crueis tempestades,  
 Hyades tristes, cabos tormentosos,  
 E o pégo embravecido,

Ou



Ou intrepido, ou louco não temia!  
Os mortaes atrevidos  
Nada julgão difficil! Entregamos  
Nós mesmos os pelcoços  
Á sanguinosa fouce, á mão pezada  
Da Morte inexoravel!  
Em soberbas columnas levantamos  
Magnificos Palacios:  
Nem que a riqueza, a honra, ou a vangloria,  
Com refulgente escudo  
De rigido diamante, nos pudessem  
Cobrir a fatal hora!  
Escondem frias loizas igualmente  
Os Sceptros, e os Cajados!  
Tudo deve acabar. Oh claro Fido!  
Em eterno socego  
Tua cinza descance; a terra estranha  
Pezada te não seja:  
Se lá no monte eterno a que voaste  
Se escutáo nossos versos,  
Em nossos versos ouvirás teu nome,  
Teu nome cantaremos,  
Para honrarmos os versos, que cantamos,  
Para honrarmos a Arcadia.

## O D E XVIII.

**C**ercado de Pedreiros, de vorazes  
 Carpinteiros ladrões, òu cervaes lobos,  
 Que a bolça me atafalhão, que esfaimados  
 A feria me apresentão :

Quaes boidos punhaes, negros trabucos,  
 Daqui, dalli recreſcem garatujas!  
 Afleſtados canhões, que poderião  
 Bater os Dardanellos !

Severo Rhadamanto, o çujo Mestre  
 A poſtiça gadelha affaga, e puxa:  
 E os encovados olhos revirando  
 Alça o rol da madeira.

De balde o roſto viro; e do medonho  
 Eſpectro ſanguinoſo fugir tento;  
 Que Scylla mais cruel, o rol d'arêa  
 O beque me delcoze.

Sibilante petardo d'outra parte,  
 Co' tejo me quebrão os ouvidos!  
 Jornaes, carretos, cal, são mil pelouros,  
 Que silvão pelos ares.

Com a perna ferida, co' as fileiras  
 Da vanguarda já rotas, e medrosas  
 Nas andas inda mostra o grande Carlos,  
 Indomita constancia!

Á vista de soberbos Castelhanos,  
 Com poucas Tropas, com bisonha gente,  
 Sustenta Lippe a ruiva, e fresca margem  
 Do Tejo caudaloso!

Mas estes mesmos, ó Maclean amigo,  
 Se ante seus olhos vissem as carrancas  
 Dos leões carniceiros, que me cárcão,  
 Voando fugirião.

Tu mesmo co' a Britanna artilheria,  
 Deixando botafogos, e espoletas,  
 E os dourados Rabões esporcando,  
 O posto lhe largaras.

Póde mais hum crédor que hum Elefante,  
 Não ha tromba mais dura, que huma feria;  
 E se queres vencer os Alexandres,  
 Eugénios, e Turenas,

Não busques grevas, murriões, pavezes,  
 Põe-lhe diante o Mercador co' resto,  
 O Alfaiate, o Barbeiro, ou hum Alcaide,  
 Veras como desmaião.

E se ainda váos projectos commetterem,  
 De cruentas victorias nunca fartos,  
 Dá-lhe o desenho de huma nova escada,  
 E dize-lhe, que a fação!

Eis-aqui como fico sem lograr-me  
 Da boa companhia, que te cerca:  
 Tu, que escadas não fazes, passa alegre  
 A noite desabrida.

Em brilhantes crystaes a rôxa espuma  
 Do suave licor do Rheno, ou Douro  
 Te apresente sorrindo o fullo Same,  
 E tu vermelho bebe:

Bebe á saude da formosa Filis,  
 Do magnanimo Conde, a quem Neptuno  
 Namorado do seu valor, lhe entrega  
 O Sceptro crystallino.

Os dous Weinholtz, que Marte tanto préza,  
 Da cava Porçolana que retine,  
 Co' a boiante colher tirem o doce  
 Almo fervido Ponche,

E se do pobre Coridon vos pôde  
 Merecer compaixão a triste Historia,  
 Fazei-lhe huma saude, que lhe sirva  
 Ao menos de Epitapho.

O D E X I X



*Ao Senhor Gaspar Pinheiro da Camera Manoel.*

## O D E XIX.

**Q**uantos, caro Pinheiro, noite, e dia  
 Curvados sobre os Livros  
 A triste vida gastão na esperança  
 De huma vermelha Borla,  
 Da Vara, e da Golilha? Honra que chega,  
 Já quando as cans alvevão  
 Na myrrada cabeça. Quantos morrem  
 Por freneticas Palmas  
 De cruentas victorias? Descorado  
 No rafo campo treme  
 Com frio susto á vista do inimigo  
 O misero Soldado:  
 Co' a musica mistura dos batidos  
 Horrisonos Tambores  
 Os ultimos suspiros. Pelos ares  
 Pelouros affovião:  
 Co' tropel dos cavallo freme a terra:  
 Do pó, e crespo fumo  
 As enroladas nuvens escurece  
 O resplendor do dia:  
 Isto aos Carlos agrada, aos Fredericos,  
 Eugenios, e Turenas!

Em

Em fragil lenho entregue a longos mares,  
 O Mercador avaro  
 Luta co' a morte: rásção negros Austros  
 As prenhes nuvens: brilha  
 Entre a rouca saraiva, o retorcido  
 Crepitante corisco:  
 Estala a fraca verga, a rota véla  
 Ondeando susurra:  
 E a fome de ouro, tudo faz mais dôce,  
 Que a livida pobreza!  
 Outro, com o martello, os cadeados  
 Despedaça do cofre,  
 Qué do incansavel Pai o curvo arado  
 Tirou da dura terra:  
 Vai perdello n' hum dia, porque gosta  
 De brincar com tres dados!  
 Aquelle fô se alegra, e se diverte  
 Co' as Belgicas pinturas:  
 Sonha com Rafael, e Ticiano,  
 Em quanto o astuto Adelo  
 Na fragil taboa, com o dedo mostra  
 A testa de Medusa.  
 Este, n' alcantilada ferra corre  
 O javali cerdoso;  
 Os sabujos Britannicos latindo  
 No fundo valle assustáo  
 A quieta Pastora, que atordida  
 Larga da mão o fuso.  
 Outro na rica meza rodeado  
 De vorazes amigos,

Em brilhantes crystaes, de Douro, e Rheno  
 O rôxo çumo bebe;  
 Té que dos altos cumes dos oiteiros  
 Caia a noturna sombra.  
 Eu porém nada quero, nada estimo  
 Mais que a dourada Lyra:  
 Se os Pastores do Menalo sagrado,  
 Se os loureiros d' Arcadia  
 Os meus versos escutão, os meus versos  
 Me separão do Vulgo:  
 Na testa cingirei livre de inveja  
 D' era frondente crôa;  
 E com Lesbico Pleçtro, ou Venusino,  
 Ferindo as aureas cordas,  
 Arcadia cantarei: o patrio Téjo  
 Attenda ao novo canto  
 Com a verde cabeça goteando  
 Na Urna recoitado,  
 Se aqui chegar, que Rhadamanto pôde  
 Negar-me o Nome Eterno?

*Ao Senhor Gaspar Pinheiro da Camera Manoel.*

## ODE XX.

**Q**ue facil he com lapis, e compasso  
 Desenhar no papel huma Cidade  
 De cavas, e merlões circumvallada,  
 Soberba, inaccessivel:

Executar porém a grande Planta  
 He trabalho de hum Rei, caro Pinheiro,  
 D'Ulysses, de Lyeo, do pio Eneas,  
 Dido, Romulo, e Remo.

Quando tu no alto pégo ouves zunindo  
 Pela miuda enxarcia, Africo, ou Noto,  
 Que ferras todo o panno, que manobras  
 Impavido, e prudente:

Se de longa experiencia aconselhado  
 Não mandasses constante, que valêra  
 Ter no tanque de Cintra exposto ao vento  
 Fragatas de cortiça?



Todos, todos clamamos, que se observe  
 O que dita a Razão, e a Natureza,  
 E as santas Decisões, que nos promulga  
 A Catholica Roma.

Ninguem se julga barbaro; mas vemos  
 Lançar fumo o punhal, em sangue tinto  
 Na mão do matador; vemos roubados  
 Os sagrados Altares!

Com damnada malicia, huns aos outros  
 Enganar pretendemos: falso gésto  
 He o trunfo do jogo; da amizade  
 Hypocrito verdugo!

Na magnifica meza em crystaes ricos  
 Trasborda a loura espuma do suave  
 Vinho de Chypre: alegres convidados  
 Ao grande amigo brindão:

Levantão as reciprocas faudes,  
 Ternissimos colloquios; mas depressa  
 Esta Scena se muda, e da Discordia  
 Rola o dourado Pomo.

Pelo arbitrio de Páris não se espera  
 Nua a espada brilha, e fere: corre  
 O sangue quente, e os cópos em pedaços,  
 Espalhados retinem.

Que



Que mais faria o perfido Argelino,  
Se c' o estreito Chaveco abalroára!  
Talvez que nelle achasse mais clemencia  
A pobre humanidade.

Se na Hircania, ou no Caucaço nascidos  
Os homens fossem, não seria estranha  
A traição, o rancor, a triste inveja,  
A rispida soberba.

E fôra, pois já vio a antiga Roma  
No tyranno espectáculo de Circo,  
Esfaimado Leão, lamber as plantas  
Do amigo descorado.

Oh Amizade, oh dadiva Celeste!  
Enfadada de nós, de nós te ausentas!  
Abriste as brancas azas, que sonoras  
Nos ares te sustentão:

Já sobes, já te elevas, já te escondes,  
Ora sereno o vôo, ora apressado,  
Nos immensos espaços, onde girão  
Outros Soes, outros Mundos.

A Luz do dia foge: fica a terra  
A seu antigo cahos reduzida:  
Mas, dentre as grossas trévas apalpando,  
Eis se ergue o Fingimento.

Os candidos vestidos da Amizade,  
 Co'as negras mãos levanta aos tórpes membros;  
 Nas fantasticas roupas disfarçado  
 Engana a cega gente.

Com estreitos abraços se recebem  
 Os fingidos amigos : filho chama  
 O tyranno Tutor ao desfalcado,  
 E mísero Pupillo.

E nesta tenra idade, fracas almas,  
 Almas em feios vícios atoladas,  
 Como podem guardar as leis austeras  
 Da pávida Amizade?

He facil ter de amigo o santo nome,  
 E sustentallo com civil aspecto;  
 Mas que ao chapéo o coração governe,  
 He Ethiope branco!

A lingua, que te salva, quando raia  
 No vermelho Horizonte o Sol dourado,  
 Antes que a sombra caia dos outeiros,  
 Te insulta, ou te crimina.

Desaltrados rafeiros, que só mordem  
 Os pobres remendados; porém vendo  
 Os olhos fuzilar do roaz Lobo,  
 A cauda desenrolão.

Não se encontrão Eurialos, e Nizos,  
 Cástor, e Polux, Pylades, Orestes;  
 Nem para renascer a extincta raça  
 Esperes nova Pyrrha.

Mais facil he que Cadmo refemeie  
 Os dentes do Dragão, e que rebentem  
 Da terra depravada, enfurecidos  
 Armigeros Guerreiros.

## O D E XXI.

**C**Om que fervidos rógos imaginas,  
 Caro illustre Maclean, q' ao Ceo clemente  
 Cansa hum Poeta? Crê-me; não lhe pede  
 Magnificos Palacios.

De pouco se contenta; não cobiça  
 Do fulvo Téjo arar as ferteis margens,  
 Onde sonora freme a loura espiga  
 Dos Euros açoutada.

Os rufos Touros, as malhadas Vaccas  
 Dos campos Transtaganos não deseja,  
 Nem Indico marfim, ouro brilhante,  
 Nem pérolas do Ganges.

Afoute beba o Mercador em taças  
 De esmeralda, e safira o licor almo  
 De Chypre, e de Falerno; já que os máres  
 Parece que governa.

Impune tres, e quatro vezes rompa  
 Cad' anno o Golfão: desfraldando as vélas  
 Impavido commetta infames costas,  
 Inhospitas arêas.

Não

Não lhe invejo a fortuna, pois me basta  
Passar a curta vida retirado  
Na Fome-santa ao som da clara vèa,  
Urdindo novos versos.

Divina Providencia, tu bem sabes  
Quão pouco te molestão meus desejos:  
Não quero mais que ver na frugal meza,  
De filhos rodeada;

Hum limpo côpo, com que nesta grande  
Noite, só para mim prospero dia,  
Possa alegre brindar aos faustos annos  
Do heroico São Vicentè.

Com mais pouco se mata a crua fome,  
Para fazer seu grande Nome eterno,  
Ou pobre, ou rico vivo; tenho a Lyra  
Do cantor de Venosa.

Em quanto, ó Conde, as bellicas virtudes,  
Que herdaste de teus inçlytos Maiores,  
No regaço da Paz jazem tranquillias,  
Preparo os Épinicios.

Tempo depois virá, que desferindo  
Em aurea Poppa as Lusitanas Quinas,  
Arrazadas as aguas de Turbantes,  
Te croem mil victorias.



De negro fangue as armas rociadas,  
 Arrastados trarão ao Luso Throno  
 Os Mouros Capitães; nas duras costas  
 As rôxas mãos atadas.

Se as Estrellas então me consentirem  
 Tuas acções cantar; da fria Morte  
 Verei luzir a fouce, satisfeito  
 Da gloria, e da fortuna.

*Aos Annos do Senbor José Carlos Mardel.*

ODE XXII.

**A** Penas hoje a somnolenta Aurora,  
Entre as rosadas nuvens, que abafavão,  
Da alcantilada serra os altos cumes,  
Mostrava a manhã fresca:

Huma inquietta tropa de vendados,  
Lindíssimos Amores, se alojava  
Do fulvo Téjo na arenosa praia,  
Que adorna a grão Cidade.

Arnezes, malhas, grevas, e loricas  
Veste a soberba juvenil Phalange  
Dos aureos elmos, com as torcidas plumas  
Zefira empenna as azas.

Ao rouco som de horrifonos tamborês,  
Que n'uma, e n'outra margem retinha,  
A brava gente ferve, qual puxava  
A rapida columna.

Qual

Qual marcando reduçtos, e trincheiras,  
 Na ruiva arêa crava as aureas fendas:  
 E qual levanta co' alvião pezado  
 Merlões, e plataformas.

Os tirantes de purpura atezando,  
 Outros arrastão lagres, falconetes,  
 Que em altas baterias affetados  
 Affrontão todo o Mundo.

Então Amor alçando a mão tyranna,  
 Onde a farpada ponta fuzilava,  
 Manda jogar os fervidos morteiros,  
 E rompe nestas vozes:

Esta alegre rezenha, companheiros,  
 A tão prospero dia he consagrada:  
 Hoje, a Mardel gentil, as duras Parcas  
 Fião dourados annos.

As rôxas balas, que nos ares silvão,  
 Das bombas as sonoras espoletas,  
 As ruidotas granadas fulminantes,  
 Tudo seus annos louvão.

O bellico ruido aos mesmos Astros  
 Ensina a repetir seu claro nome:  
 Os mesmos Astros, quaes seus olhos brilhão,  
 Scintillarão com elle.

Disse: e da terra subito levanta  
Dos horridos canhões o negro fumo,  
Qual Encélado montes sobre montes,  
Ou nuvens sobre nuvens.

Mas eis que o cego Nume a Scena corre;  
Não vi na liza arêa mais que o fumo  
De miseras entranhas palpitantes,  
De corações feridos.

Que abrazados queixumes, que soluços,  
Oh que doces suspiros, que soavão!  
De maneatadas Ninfas, que rendidas  
Jazem no duro campo.

As linhas, os ramaes, as colubrinas  
Outra cousa não são mais que seus olhos,  
Que seus olhos azues, alvo semblante,  
Que seus louros cabellos.

Fugi, Ninfas, fugi daquelles olhos,  
Nelles aia Amor seus pañadores:  
Fugi, Ninfas, fugi, que seus cabellos  
São as Vulcaneas redes.

## O D E XXIII.

**P**ois sabes, que nas margens do Mondego,  
 Amor, que he grão Poeta,  
 A cantar brandos versos me ensinava,  
 Quando prezo me tinha,  
 E victima chorosa, as aras cruas  
 Banhei c' o sangue quente  
 Do roto coração, das rotas veias,  
 Que abrião seus virotes:  
 Não estranhês, Senhora, que os furores  
 Do genio Sibyllino  
 Me forcem a louvar o claro Dia  
 De teus ditosos Annos:  
 Ao santo Templo da immortal Memoria,  
 Sobre as azas da Fama  
 O desejo levar; quero que chegue  
 Aos seculos futuros,  
 Cercado de relampagos, e raios,  
 Com que os Vates fulminão  
 Da Inveja triste as assanhadas serpes,  
 Que em torno lhe sibilão  
 Do livido semblante descorado,  
 Dos olhos furibundos.  
 As estofadas Ondas somnoletas  
 Do Lethes vagaroso



Verão passar mil vezes tão bom Dia  
 De estrellas coroado.  
 Virão, como hoje vem, a teus altares  
 Render devoto culto  
 Os miseros amantes delmaçados,  
 Em suas mãos trazendo.  
 Inda quentes entranhas palpitantes,  
 E corações fumando.  
 Outros Tyrses, e Elpinos namorados,  
 Outros Licidas Cintios,  
 Prostrados erguerão queixosos Hymnos,  
 Rasgando os mansos ares  
 Com férvidos suspiros, com seu pranto,  
 Que tu, Cruel, desprezas!  
 Só não sei se haverá outra Silvandra,  
 E que Vestal do Tempo,  
 No sonoro rebolo, o fatal gume  
 Afie da bipenne,  
 Com que desfeixa os golpes, nos solemnes,  
 Cruentos sacrificios;  
 Quando a gelada Victima estremece;  
 E cerra os tristes olhos.  
 Hoje porém, que tão alegre Dia  
 Com farta mão derrama  
 As delicias, prazeres, e fortunas  
 Em toda a Fonte-santa;  
 E nas espadas do ligeiro Noto  
 As Graças, e os Amores  
 Com sonoro susurro andão voando  
 À roda desta casa;

Deixa, gentil Senhora, que se mude  
     A Cithara soberba  
 Em Avena campestre, e que te offeça  
     Humilde rendimento  
 De singela vontade, e sãos desejos;  
     Huma pobre gallinha,  
 Hum alvo ganso, que muito ha que adeja  
     Para voar tão alto:  
 Ainda elle espera hum dia transformar-se  
     Em constellação nova;  
 E co' as pennas das azas rutilantes,  
     No azul ethereo Assento  
 Escreverá de Arminda o doce Nome;  
     Para ser entre os Astros  
 De desejos, amores, e suspiros,  
     O Norte luminoso.

## O DE XXIV.

EM quanto o pobre Tyrse descansado  
 Da Preguiça nos braços somnolentos,  
 Co' a boca meia aberta a somno solto,  
 Ou ronca, ou se espreguiça:

Em quanto a torpe, e vaga fantazia  
 Luctando com cançados pezadellos  
 Em verdes bancas pinta as louras marcas,  
 Lhe mostra o as de copas:

Em quanto atado ao duro, e longo remo  
 Da galé, com que furca fundos pégos,  
 Os calejados hombros dobra ao duro  
 Arrebém de comitre:

Em quanto crê, que a Fonte-santa alegre,  
 Com sonoro ruído solta as aguas,  
 Só quando vê em seus quebrados olhos  
 Amor tremer com frio:

Em

Em tanto o bravo Elpino, qual o fulvo  
 Famelico Leão da gran Nonacria,  
 Ataçalhando os pavidos rebanhos,  
 Traga famintos membros.

Affim vem, affim vê, affim subjuga  
 Rebeldes corações, que reduzidos  
 A poucas cinzas, qual o debil fumo  
 Em crespas nuvens voão.

De baixo já da planta vencedora,  
 Em frio sangue çujos palpitando  
 Abjurão de Mafoma, ou molle Tyrse,  
 : A immunda torpe Seita.)

Mas o pio Alexandre condoido  
 Da orfandade das miseras cativas,  
 Nas ricas almofadas, barba, a barba,  
 Affavel as recebe.

Oh que doces, que lagrimas contentes  
 Inundão negros olhos! Que suaves,  
 Que fervidos suspiros retinindo  
 Não voão pelo tecto!

Ah pobre Tyrse! acode, que te pizão;  
 Que teus campos já roubão, talão, queimão  
 Armados esquadrões d'outros Amores,  
 Amores invenciveis.



Traducção de huns versos Inglezes, feitos a huma  
seu grande Pintor.

## O D E XXV.

**O** Dourar a manhã, do Sol que nasce;  
Derramar os reflexos;  
Pintar á sombra do cerrado bosque;  
A rapida corrente;  
As ceruleas montanhas affastadas  
Mandar, que se levantem,  
C'o vermelho horizonte confundidas;  
Pela verde campina  
O rebanho espalhar que anda pascendo;  
Dos rachados penedos  
Fazer que desção caudalosos rios;  
Que a criação formosa  
Brote de baixo desta mão potente;  
He a grande tarefa,  
Que só se atreve a descrever Sertorio.  
Mas quando fazonados  
Apparecem os frutos de Pomona  
A producção amavel  
Do fertil anno; então a Natureza  
Porque se vê vencida,



Se mostra envergonhada: ó pincel raro,  
 Do que o Sol mais fecundo  
 C'o doce toque os pomos faz maduros:  
 Do Paraíso pôde  
 A memoria acordar; dar-nos seus frutos  
 Sem segundo delicto.





DITHYRAMBO I.



S brilhantes trançados enastrand  
Com verde mirto, com cheirosas flores,  
Nos lindos olhos vivo rutilando

O doce lume  
Do cego Nume,  
Alvas donzellás,  
A quem vos ama,  
Da crespa rama,  
Que Bastareu  
Ao Mundo deo.

Co' as brancas mãos no cópo crystallino  
Lançai ligeiras  
Louro Falerno, rubido Sabino;  
Eia, voai  
Deitai, deitai;

Gró gró, tá tá,  
 Que cheio está:  
 Ora brindemos  
 As gentís Graças, castos Amores:  
 No mar lancemos  
 Rixas, tristezas, mágoas, temores.

Mas de córadas nuvens, affumados  
 Vejo em torno girar os negros montes;  
 Candida espuma  
 De purpureas fontes  
 Ferve, e se enleia  
 Na crespa veia,  
 Com que o ribeiro  
 Corre ligeiro.

Por entre as aveleiras buliçofas,  
 Das balsas espinhofas,  
 Mil capripedos Satiros auritos,  
 E mil Faunos brincões,  
 Já vem saltando,  
 A terra c' o ruidoso pé trilhando.  
 Sincinnas corêas,  
 Bistonidas feas  
 Fómão bradando  
 Evoé, Saboc  
 Amores inspira:  
 O doce Leneo,  
 Amores bebamos,  
 Do peito lancemos

Os sustos temores,  
 Nos côpos já temos  
 As Graças, Amores.

Evoé.  
 O' Padre Lyeo.  
 Saboé,  
 Evan Bassareu.

As sérulas pterervas coriscando,  
 Entre as cervinas pèlles maculosas  
 Derramão brilhantes  
 Tremulas estrellas,  
 Sobre as soltas bellas  
 Fulguricrinantes  
 Tranças pampinosas  
 Das thyrsiferas Thyadas raivosas.  
 Corycio escutando  
 O frigio clamor,  
 Está ululando  
 Com triste fragor.

Sobre o prado ameno  
 Tremilhicando o pávido Sileno,  
 Do Ebrifestivo côpo que trasborda  
 Pela micante borda  
 Deixa entornar, com rubicundo rosto,  
 O cheiroso rubi, o quente mosto:  
 Encrespou o nariz, e sacudindo  
 Os humidos bigodes, ficou rindo.

Evoé.

O' Padre Lyeo.

Saboé,

Evan Bassareu.

Com Tyrso potente,

Em carro luzente

De Tigres puxado,

Dourando este dia,

Desterra o cuidado,

E traze alegria.

Evoé.

O' Padre Lyeo.

Saboé,

Evan Bassareu.

Os cópos brilhantes

O bom Niçtileo

Em brindes retinem,

E Amor adejando

Co' as azas rorantes,

Se está mergulhando

Em ondas brilhantes.

Evoé.

O' Padre Lyeo.

Saboé,

Evan Bassareu.



*Ao Senhor Antonio Diniz da Cruz e Silva,  
Socio da Arcadia.*

## DITHYRAMBO II.

**B**acco, Elpino, cantemos; dá-me o Bromio;  
Oh que bem que elle sôa! Eu toco; canta  
Bacco, Bacco, evocé:  
Mas que fazes? Não ouves? Olha, escuta  
O estrepito sonoro  
Da coniuza Thymele.  
Não saltas? Não te alegras? Olha, escuta  
Bacco, Bacco, evocé.

Os olhos tens chorosos; somnolento,  
Estupido o semblante; rubicundas,  
E quentes as orelhas;  
O nariz frio; os braços pendurados:  
Cambaleias? Tu cahes? Elpino, cahes?  
Ah! Já sei; os symptomas bem conheço.  
Opprime-te a ambrozia:  
Nada-te o coração no licor forte,  
Que corre em catadupas pelas veias.

Doce Padre Lyeo, acode, acode,  
Acode ao teu Elpino:  
Bacco, Bacco, evocé.

Vem,

Vem, vem, ó Dithyrambo, se as alegres,  
 Crepitantes Lenéas te não prendem,  
 Se affogado do fumo dos legumes,  
 Os olhos esfregando as ventas torces;  
 Vem, vem, q' eu te prometto  
 (Por esta taça o juro)  
 Devoto celebrar as anthesterias:  
 Vem, vem Bacco, evoé.

Mas que ouço! Escuta, Elpino:  
 Ouço ao longe ranger os parafusos  
 Dos cheirosos lagares!  
 Descendo pelas roscas grita avara;  
 Bom final, evoé.

Vejo, por entre chuvas de bagaço,  
 Hum vulto pelos ares vir batendo  
 Compridas azas; mas não tem cabeça,  
 Não tem pés, não tem mãos:  
 Ah! já na terra pouza:  
 Vamos Elpino ver; hum Odre, hum Odre!  
 Es tu Bacco, evoé.

Elpino, toma, bebe  
 O valente elixir, que nos restaura  
 Das passadas fadigas,  
 Que aqueça os frios membros,  
 Que faz vermelho o velho descorado,  
 Que alegre a mocidade,  
 Que o somno concilia:  
 Elpino, toma, bebe,  
 Bacco, Bacco, evoé.



## SATYRA I.



Oridon, Coridon, que negro fado,  
Que frenezi te obriga a ser Poeta?  
Que esperas de teus versos? Ainda esperas  
Pelos antigos seculos dourados,  
Quando achavão Mecenas bons Engenhos?  
Não sabes que das Musas Portuguezas  
Foi sempre hum Hospital o Capitolio?  
Viste já, que seis Ursos arrastassem  
Em douradas Berlindas hum Poeta?  
Não escreve Luziadas quem janta  
Em toalhas de Flandres; quem estuda  
Em Camarins forrados de Damasco:  
Quanto mais que elles versos q' assoalhas  
São trovões, de que os doudos escarnecem,  
Sem que lhes valha o titulo estrondoso  
Com que talvez pertendes baptizallos:

Odes

Odes lhes chamas tu; elles murmurão  
 Não sei de que palavras: outro dia  
 Me disse Fabio o douto, o longo Fabio,  
 Que destes bolos o chavão não tinhas;  
 Que no *Alcaide* fallaste, e nos *Bugios*,  
 Nos *descalços Trombetas*, termos chulos,  
 E vedados a melicos cantores.  
 Pois hum Matuzio, o fallador Matuzio,  
 Que inda mais livros lêo de quantos teve  
 Ptolomeo, e conserva o Vaticano,  
 Nesta mesma bigorna lá de longe  
 Co' a pezada cabeça te martella:  
 Que furia te tentou com tal *Alcaide*?  
 Antes Tribuno, ou já *Lictor* distelles,  
 E se sabes Francez *Sergent*, seria  
 Enfeitar o teu cepo mais à moda:  
 Mas tu não fallas? Callas-te; que dizes?  
 Que hei de dizer, *Calurnio*! Que já cedo  
 Como Horacio aos prestígios de *Canidia*,  
 Que as mãos te deo a ti, e aos bons Letrados  
*Licurgos*, e *Ulpianos* de palavras,  
 Com que me allegas, com que me intimidas.  
 Que alegre borrarei o nome de Ode  
 Dos verlos meus, que por desastre virão:  
 Feliz eu, se consigo com dous rasgos  
 Da penna, que maneo tão ligeiro,  
 Escapar aos *Malfins* que me pêsquizão.  
 E não fora melhor que te deixasses  
 De huma Arte desgraçada, que os prudentes  
 Já calvos *Salamões*, *Padres Conscriptos*  
 Aborrecem, desprezão, e condemnão?



Almotacel que queiras ser de hum Bairro ;  
Excluído serás sendo Poeta.

Antes de ti se diga , que perdeste

O dote da mulher , o pão dos filhos ,

Porque Gelonio teve quatro d' honras.

Antes de ti se diga , que roubaste

Ao pobre caminhante dez cruzados ;

Que violaste as Vestaes ; que em vão juraste ;

Que es Bruxo , Delator , q' es hum falsario :

Tudo o tempo consome , tudo esquece ,

Tudo dourão riquezas ; mas Poeta !

He furia sem remedio , he cão damnado ;

Todos o apupão , todos o apedrejão ,

Tu andas pelas ruas mui contente

Com teus grandes canhões impertigado ;

Inda que baxo , e fusco , vais cuidando

Que reparão em ti , que todos dizem ,

Com o dedo mostrando a má figura :

Eis o grande Poeta , que nos trouxe

A galante invenção de versos soltos ,

O contagio das Odes , que atrevido

Quer extirpar a feita dos Sonetos.

Mas quanto Coridon , quanto te enganas !

He certo que te apontão ; mas bradando :

„ Lá vai o novo Horacio author da Ode „

*Varra o crédor soberbo a pobre casa.*

*C' o defabrido Alcaide circumspecto*

Embicando no varra , e mais no Alcaide

Põe as mãos na cabeça. Clamão que Odes

Nunca virão com termos tão rasteiros ;

Pensamentos , que forão condemnados



Nos rusticos escolios de Lucilio.  
 Basta, Calturnio meu, ante os Juizes,  
 Que tão boa sentença proferirão,  
 Quizera retractar-me, e te prometto  
 De abjutar o estylo que seguia.  
 Buscarei novas fraes, novos termos,  
 A lingua fallarei de Palainhos:  
 As minhas trovas, meus humildes versos,  
 Eu te juro, que nunca mais lhes falte  
 O sonoro zão zão dos consoantes,  
 Magestosas idéas Sybillinas,  
 E outros taes aravios, com que arreão  
 Suas composições esses bons mestres.  
 Mas tu que tens a dita de pizares  
 O Portico sagrado de outra Athenas,  
 Que es Estudante, e foste preservado  
 Da culpa original da pobre Arcadia,  
 Descendente do Adão do grande monte,  
 Que larga as cans de prata no Mondego;  
 Por Ancião famoso, e conhecido,  
 Vai, e por mim o Oraculo consulta,  
 Pergunta se tambem o Venuzino  
 Clara Estrella polar, o velho Horacio  
 Errou na opinião desses Cujacios,  
 Quando chamou sem pejo dentro em Roma  
 Ante a face de Augusto, em suas Odes  
 Garridos Espadões, a mil Eunúchos.  
 Ao bom Affio chamou vil usurario;  
 A Meyio fedorento; Mastim a outro,  
 Bruxa a Canidia; se varou em terra  
 Seu baixel alteroso; quando disse

De hum mão liberto, prodigo, e soberbo,  
 Que fora do Verdugo c'o azurrague  
 Nas costas fustigado até incharem  
 Ao gritador Porteiro as cordoveias  
 Do vermelho pescoço que tuava.  
 Não te fallo na velha deshonesta,  
 Que os falsos arrebiques lhe cahião  
 Pelo verde semblante descorado,  
 Como o vermelho barro no alto monte,  
 Em laivos se derrama, quando a chuva  
 Principia a correr em enchorrada.

Repara, Coridon, que nestas Odes  
 As palavras que allegas são Latinas;  
 Logo pôde em Latim dizer-se *Preco*,  
 Porteiro em Portuguez he condemnado.  
 Ora, Calurnio, vai-te; em paz me deixa,  
 Que nem me lembro já de taes Doutores:  
 Qual o grande rafeiro, que seguindo  
 O dono vai, sem reparar nos fracos,  
 Insolentes cachorros da Cidade,  
 Que ora lhe ladrão, ora lhos assulão,  
 Mal lhe volta o focinho arreganhado,  
 E o lizo agudo dente que branqueja,  
 Qual a fouce da Morte os intimida.  
 Justo porém será que tu lhes digas,  
 Que varra cada qual sua testada,  
 Que alsás borbulhas tem para coçar-se.  
 Que seus versos não leio, que não leião  
 Elles os versos meus, Odes, ou trovas;  
 Não lhe quebro os ouvidos, não os canso  
 C'a importuna lição dos meus Poemas:

N'Arcadia os leio ; alguns de seus Pastores ,  
 A quem verde era cinge , e adorna a fronte ,  
 Pejo não tem de lellos , e approvallos.  
 Que se guardem de mim , porque se peço  
 Ao Campião de Apulia a longa espada ,  
 Com que fendia as costas dos Romanos ,  
 Nem a maldita fama bolorenta  
 De seus célebres Nomes esquecidos ,  
 Illésa deixarei , serão cantados ,  
 E fabula do Povo em toda a idade .

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde  
de S. Lourenço.*

## SATYRA II.

**N**ão posso, amavel Conde, sujeitar-me  
 A que ás cegas se imitem os Antigos;  
 Quero dizer, aquelles Portuguezes,  
 A que hoje chamamos Quinhentistas:  
 O bom Sá, bom Ferreira, o bom Bernardes  
 Forão grandes Poetas; qualquer delles  
 Foi discreto, e foi sabio; em fim as Musas  
 Lhe embalarão o berço, e lhe cobrirão  
 Com murta, e com loureiro a sepultura;  
 Mas nem por isso os Pobres escaparão  
 Á culpa original: tem suas faltas,  
 Tem seus altos, e baixos, tem sedeiros,  
 Onde dá c' os focinhos hum Pedante,  
 Que vá por onde for ha de seguillos,  
 Que ha de furtar-lhe tudo quanto dizem;  
 E seja bom, ou máo, isso que importa?  
 O ponto está que o diga algum daquelles;  
 Que Craesbeeck imprimio: ha maior teima!  
 As Graças são muchachas, são rizonhas,  
 São faceis, são suaves: elles querem



A força pôr-lhe brancas, e bigodes,  
 E não lhos sabem pôr: que he o que eu digo?  
 Imitão o peor; mas não imitão  
 Os versos mais canoros, e correntes,  
 A sizada dicção, a frase pura;  
 Aquelle Atico fal, que não conhece  
 Quem nunca vio o Portico de Athenas,  
 Se quer em caixas opticas pintado;  
 Isto he Anacreonte traduzido,  
 Aristophanes, Sophocles, e Sapho:  
 Sem que fique de fóra o bom Homero,  
 E outros, em quem poder não teve a morte:  
 Para imitares tu, Senhor, os feitos  
 De teus claros Maiores, necessitas  
 De calças, e gibão? Se hoje sahisses  
 Com jaquete, e golilha; quem seria  
 Tão sério, e tão sizado, que pudesse  
 Conter o rizo? Nada te valêra  
 Responder-lhe gritando, que imitavas  
 Os distinctos Avôs, que dos Noronhas  
 A Profapia exaltárão generosa  
 Nos seculos passados: Todos sabem  
 Que o valor não consiste nos vestidos,  
 Antes seguem as modas, A virtude  
 Assiste com socego inalteravel  
 Nos grandes corações: Ora esta regra  
 Corre a nivel d'altura do Parnaso.  
 Imita-se a pureza dos Antigos,  
 Mas sem escravidão, com gosto livre,  
 Com polida dicção, com frase nova,  
 Que a fez, ou adoptou a nossa idade.



Ao tempo estão sujeitas as palavras;  
Humas se fazem velhas, outras nascem:  
Assim vemos a fértil Primavera  
Encher de folhas ao robusto tronco,  
A quem desprio o Inverno desabrido.  
Mudão-se os tempos, mudão-se os costumes:  
Camões dizia *inigo*, eu *inimigo*;  
O ponto está que ambos expliquemos  
Aquillo que pensamos: a energia  
Do discurso, e da frase não consiste  
No feitiço das vozes, mas na força:  
Salvo conforme aos Garrulos Trovistas,  
Que não te chamão justo, sem chamar-te  
Ou robusto, ou augusto; inda que sabio  
Detestas a lisonja. O raro Apelles  
Rubens, e Ratael, inimitaveis  
Não se fizeram pela cor das tintas;  
A mistura elegante os fez eternos.  
Quem não percebe bem este segredo,  
Cuida que em dizer *mor* tem dito tudo:  
Que muito, senão ha discernimento,  
E reina a affectação! Vejo Pedantes  
Trepados em Cadeiras, descompondo  
Os mais honrados Cidadãos de Athenas,  
Sem razão, nem vergonha: e vejo gente  
Prudente, e sabia embasbacar nos gestos  
Do Mono perulante. Muito pôde  
A opinião, a teima, ou o capricho!  
E o Pedantismo pôde mais que tudo;  
Pois arrasta a Razão, piza a Verdade;  
E em sabendo servir-se da lisonja,

Voa por esses ares, sobe ao cume;  
 Onde a vaidosa Idéa ergueo o Templo  
 Da fantástica Fama. Alli se abraça  
 A Soberba, e a Vaidade co' a Preguiça:  
 Vive a Ignorancia alli, dalli pertende  
 Dictar as leis ao Mundo. Mas que digo?  
 Que furor atrevido me arrebatá?  
 Que Demonio me inspira alegorias,  
 Sem permissão do Tribunal Censorio  
 Dos Criticos modernos? Não he moda  
 Hum Estro nobre; tudo está mudado:  
 Ha Pragmatica nova, estreitas regras,  
 Que obriga a jejuarmos Poesia  
 Tão longa quarentena; e não me espanta  
 Ver Poetas myrrados, se a abstinencia  
 Das Claufuras fogio para o Parnaso.  
 Os nobres Portuguezes, Christãos velhos,  
 Acafo são Gentios, como forão  
 Pindaro, Homero, Sophocles, Virgilio,  
 Para inventarem cousas inauditas?  
 Fabulas novas? Bastão as pinturas  
 De quatro bagatellas: huma fonte,  
 Hum bosque, hú rio, hú campo, hú arvoredó;  
 Hum rebanho de cabras, dous Pastores  
 Com cajado, e furrão; huma Pastora,  
 Que se está vendo n'agua: ha melhor coufa?  
 Quem póde fazer mais? Que nos importa  
 Que o verso seja frouxo, ou deslocado,  
 Sem Grammatica a frase, sem pureza,  
 E sem graça a dicção; ou em fim tudo  
 Sem connexão, sem ordem, sem juizo?

O caso está que lembrem as pedrinhas  
 Lá no fundo do rio, sem que esqueça  
 A gaira do Pastor, nem os abraços  
 Da simples Pastorinha: e que as palavras  
 Sejam humildes, velhas, e caducas,  
 Se quer de quando em quando. Ah Senhor Conde!  
 Se isto he ser bom Poeta, bom Poeta  
 Eu o prometto fer em pouco tempo;  
 Mas tu, Senhor, bem sabes quanto custa  
 Ser fidalgo da casa do Deos louro:  
 Não se compra a dispensa com dinheiro,  
 Nem vale ter o Pai no Desembargo;  
 Mas he preciso grande genio, longo,  
 E escolhido estudo; ouvir a todos,  
 Seguir a poucos; conversar c'os mortos,  
 Quero dizer, c'os livros todo o dia,  
 E toda a noite; alli se faça branco  
 O cabelo, que foi ou preto, ou louro.

## EPISTOLA I.

**S**E á sombra dos loureiros sempre verdes,  
 Que nascem junto ás aguas de Aganipe,  
 Inda, Amigo, te encoftas focegado:  
 Se das soltas correntes, que do cume  
 Do frondoso Parnaso estão cahindo  
 Por entre frias, e musgosas pedras,  
 Sem nunca te fartares, ainda bebes:

Se



Se as graciosas Musas te rodêão ;  
Encoستا a curva Lyra sobre o peito ,  
As aureas cordas fêre , escreve a Ollino :  
Se a Rithma , como escravo , te traz prezo ,  
Perdida a liberdade , ao duro cepo ;  
Québra as fortes cadêas ; não he justo  
Que o continuo zum-zum do confoante ;  
Que o ouvido agita só , a alma não ,  
Esfrie o fogo , que na idéa nasce :  
Não busques pensamentos exquisitos  
Em denegridas nuvens embrulhados ;  
Não tragas não metáforas violentas ,  
Imitando esse Corvo do Mondego ,  
Que entre os Cisnes do Téjo anda grafnando :  
Ufa da pura lingua Portugueza ,  
Que aprendido já tens no bom Ferreira ,  
No Camões immortal , em Souza , e Barros :  
Em Grego não me escrevas , nem Latim ;  
Dá-me conta da tua larga vida :  
Desejo que me digas se inda preza  
No pensamento trazes a Cachopa ;  
Se com tres companheiros n'uma banca  
De panno verde ornada o Whist jogas ;  
Se ouves fallar Francez ; e se inda lavra  
O mal , de que hoje tantos adoecem ;  
Fallo daquella praga desastrada  
Dos enfermos Poetas , que não querem  
Os remedios tomar para sararem :  
Conta-me em que exercícius vás gastando  
O tempo , que lá tens ; se ao som do rio  
Compões os brandos versos , com q̃ arrancas  
Do



Do cume das montanhas levantadas  
 Os arreigados Cedros para ouvir-te.  
 Eu, Amigo, depois que te deixei,  
 Triste vejo nascer, e pôr-se o Sol;  
 Os mais dos dias passo em minha casa  
 Sentado n'um banquinho, e recostado  
 N'uma despida banca; poucos livros,  
 Algum papel, com pennas, e tinteiro  
 He quanto só me adorna o estreito quarto:  
 Alguns Amigos tenho, mas distantes;  
 Nem cavallos, nem seges á bolea  
 Tenho para tão longe ir visitallos:  
 Temo de sahir fóra. . . . Ah não te engano,  
 Temo de sahir fóra: Desta banda  
 Me empurra o aguadeiro, e de estoutra  
 Me atropella a Saloia co' seu macho;  
 Hum vem á redea solta no rabão,  
 Outro corre no coche á desfilada;  
 Para esta parte fujo, eis-que de cima  
 Sobre mim vem a çuja caldeirada;  
 Os confusos, os vagos pregoeiros,  
 Os ouvidos me atirão com seus gritos;  
 Hũ „ Quê as flores merca „ Outro os polvilhos.  
 Então eu cá comigo vou dizendo:  
 „ De que servem polvilhos a hum Poeta,  
 „ Se a hum filho de Apollo o verde louro  
 „ He o melhor adorno, he todo o fruto?  
 Desta sorte não posso, caro Amigo,  
 Novidades contar-te cá da Corte.  
 Pois que te contarei? Eu sei sómente  
 Que entrão náos pela barra, e sahem náos  
 Com

Com as vélas inchadas; sei que corre  
Para o ceruleo mar o louro Téjo;  
De Lisboa, e das Cortes Estrangeiras  
Não saberei dizer-te coufa alguma,  
Que o tempo todo gasto em ler Virgilio  
No meu pobre, mas certo domicilio.



*Ao Senhor Doutor João Evangelista.*

## EPISTOLA II.

**Q**ual fordido Pedreiro, que doente  
De hum Hospital jazco no leito pobre,  
Quando torna dalli convescido,  
Mais esbelto, pellado, e macilento,  
Em casa não acerta com a trolha,  
Picareta, e colher; tudo lhe falta:  
Assim depois de tantos negros dias,  
E noites longas, mais que as de Lamego,  
Em funebres idéas mal gastadas,  
Com pennas, e papel não sei haver-me.  
Quero grafnar em verso, mas não posso:  
Dos olhos me fugio o santo lume,  
Que me guiava ao cume do Parnaio.  
Por fatuo me tivera, se a Fortuna,  
Em cambio da alegria que me ronba,  
Me dêsse dous rabões com tres laçaios  
Brilhantes, rendas finas, e velludos,  
Que bécas são de tolos, e casquilhos.  
Mas de Poeta, Amigo, só me resta  
Defastres, e miserias; filhos rotos,  
De valadio o recto, a vinha calva,



Caseiros, Arquitectos, e criados  
 Mais duros que as Catastas de Perillo:  
 E neste bom estado me provocas  
 A cantar, e tanger na doce Lyra.  
 Que ha de fazer hum Cysne defazado;  
 Hum cansado rocim, que já não chega  
 Á méta desejada, sem mil vezes  
 Cahir, dando aos ilhaes na liza arêa?  
 Mas se pragas me rogas, que mais queres  
 Que ver Heytor dos fervidos cavallos,  
 Do colerico Achilles arrastado,  
 Tingindo a dura terra o negro sangue?  
 Supponho que a metaphora percebes:  
 O Nadegas, que viste esfrangalhado  
 A passapello vir da pobre Aldêa;  
 Porque lhe devo já huns tantos mezes,  
 Me ralha, e me governa focinhudo;  
 C' o rabo agazalhado, já capeia  
 As aias, as rascoas da cozinha:  
 Eu delle me recato, só me falta  
 : Lucrecia vir a ser deste Tarquino.  
 Agora te ris tu; e Manoel Gomes  
 O nariz encrespando, te pergunta  
 Que fabulas são estas? Não lhe expliques  
 O sentido moral; deixa-o confuso:  
 Não convem que criados tudo saibão.  
 Dize-lhe que sou doudo, que desprezo  
 Opulentas heranças; que inflexivel  
 Com semblante tereno, e socegado,  
 Não me cansa soffrer a mão pezada  
 Da Fome, e da Penuria; não me espanta



A carregada nuvem da Desgraça,  
Que aos olhos me fuzila ha já dez annos.  
Nem sonho com Perdizes, nem Lampreias;  
Com mui pouco se calão meus delejos:  
A males sempre affeito, não se accende  
Na torpe fantasia a luz brilhante  
De fartas mentirosas esperanças.  
Nem com legados, quintas, beneficios,  
Promessas, e presentes pôde hum velho  
O curvo anzol cevar, para pescar-me.  
O peixe já sangrado desconfia,  
Se vê surdir a isca á tona da agua.  
Eu que o trapo mordi, e que inda tenho  
As cicatrizes da farpada ponta,  
Nunca mais cahirei em esparrellas.  
Antes quero jazer na estreita lapa,  
Que embrulhado ficar em negras redes.  
Mas para que Poeta não me chames,  
Quero o ponto explicar-te; attento escuta.  
Naquelles priscos tempos que fallavão  
Os animaes, as arvores, as pedras;  
O cerval Lobo, a cálida Raposa,  
Em Juizo accusava, e lhe pedia  
Restituição do furto que fizera:  
Hum Mono petulante, mas sizudo,  
Era o Juiz, que as partes escutava;  
E lançando a sentença, disse ao Lobo:  
Não julgo que te falta o que tu pedes;  
Porém creio, ó Raposa, que roubaste  
O que negas com tanta subtileza.  
Esta Fábula, Amigo, nos ensina,

Que quem mente por genio, e por costume,  
 Quando diz a verdade, não he crido.  
 Agora applica o conto; e lá contigo  
 Péza bem as razões, as vans promeſſas  
 Com que hum aſtuto Velho marralheiro  
 (Até que leſte Tacito, e Comines)  
 Te fez eſtar quieto, e allucinado,  
 Tirando-te por arte de Berliques,  
 Do nariz calcaveis, fitas da boca.  
 O prazo de Valdeſte ſão os filtros  
 Com que eſta Circe torna em Leões fulvos,  
 Em ſedeudos Pórcos grunhidores  
 Do ſabio Grego os tortes companheiros,  
 Que em falſas apparencias embebidos,  
 Entrão nos Paços da famosa Bruxa.  
 Não julgues tão boçal eſte moléque,  
 Que ſaia da cenzala por miſſanga.  
 Ao Minho paſſarei, ſe tu quizeres,  
 Nos altos teſtos, onde já brilharão  
 Precioſos rubins a agazalhar-me;  
 E ſem mais eſperança, que o deſejo  
 De ver-te, de tratar-te, e de paſſarmos  
 Bocejando a miudo as frias noites  
 Do enregelado Inverno, que já chega,  
 A roda da fogueira aqueceremos  
 As engelhadas mãos; d'entre o brazido,  
 Saltando as rebordans, que na deveza  
 O Domingos colheo inda orvalhadas.  
 Alli te contarei como em Lisboa  
 Se dourão os Carrinhos ſem dinheiro;  
 Como tufa o Joſé, como o Lourenço,  
 Que

Que Duque foi no pateo, e Conde em Cintra,  
Agora se vai pôr a Chapeleiro;  
E a pállida infeliz Sebastiana  
Condemnada a torcer negras prezilhas:  
E se disto me ouvires, te enfadasses,  
Tangendo a doce Lyra em brando verso,  
Mil hymnos cantaria á tua Laura,  
A Tia Catharina, Dulcinea,  
Por quem vences Chymeras, e Gigantes.  
E romando no lar hum carvão liso,  
Te pintára o retrato na parede  
Daquelles olhos onde tu suspiras,  
Por quem vives, e morres de saudade.  
Que facil he sonhar felicidades!  
Tu já rico me crês; eu já supponho,  
Agora que te escrevo, e que te fallo:  
Mas esta Scena subito se muda;  
O Chico mostra rotos os çapatos;  
Huma quer lenços, outra quer roupinhas;  
O Nade gas dinheiro para a ceia;  
Á porta está batendo o Alfiate.  
Se alguém aos cães lançou os patrios ossos;  
Se foi traidor á Patria, se he falsario,  
Seja lançado a filhos, e credores.

## FALLA

*Do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, aos Portuguezes, querendo-lhe levantar huma Estatua pelo seu bom governo, o que elle não consentio.*

**N**ão, Lusitano povo, eu não consinto  
 Que Estatua ao meu Nome se dedique:  
 O amor da Patria, o zelo da Justiça,  
 Não sêde de mandar, ou da vangloria,  
 Me fez tomar as redias do governo:  
 Se fui clemente, justiceiro, ou pio,  
 Obrei o que devia. He mui pezada  
 A sujeição do Sceptro; e quem domina  
 Não tem a seu arbitrio as Leis sagradas:  
 Fiel executor deve cumprillas;  
 Mas não pôde alterallas. He o Throno  
 Cadeira da Justiça: quem se assenta  
 Em tão alto lugar, fica sujeito  
 A' mais severa lei: perde a vontade;  
 Qualquer descuido chega a ser enorme,  
 Detestavel, sacrilego delicto!  
 Quando no horizonte o Sol espalha  
 Sobre a face da terra a luz do dia,  
 Ninguem a admira, todos o conhecem;  
 Mas se eclipsado acaso se perturba,  
 Nesse instante infeliz todos se assustão;



Todos o observáo, todos o receião.  
Logo se premiei sempre a Virtude,  
Se os Vícios castiguei, nada mereço.  
E não queirais, Vassallos generosos,  
Lisonjeiros tentar minha constancia,  
Honrosa Estatua pertendendo erguer-me,  
Porque bem vos regí; pois eu não devo  
Condescender comvosco: infamaria  
Da alta Virtude as maximas constantes,  
Com que austéro emprendi o Regio Throno,  
O acaso defender dos vícios torpes:  
Se delle affugentei sempre a Mentira,  
A Lisonja iníel, o astuto Engano;  
Não queirais offuscar minha memoria,  
Provocando-me a collocar no Solio  
Hum injurioso exemplo da vaidade,  
Hum padrão da lisonja. A fama illustre  
Deve durar na tradição intacta,  
Sem a nota de fragil. Fora impropria  
A gloria que me dais, se nessa Estatua  
Descobrissem os Seculos futuros  
As maculas horrendas da vangloria.  
Vós mesmos, vossos filhos, vossos netos,  
De tão clara doutrina convencidos,  
Ou do tempo melhor aconselhados;  
A mesma Estatua, que quereis attentos,  
Agradecidos hoje levantar-me,  
A' manhã se veria derribada  
Em pedaços jazer: com paos, e pedras  
Os olhos lhe tirarem; que a Fortuna  
Ligada co' a Inveja, e co' a Soberba

. Não



Não deixa durar muito os Elogios,  
 Porém se vós, Ilustres Portuguezes,  
 Desejais conservar meu Nome eterno;  
 Não he preciso o Marmore soberbo,  
 Basta-me a tradição de pais a filhos,  
 Com fiel saudade transmittida.

Este o Jaspe, este o Bronze, em que pertendo  
 O meu Nome esculpir; chegue aos vindouros,  
 Sem perder o caracter, que o fez grande:

Lembre-se o benemerito do premio;  
 Recorde-se o culpado do castigo;

Todo o Reino do público descanso,  
 Em florente commercio em paz segura:

Mas haja quem se lembre deste caso,  
 E quem diga, que rejeitei modesto

As honras de huma Estatua; e que estas honras  
 Quem chega com justiça a merecellas,

Tambem sabe atrever-se a desprezallas.

Acabou de fallar; e os circumstantes  
 Immóveis, e calados parecião

Outras tantas Estatuas dedicadas  
 A' regencia feliz do sabio Infante.

*A' feliz Acclamação do Senhor Rei D. José I.  
de gloriosa memoria.*

## ROMANCE

### HENDECASYLLABO.

**S**ubi, Senhor, ao Throno Lusitano  
A restaurar a perda de hum Monarca,  
Que chora Portugal, para que seja  
Allivio da saudade a semelhança.

Acceitai os obsequios da lealdade,  
Que o Reino vos tributa, e vos consagra,  
E em reciprocos votos a ventura  
Illumine de amor a nobre chamma.

Arda nos corações, que a augusta idéa  
Das heroicas virtudes nos abraza,  
Debuxando o Prototypo dos cultos  
A imagem da Justiça, que se exalta.

Ac-

Acclama, Lyfia, o Numen respeitado,  
Que a Regia successão o Sceptro chama:  
Oução medrosas nos remotos Climas  
O Augusto Nome, as Nações estranhas.

Asia rica, theatro das victorias,  
Que o Luso esforço consagrou á Fama,  
Nas ribeiras do Ganges fertiliza  
Para novas conquistas, novas Palmas.

Nas entranhas da America opulenta,  
Ao brilhante metal, Delfica chamma,  
Para Diademas vos formar eternos,  
Vivifique em preciosas abundancias.

Na barbara região de Africa adusta  
Temerosa a ousadia Maurítana  
Veja eclipsar as luas dos turbantes,  
A ruina que o Téjo lhe prepara.

Os écos bastarão do vosso Nome,  
Para que Europa toda attenta, e sabia  
Na construcção do estatico socego  
De Portugal respeite as alianças.

Moderem os impulsos da piedade  
Das justas Leis a execução sagrada,  
Sem que a justiça ao merito se negue,  
Sem que o delicto indomito se faça.

Na

Na disciplina militar se ensaia  
 O Luso braço, que empunhando a espada  
 Será nobre terror dos inimigos,  
 Será da Patria invicta segurança.

Na protecção das letras felizmente,  
 Do vosso influxo a erudição renasça:  
 Os Virgílios, os Tullios se descubrao,  
 Que atégora Lisboa occulta avara.

Doutas maximas, Ethicas doutrinas,  
 Ministros sejão das acções preclaras,  
 Que entre os mysterios da razão de Estado  
 Hão-de mover as bellicas campanhas.

Em fim, Senhor, a gloria Portugueza,  
 Que Europa admira, que respeita a Asia,  
 Torna a brilhar nos ambitos do Mundo,  
 Donde o Sol morre, aonde a Aurora raia.

Vivei feliz, e governai glorioso,  
 Do Mundo espanto, admiração da Patria,  
 Ostentem para assombro do futuro  
 O outro Lemas, ~~as~~ pórfidos Estatuas.

Vivei, reinai, o Tempo vos respeite  
 Ou absorto, ou rendido, em quanto a Fama  
 No Templo da Memoria vos desenha  
 Eternos bustos, inclytas medalhas.

de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa

de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa

de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa

de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa

de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa  
de la casa





## M O T E.

*Marte, faze-te da moda,  
E teus temores desterra,  
Que os Soldados desta Era  
Trazem por moda huma roca.*

## G L O S A.



*E queres ser namorado  
Da moça mais presumida,  
Deixa de Paizano a vida,  
Senta praça de Soldado:  
Traz chapéo cerceado,  
Espadada a testa roda,  
Casaca com pouca roda,  
Nunca dinheiro contigo;  
Pois he moda tal castigo,  
Marte, faze-te da moda.*

Não

Não temas a reluzente  
 Sanguinosa espada fria ;  
 O pelouro , que allobia ,  
 E que mata de repente :  
 Nem petardo , que estridente  
 A' dura porta se afferra :  
 Busca o desprezo da guerra  
 Com torvo irado semblante ,  
 Faze-te forte chibante ,  
*E teus temores desferra.*

Com retorcidos bigodes  
 Os antigos Calfuletes ,  
 Sem rabichos , nem topétes  
 Trezandavão mais que bodes.  
 Marte , da moda bem podes  
 A roca brandindo fera  
 Mostrar , que não foi nem era  
 Gente de tanto valor  
 Para batalhas melhor ,  
*Que os Soldados desta Era.*

Inda que a roca se ponha  
 Como carocha aos poltrões ,  
 Hoje seiscentos Roldões  
 Não tem da roca vergonha.  
 Empestados desta ronha ,  
 Que trouxe moda tão louca ,  
 Fazendo aos rapazes cóca  
 Em trajés de Cruz-Diabo ,  
 Nos mostrão por moda o rabo ,  
*Trazem por moda huma roca.*

## M O T E.

De que me serve o querer-te,  
 Nem tão pouco idolatrar-te?  
 Sujeitar-me a teus preceitos,  
 E vir outrem a lograr-te?

## G L O S A.

**D**E que me servem gemidos  
 Ao Ceo vámente espalhados?  
 Se a meus rogos magoados  
 Cerras, Marília, os ouvidos?  
 Se mil extremos perdidos,  
 Perdidos só por mover-te  
 Chegão, Cruel, a offender-te:  
 Se nada em fim me desculpa,  
 Antes, o querer-te he culpa,  
 De que me serve o querer-te?

De que me serve? Que vale,  
 Que o pranto meu pezaroso,  
 Qual ribeiro caudaloso  
 As duras penhas abale?  
 Grite, murmure, ou me cale,  
 Nada chega a magoar-te:  
 Quem he que pôde abrandar-te?  
 Se para, Ingrata, mover-te  
 De nada serve o querer-te,  
*Nem tão pouco idolatrar-te.*

Cuidei que viver atado  
 Ao grilhão da Tyrannia,  
 Em compaixão trocaria  
 Tão estranho desagrado.  
 Vejo-me defenganado;  
 Vejo em lagrimas desfeitos  
 Meus olhos, que tão sujeitos  
 Teu duro imperio rendeo;  
 Nada, Marilia, valco  
*Sujeitar-me a teus preccitos.*

Mas he tal o meu tormento,  
 Que hei-de com gosto soffrello;  
 Pois imaginar perdello  
 Inda he maior sentimento.  
 Não, Marilia, o pensamento  
 Não sabe deixar de amar-te;  
 Antes escolhe encontrar-te  
 Sempre ingrata, sempre esquiva,  
 Que ver-te em fim compassiva,  
*E vir outrem a lograr-te.*



## M O T E.

*Tudo faz o Padre Antonio.*

## G L O S A S.

## I.

**A** Negra Melancolia  
 Com os olhos no chão póstos,  
 Suspiros, pranto, desgostos  
 Sobre os mortaes diffundia:  
 Quando a rizonha Alegria  
 Aparece a tempo idonio,  
 E como o brando Favonio  
 Dissipa a nuvem do pranto;  
 Mas tornar em doce canto  
*Tudo faz o Padre Antonio.*

## II.

Tu fazes, Delfim sonoro,  
 Mudar em consolações  
 As penosas afflicções  
 Com o instrumento canoro:  
 Fazes que do Pindo o coro  
 Por ti deixe o lago Aonio;  
 Fazes descer do Telonio,  
 Por te ouvit o Deos Luzente;  
 E tu fazes . . . Finalmente  
*Tudo faz o Padre Antonio.*



## CANTIGAS.

**D**O campo de Rio-frio  
Já vierão os Soldados,  
Trazem corações de bronze  
Em dura guerra enfaçados.

Perozes, e carneiros,  
Arrastão duros Canhões,  
Ameaçando ruínas,  
Incendios, roubos, traições.

Com pifaros, e tambores  
Nos atroão os ouvidos:  
Os fundos valles, os montes  
Gemem do estrondo feridos.

As bandeiras de Cupido  
Desampatárão traidores,  
De linhas, e baterias  
Se espantárão os Amores.

De improvizo se levantão  
As brancas azas abrindo;  
Ora nos áres suspensos,  
Ora ás estrellas jubindo.

As settas, que lhe cahirão  
 Ficão no campo pizadas,  
 Rotos os sonoros arços,  
 As vendas despedaçadas.

Successo tão lastimoso  
 Andão as Moças carpindo;  
 Soltos os louros cabellos,  
 Descorado o rosto lindo:

Nas curvas margens do Têjo,  
 Que lambe a crespa corrente,  
 Para onde fugio Amor  
 Perguntão tristes á gente.

Pelos asperos outeiros,  
 Com seu pranto rociados,  
 Humas bradão por Cupido,  
 Outras praguejão Soldados.

A seus férvidos gemidos,  
 O pobre não lhe responde;  
 Antes com pânico medo  
 Até das Moças se esconde.

Teme, que até nos Paizanos,  
 Galharda gente mimosa!  
 Se atê o fogo voraz  
 Da feia guerra estrondosa.

Nunca mais com brando rôgo,  
 Com reciprocos suspiros,  
 Sujeitará corações  
 A seus laços, a seus tiros.

Fugio Amor, escondeo-se,  
 Levou consigo a alegria:  
 Murcharão-se as lindas flores,  
 Apagou-se a luz do dia.

Mas quem quizer saber onde  
 Escondido Amor está,  
 Venha ver de Lylia os olhos,  
 As fréchas de Amor verá.

Ah! Fecha, Lylia, teus olhos,  
 Não deixes sahir Amor,  
 Em quanto ouvires das armas  
 O delabrido fragor.

Espera que a Paz dourada  
 Tornando ao cóllo os Amores,  
 Com os cucáres dos Elmos  
 Empennem seus passadores.

Deixa, que árdidos Ginetes  
 Rompendo os campos talados,  
 Em vez de bellicos Sagres,  
 Arrastem curvos arados.

Então á sombra dos ramos,  
 Que estende o Carvalho annoso,  
 A casta Pomba arrulando  
 Chamará o fido Esposo.

Então co' a frauta sonora  
 Modulando em desatio,  
 O teu nome ensinaréi  
 Ás mansas aguas do rio.

## E N D E C H A S

## A DUO.

*Pastora.* **Q**uem amor não tem,  
 Não tem coração,  
 De branda afeição  
 Alma se mantem.

*Pastor.* Mas quem amor tem  
 Serve á crueldade,  
 E da liberdade  
 Não conhece o bem.

*Pastora.* De dous corações  
 Reciprocas dores  
 Dos gentis Amores  
 São arco, e farpões.

*Pastor.* O lindo volver  
 D' huns olhos rendidos  
 Em peitos feridos  
 Derrama o prazer.



*Pastora.* Deseja dizer  
: Balandando o Cordeiro  
No valle, no outeiro,  
Que sabe querer.

*Pastor.* O pégo do mar  
A praia nas fragas,  
Quebrando mil vagas  
A vem abraçar.

*Pastora.* Que bom fora Amor  
Se fora leal;  
Mas he grande mal,  
Que seja traidor.

*Pastor.* Se em Amor não ha  
Singelas tenções;  
De enganos, traições  
Quem não fugirá?

*Pastora.* Bem posso mostrar  
Quem te ama fiel.

*Pastor.* De quem he cruel,  
Que devo esperar?

*Pastora.* Se me amas, Pastor,  
Sou fida Pastora.

*Pastor.* Se não es traidora,  
Já creio em Amor.

*Ambos.* Que doce prazer  
 Não sente quem ama:  
*Pastora.* Tão suave chamma  
 Deixemo-la arder.

*Pastor.* O pégo do mar  
 A praia nas vagas  
 Quodando mil vagas  
 A vista abraça.

*Pastora.* Que bom for Amor  
 Se não for  
 Mas he grande mal  
 Que não trair.

*Pastor.* Se em Amor não ha  
 Singelas canções  
 De enganos, canções  
 Quem não fugia?

*Pastora.* Bem pello molliz  
 Quem se ama he  
 De quem he cruel  
 Que deve oprimir?

*Pastora.* Se me ama, Pastor  
 Não he o Pastor  
 Se não se ama  
 He cruel em Amor.

## ENDECHAS.

**E**M mil agonias  
Cercado de abrolhos  
As noites, os dias  
Me deixão Licoris.  
Depois que teus olhos  
Os meus cativárão,  
E me sujeitárão  
A tanto rigor.

Se tratas assim  
Com tal tyrannia,  
Quem por ti se inflamma  
A quem te não ama,  
Que mais lhe faria  
O teu defamor?

## CANTIGA.

**C**uidava que Briolanja  
Era branda, como bella,  
Cuidava que era Marmanja,  
Mais tenra do que Vitella.

Mas ai, ai, ai,  
Ella he cem vezes,  
E cem mil vezes  
Muito mais dura,  
Que onça esfaimada,  
Loba malvada,  
Que na espeffura  
Degolla as rezes.

ACTORES  
FRANCISCO RAMOS, JOSÉ RAMOS,  
ALBONZANO,  
BRANCA,  
ARTUR BIGODEZ,  
**T H E A T R O**  
N O V O.  
**D R A M A.**  
MONSIEUR ARNALDO,  
DOCTEUR GIL BEINEL,



# ACTORES.

APRIGIO FAFES, *Pai de Aldonça,  
e Branca.*

ALDONÇA. }  
BRANCA. } *Filhas de Aprigio Fafes.*

ARTUR BIGODES, *Mineiro, e Com-  
padre de Aprigio.*

JOFRE GAVINO, *Musico, e Mestre  
de Aldonça.*

INIGO, *Açor.*

BRAZ LICENCIADO.

MONSIEUR ARNALDO, *Architecço.*

DOUTOR GIL LEINEL, *Poeta.*



## SCENA I.

APRIGIO, ALDONSA,  
e BRANCA.

APRIGIO.



Il vezes, Filhas, já vos tenho dito,  
Que noite, e dia penso, e que repenso  
Em estado vos dar: o Ceo bem sabe,  
E bem o sabeis vós, quanto o desejo;  
Mas o tempo correo-me tão avesso,  
Tão contrario ás magníficas idéas,  
Que não acho hum Piúga a quem se possa  
Empurrar huma Filha, sem mais dote  
Que seus olhos azues, louros cabellos.

AL-

## ALDONSA.

Solteiras, e contigo viviremos  
Honradas, e contentes.

## APRIGIO.

Caras Filhas;  
Este emprego de Zangano, que tenho,  
Com a alcunha de Corretor dourado,  
De todo deo em droga, está perdido:  
A cada canto hum Myrra tópa a gente,  
Tão casado co' a burra, e tão cioso  
Dos lacrados cartuxos, que primeiro  
Callado deixará vasar-lhe hum olho,  
Que pregar-lhe hum callote: não se atreve  
A bulir nos dobrões: dos proprios dedos  
Desconfia, e se doe: os chicos guarda  
Quaes medalhas dos Cesares antigos.

## BRANCA.

Inda, meu Pai, te não pedimos dote;  
Deixa correr o tempo, casaremos.

## APRIGIO.

Algum dia (que tempo venturoso!)  
De lá de cima vinhão a cardumes  
Escudeiros Serriz, rolhos Morgados,  
Com Solares no concavo da Lua:  
Pousavão na Betesga, ou no Cachimbo,  
E mandavão chamar-me logo, logo  
Por hum lacaio, ou pagem de polainas:

O bisonho Jangaz me descobria  
 O fraco de seu amo: eu lhe levava  
 Relogios, espadins, outras misangas:  
 Tudo o boçal Jalôfo cobicava;  
 Tudo se lhe vendia á queima roupa,  
 Gato por lebre: eu mesmo vi hum destes  
 Por tres dobras pagar huma pintura  
 Do Zeuxis do Castello; e mui sisudo  
 Jurar que era o painel de Ticiano:  
 Mas tudo o tempo gasta, tudo leva.

## ALDONSA.

Hoje os mesmos caloiros são ladinos.

## BRANCA.

Capazes de lograr-nos.

## APRIGIO.

Porém, Filhas,  
 Quando mais defatados rijos ventos  
 Pela breada enxarcia silvão, quando  
 O mar no fundo muge, então nos tópes  
 Aparece Santelmo aos navegantes.  
 Deicoberto já tenho outro caminho  
 De em breve enriquecer, e de casar-vos:  
 Ajustei huma nova Companhia  
 De Comicos, e Musicos chapados,  
 Por via de teu Mestre, minha Aldonça,  
 Do bom Jofre Gavino: tambem nella  
 Inigo quer entrar: esta noticia  
 Bem creio, Branca, não te desagrada.



Para a despeza do Theatro novo  
 O dinheiro me empresta meu Compadre  
 O grande Artur Bigodes, que na trota  
 Veio ha pouco do Rio; e vem potente,  
 Traz infindo dinheiro, Papagaios,  
 Araras, e Bugios; traz mil coufas.

ALDONSA.

Bom proveito lhe faça: e que tiramos  
 De rico, ou pobre vir hum avarento?

APRIGIO.

O bico tem revôlto; mas podemos  
 O vélo tosquiar-lhe com bom geito:  
 Finge tu, minha Aldonfa, que lhe queres;  
 Chora, suspira, ri-te, a mão lhe beija,  
 Expõe-lhe o defamparo em que ficaste,  
 E tua irmã, por morte de Mafalda,  
 Boa Mãi de vossês, d'elle Comadre.

ALDONSA.

Triste empreza, meu Pai! E na verdade  
 Que fingir-me não sei; mas quando saiba,  
 Hum velho tão sagaz, e tão matreiro  
 Não cai em esparrelas.

APRIGIO.

Velhos, moços,  
 Em todos igualmente se descobrem  
 As tyrannas paixões, a pouca força  
 Da pobre natureza.

AL-



## ALDONSA.

De que modo  
 Posso vencer o natural antojo,  
 Que me domina, em vendo arregalados  
 D'um velho destes, os fumidos olhos?

## BRANCA.

Antes, querida Mana, nada custa  
 Enganallos, rendellos; que esta gente  
 Com pouco se contenta: hum leve riso,  
 Qualquer agrado os enche de vaidade.

## APRIGIO.

Tu, Branca, es minha filha; tu sahiste  
 A tua Mãi, figana refinada,  
 Que as almas attrahia: era esta casa,  
 Em quanto viva foi, era huma Corte;  
 Grandes; pequenos, todos aqui vinhão  
 Beijar a pedra d'Ara; as carruagens  
 Não cabião na rua: mal entravão  
 Huns, outros já sahião. Que Matrona!  
 Sempre te carpirei, alma ditosa,  
 Honra, e gloria dos Fafes! Porém, filhas,  
 Quem morreo, já morreo, nós que ficámos,  
 Façamos por viver; e não se vive  
 Sem a fome matar.

## ALDONSA.

Sim; mas a Mana  
 Sabe contrafazer-se, que eu não posso.

APRI-

## APRIGIO.

Aldonfa, Aldonfa, que resposta he essa?  
 Assim pagas o amor com que te trato?

## BRANCA.

Meu Pai, a Mana zomba; descansado  
 Podes cuidar no mais, que o velho he nosso.

## APRIGIO.

Aldonfa, filha minha, ao velho, ao velho,  
 Se allivio queres dar a hum Pai cansado,  
 Que tanto bem te quer, e que deseja  
 Ver-te casada c'um Senhor de terras,  
 Rodando pelas ruas de Lisboa  
 Em dourado carrinho, inda que berre  
 O triste Corrieiro, que bom homem  
 Acreditou a lábia do Morgado:  
 Mas vão vossês compôr-se, e vão vestir-se,  
 Para mais engodallo. Ei-lo que chega:  
 Vão-se, que logo as chamo.

## S C E N A II.

*ARTUR, e APRIGIO.**APRIGIO.*

**M**Eu Compadre,  
Cuidei que já não vinhas.

*ARTUR.*

Essa he boa!  
Eu sou Pilatos; o que digo, digo;  
Pão, pão, queijo por queijo: Artur Bigodes  
Tem palavra de Inglez.

*APRIGIO.*

Afsás conheço  
Ô muito que te devo: e que me dizes  
Do projecto de que tratámos hontem?

*ARTUR.*

Amigo, amigo Fafes, o negocio  
Seus laivos tem de jogo; quasi sempre  
Vale mais a fortuna, que a sciencia:  
O coração presago, he o Piloto  
Com que se arroja 'ao mar quem Deos ajuda:  
Ha delgado Chatim, que mal entende  
Que dous, e tres são finco, e sempre ganha,  
Ou no contrato lance, ou na commenda:

E quantos vemos nós com Guarda-livros,  
 Com feiscentos caixeiros ziguez-ziguez,  
 Dar c'os bodes na arêa; e nas esquinas  
 O bom nome servir-lhes de Epitahio!  
 Mas deixando preambulos, approvo  
 A idéa do Theatro; he bom projecto;  
 O ponto só consiste em desbancarmos  
 O da rua do Conde, e Bairro Alto.

APRIGIO.

Senhor Artur Bigodes, meu Compadre,  
 Quem tem tão bom amigo, não duvida  
 De abalançar-se á mais cultosa empreza:  
 Este meu tal, e qual pouco bestunto,  
 O trago prenhe sempre, e recheado  
 De soberbas idéas; mas não tinha  
 Calor bastante na myrrada bolsa,  
 Para o braço chegar a executallas.  
 O Ceo bem sabe, quantas vezes, quantas,  
 Vociferando, disse: Em hora infaulta,  
 Por longos máres, d'entre nós fugindo,  
 Se ausentou meu Compadre Artur Bigodes;  
 Coração de Alexandre, farto amigo,  
 Pé de Boi Portuguez; mal empregado  
 Nos desertos Certões dessas Arabias,  
 Entre gente boçal, entre bugios!

ARTUR.

Manfo, fiel amigo, essas lisonjas,  
 Carapuça não são desta cabeça;  
 Sou amigo, e Compadre; isto me basta;



Faço o que devo: vamos adiante.

APRIGIO.

Tanto que a Frota veio, huma alma nova  
Senti pular no peito; a fantasia  
Entrou a erguer palacios, e castellos:  
Vi Dragos, Serpes vi: quando sonhava,  
Vologeso, e Catão me apparecião  
Com punhaes, e cadêas: acordava  
Aturdido de caixas, e trombetas:  
Estes, e outros projectos me inspirarão  
A idéa de hum Theatro: eu sempre tive  
Bom dedo para a cousa: fiz marmotas;  
Varias Famas vesti, e Cruzdiabos  
Para os Cirios do Cabo, e d' Atalaia.

ARTUR.

O dinheiro está prompto; agora falta  
Quem nos arme a charola.

APRIGIO.

Caro amigo,  
A teu arbitrio entrego, e deixo tudo.

ARTUR.

A mim, Aprigio? Fôra; não sou desses,  
Que emprestando dinheiro com usura,  
Dão mil regras depois de economia  
Ao pobre padecente; que corrido,  
Como cão com funil atado ao rabo,  
Vai ladrando, e fogindo á surriada.



## APRIGIO.

Sempre graça tiveste: apalavrados  
 Alguns sujeitos tenho intelligentes,  
 Architecto, Poeta, bons Actores,  
 Hum Musico chapado; e para Damas  
 As minhas duas filhas, Branca, e Aldonça;  
 Ambas filhas de peixe, ambas formosas.

## ARTUR.

Pois isso he ouro sobre azul; que o povo  
 Ou dorme, ou ri, se vê huma Tapuia  
 Arrancando suspiros emprestados,  
 Torcer os vesgos olhos, e mostrar-nos,  
 Abrindo a negra boca, que he cerrada.  
 Eu empresto o dinheiro; mas declaro,  
 Que isto se entende em quanto as Damas forem  
 Engraçadas, formosas, e bem feitas;  
 Que para vir gastallo com serpentes  
 Não o ganhei, passando tantos dias  
 Por duros mórros, por incultas fragas;  
 Talvez comendo carne de Macacos.

## APRIGIO.

Basta, Compadre, basta; as minhas filhas  
 Muito bem sabes como são galantes;  
 Aldonça ha de fazer primeira Dama;  
 Branca, a segunda: tu verás pendentas  
 De seus travessos olhos todo o povo:  
 Tantos os corações, tantas as Troias,  
 Em amoroso incendio chamamejando:

Tu

Tu mesmo, meu Compadre, sem remedio,  
A pezar dessas cans, embaraçado  
Has de sentir-te na Vulcanca rede.

## ARTUR.

Eu não sou tão fizudo, nem tão velho,  
Que viva por demais; em fim, sou homem;  
Nem tive nunca coração de pedra;  
E pouco bastará para mover-me;  
Muito mais as paixões, que docemente  
Os animos revolvem.

## APRIGIO.

Ora vou-me  
Chamar a nossa gente, para vermos  
Em que alturas estamos: entre tanto  
Te chamo as raparigas. Branca? Branca?  
Aldonfa? Venhão cá. A Deos, Compadre. *Vai-se.*

## S C E N A III.

ALDONSA, BRANCA, e ARTUR.

## ARTUR.

Como formosa vens, Aldonfa bella!  
Em teus olhos fuzila a luz dos Astros:  
Ao menos deste Mundo cá de dentro,  
Es tu o claro Sol, tu es a Aurora.  
Oh quanto, filha minha; (sim, que filha  
Bem

Bem te posso chamar) oh quanto sinto  
 Que os annos me roubassem todo o lustre  
 Da fresca mocidade! Que os Invernos,  
 Nesta gelada estriga convertessem  
 A brilhante madeixa; que algum dia,  
 Dourados caracões por estes hombros  
 Ao Zefiro entregava! Oh se eu pudesse  
 Banhar-me no Jordão, e remoçando  
 Dar-te hum gentil mancebo por marido!

ALDONSA.

Sempre brincando vem o meu Padrinho.

BRANCA.

Senhor Artur Bigodes, como passa?

ARTUR.

Mui bem, Senhora Branca. Ouves, Aldonza?  
 Eu não brinco, antes fallo bem de véras.

BRANCA.

Pois a mana, Senhor, essa não zomba:  
 Noite, e dia conversa em seu Padrinho;  
 Não falla n'outra cousa: quantas vezes  
 Se á porta batem, vai correndo á porta;  
 E porque dá com outro, do semblante  
 A cor lhe amarellece; e recuando,  
 Sobresaltada, diz, que não he elle.

ARTUR.

Quão feliz, minha Branca, e quão ditoso,  
 Se

Se isso verdade fora, me julgára!  
 Inda porém Aldonfa mo não disse  
 Para tão facil ser, que me arreganhe.  
 Que dizes, bella Aldonfa: aquillo he certo?

ALDONSA.

A mana não te engana, nem te mente:  
 Mas se te adoro, deverei dizello?

ARTUR.

Devêras, devêras, que essa innocente  
 Suave inclinação em nada offende  
 A modestia, o decóro; inda que custa  
 A moça mais amante o confessallo,  
 Posto que honesto fim lho approve, e doure.

ALDONSA.

Pois vive descançado que te quero.

BRANCA.

Eu dou-lhe os parabens, Senhor Bigodes.

ARTUR.

Eu os acceito, Branca. Minha Aldonfa,  
 Que nunca me enganei com os teus olhos,  
 Agora o chego a ver; nelles ao longe  
 Muito ha que descobri hum brando gésto,  
 Que n' alma me bulia; mas atado  
 Ao pezado trambolho de meus annos,  
 Lutando afflicto com setenta Invernos,  
 Por mais que ardião fervidos desejos,

Ca-



Capazes de animar a fria pedra,  
 Tiritando com medo, enregelava:  
 Porque hũ homem q' he sério, e q' he prudente,  
 Antes se humilha a parecer covarde,  
 Que levar na bochecha huma apupada  
 Destas rascoas de hoje, presumidas,  
 Que buscão Tamorlões, Imperadores,  
 Franchinotes, casquilhos, e Poetas;  
 Para ao depois berrarem com ciumes,  
 Sem achar cabeções com que os subjuguem;  
 Tu es, Aldonsa, a excepção da regra,  
 Amavel, linda, candida, innocente;  
 Qual rosa pudibunda em manhã fresca,  
 Que da rustica mão do Jardineiro  
 Deixa talhar o pé, deixa colher-se.

## ALDONSA.

Tão estranhos, tão gaudes elogios  
 Não chego a merecer; antes conheço,  
 Que a maior parte da fortuna he minha:  
 Huma pobre Donzella, sem mais dote,  
 Que seu singelo amor, em nossos dias  
 Mui pouco, ou nada vale: sem riqueza  
 Quem soffre a formosura? Sãos costumes,  
 Honrado sangue, angelico semblante,  
 Não namorão os Noivos deste tempo.

## BRANCA.

Maior fayor te faz o teu Padrinho.

## ALDONSA.

Assim, mana, o confesso, assim lho digo.



## S C E N A IV.

APRIGIO, JOFRE, INIGO,  
e os mesmos.

APRIGIO.

**A** Qui trago, Compadre, estes Senhores,  
Ambos hum *non plus ultra* do Theatro:  
São Musicos, Actores, Dançarinos,  
Grandes Poetas; tudo ao mesmo tempo:  
São dous tomos de rara miscelania.  
Em ambos quiz mostrar a Natureza,  
Que sabia fazer huma obra prima.  
O Senhor Jofre, quando as arias canta  
As almas arripia; calla os ventos.  
Pois o mancebo cá, o meu Inigo!  
Este vivo Bemól, este magano,  
Nos lances amorosos, he hum pasmo!

ARTUR.

Ambos, bem me parecem: gentís moços!

JOFRE.

Sou antigo criado desta casa,  
E Mestre da Senhora Dona Aldonfa;  
Per tão honrado título me julgo  
Mercedor de grandes elogios.

AR-

ARTUR.

Logo o Mestre sahio o mais esbelto!

INIGO.

Eu não posso allegar antiguidades;  
Mas vou tambem na folha: Venturoso,  
Se de applauso, e favor me vejo digno,  
A pezar de não ter merecimento.

ARTUR.

Ambos discretos são.

APRIGIO.

Mais que discretos!  
São os melhores Ciceros da Corte,  
Capazes de prégar! Aqui o Amigo,  
Hum Drama já compoz: logo o veremos.

INIGO.

Dize-me, Branca, que Affonzinho he este?

BRANCA.

He Padrinho da mana.

ARTUR.

O Senhor Jofre,  
Quanto tempo ha q' ensina nella casa?

JOFRE.

Ha já tres annos, pouco mais, ou menos.

AR-

ARTUR.

Com que tres annos ha, que nesta casa  
Tem entrada o Senhor!

APRIGIO.

Ai, meu Compadre,  
Tu cuidas q' inda tão alarves fomos,  
Como no tempo em que daqui te foste?  
Já lá vão os biôcos Portuguezes;  
Mourisca usança, barbaro ciume,  
Que huma pobre mulher afferrolhava,  
Quaes se guardão freneticos orates:  
Ha gente mais feliz! Outros costumes  
Adoptou a Nação, abriu os olhos.

ARTUR.

Eu cuido que os tapou.

BRANCA.

Que rabujento!

JOFRE.

A Deos, Senhor Aprigio.

ALDONSA.

Espera, Jofre.

JOFRE.

Que espere! Para que?

APRI-

## APRIGIO.

Para tratarmos  
 Deste novo Theatro.

JOFRE.

Que Theatro?  
 Com este prégador, mandas chamar-me  
 Para ouvir a missão de hum Carióca?

ARTUR.

Olhem lá se se dóc da maradura.

INIGO.

Não desespere, Jofre; tem prudencia.

## S C E N A V.

GIL, e os mesmos.

GIL.

**S**enhor Aprigio Fafes, aqui venho  
 Cumprir as suas ordens.

APRIGIO.

Caro Amigo,  
 Homero Portuguez, Pindaro nosso,  
 Já cá te suspirava: vem contigo  
 As Musas, vem as Graças.

GIL.



## GIL.

Basta, basta:

Não estamos nós-outros os Poetas  
 A fartos elogios costumados:  
 Os mesmos que nos pedem hum Soneto  
 Para render a dama desdenhosa,  
 Ou os annos louvar de huma Abbadessa;  
 Depois de ter campado por discreto  
 Á custa de hum Poeta, sem vergonha,  
 Jurão, que são huns doudos os Poetas.

## S C E N A VI.

*BRAZ, MONSIEUR ARNALDO,  
 e os ditos.*

BRAZ.

**A**Migo Aprigio Fafes, aqui trago  
 Monsieur Arnaldo, práctico Architecto:  
 O Pozzi, Paradossi, e Bibiena  
 Traz alli no emicranco; a Perspectiva  
 Na pineal lhe vellica com tal força,  
 Que em cada pulsação da traca-arteria,  
 Hum Theatro magnífico levanta.

APRIGIO.

Viva, viva, Senhor Arnaldo: Agora  
 Que



Que estamos todos juntos, comecemos  
A nossa conferencia: venha a banca:  
Vossês não ouvem? Tragão mais cadeiras.

ARTUR.

Quero que apar de mim se assente Aldonça.

BRANCA.

Queres q'eu fique cá da outra banda? Para Inigo.

JOFRE.

Para bem, para bem, Senhora Aldonça.

ALDONÇA.

Se tu souberas, Jofre....

JOFRE.

Bem entendo.

INIGO.

Que te parece, Branca, o Tupinamba?

BRANCA.

Velho, e relho.

APRIGIO.

Sentemo-nos, Senhores:

Que grave Tribunal! Que magestoso!  
Mal sabe o Mundo agora, que pendente  
Deste conclave está o seu destino.

Oh quanto, amada Patria, quanto deves

A teu bom Cidadão Aprigio Fafes,  
 Suando, e trefluando por salvar-te  
 Do pélagio profundo da Ignorancia,  
 Onde pobre jazias, atolada  
 Entre pessimos Dramas corriqueiros!  
 Deste cano real hoje te saca,  
 Qual saca o Gandaeiro hum prégo torto  
 D'entre os chichelos velhos da enxurrada.

G I L.

Senhor Aprigio Fafes, isto he tarde,  
 E eu tenho que fazer: vamos ao ponto.

A P R I G I O.

Sim, Senhor, sim, Senhor: o caso he este:  
 E bem o sabeis vós, ha quanto tempo  
 Que eu desejo fundar hum bom Theatro:  
 Agora que a Fortuna me depara  
 Feliz occasião de executallo  
 Com o favor, alli, de meu Compadre,  
 He preciso ajuntar a sarabanda,  
 Repartir os papeis, escolher obra,  
 As vistas idear, e celebrarmos  
 Com solemne escriptura este contrato:

G I L.

Senhor Aprigio Fafes, o Theatro  
 Depende, mais que tudo, do Poeta:  
 Que fazem bastidores, e instrumentos  
 Sem Dramas regulares? Huma boa,  
 E perfeita Tragedia, inda despida

Da

Da magnífica pompa do apparatus,  
 Tem mais graça, e mais força, q' hū mào Drama  
 No Theatro de Reggio, ou de Veneza,  
 Com soberbas tramoias recitado.

## JOFRE.

Amigo Gil Leinel, ninguem te nega  
 O constante poder da Poesia:  
 Mas quem ha de soffrer Catão, ou Dido  
 Do grande Metastazio, repetido  
 Entre velhas cortinas, sem orchestra?

## APRIGIO.

Nada, nada, Senhores; desse modo  
 Aqui nos amanhece: todos juntos  
 Não podemos fallar: irá votando  
 Por turno cada qual, quando lhe toque.  
 Continúa, meu Gil; dize o que entendes.

## GIL.

Errado vai, quem julga que o Theatro  
 Só para divertir o povo rude,  
 Dos antigos Poetas foi achado:  
 Com mais alto desígnio, Athenas, Roma,  
 E outras Cidades mil, o recebêrão:  
 Póde nelle ensinar-se á Mocidade  
 Guardar as fantas Leis; a fé devida  
 Á cara Patria, ao Príncipe, aos Amigos:  
 Póde nelle mostrar-se quanto he feio  
 O pálido semblante da Cobiça;  
 Da Avareza infeliz; da triste Inveja:

Mas

Mas para recolher tão grande fruto,  
 He necessário, Aprigio, que o Poeta  
 Em fizuda dicção, em frase nobre,  
 Com sonoro verso torneado,  
 Exponha ao povo fábulas sublimes,  
 Tragedias, ou Comedias regulares.  
 Daqui venho a tirar, que no Theatro  
 Não devemos soffrer Drama imperfeito,  
 Cujá graça consiste na doçura  
 D'affeminada Musica moderna,  
 Na remendada frase de mil vozes  
 Barbaras, ou guindadas, ou rasteiras.  
 Longe, longe de nós esta mania:  
 Restauremos o Portuguez Theatro,  
 Desaggravando a casta lingua nossa  
 Dos aleivos, que sem razão lhe assacão.

APRIGIO.

Viva o Doutor Leinel, Doutor das Gentes:  
 Quem me dera q' o bom Goldoni ouvisse  
 Como ronca hum Poeta de Lisboa!  
 Agora falla Braz Licenciado.

BRAZ.

Eu que posso dizer? Que me parece  
 Muito mal tudo quanto aqui se disse.  
 Que proveito tiramos em metter-nos  
 No principio em camiza de onze varas?  
 Tragedia he cousa que ninguem atura:  
 Quem ao Theatro vem, vem divertir-se,  
 Quer rir, e não chorar; lá vai o tempo



De lagrimas comprar ás Carpideiras:  
 Não faltão boas Operas, Comedias  
 Em Francez, Italiano, em outras linguas,  
 Que póde traduzir qualquer pessoa,  
 Com enredo mais comico; que o povo,  
 Só se agrada de lances sobre lances:  
 Quem isto não fizer, já mais espere  
 Que o povo diga *bravo*, e dê palmadas.  
 He o voto que dou.

APRIGIO.

Optimamente.

Arnaldo, agora vota.

ARNALDO.

Meus Senhores,  
 Venho ajustar o preço do Theatro;  
 Com Dramas não me metto: os Bastidores  
 He só o que me toca. Porém digo,  
 Que regular Tragedia nas Italias  
 Muito ha que se não usa; que a mudança  
 De Vistas sobre Vistas; as tramoias,  
 Máres, incendios, Dragos, e batalhas,  
 São cousas de que o povo se namora.  
 Já eu fiz em Theatro torvoadas,  
 Com raios, e relampagos tão próprios,  
 Que as damas desmaiavão: era hum gosto  
 Ver a gente fugir dos camarotes  
 Espantada, bradar misericordia.



ALDONSA.

Negro gosto ! Quem pôde divertir-se  
Co' a pavorosa Scena de hum flagello ?

BRANCA.

Bom Architecto ! Magico parece.

APRIGIO.

Calai-vos , filhas. Vote agora Inigo.

INIGO.

Muito dizer podia , pois que tenho  
Experiencia bastante de Theatros ;  
Actor de profissão ; isto me basta :  
E tambem , Senhor Gil , o louro Apollo ,  
De comigo tratar não se envergonha :  
Mas por não demorar a conferencia ,  
Em branco assignarei ; estou por tudo.

ARTUR.

O cão he Mouro.

APRIGIO.

Inigo , desabafa ;  
Dize quanto souberes : falla , falla :  
Es a columna do Theatro novo.

INIGO.

Pois se devo fallar , digo , Senhores ,  
Que o Theatro sem Dança pouco vale ;

O ii

Mui-

Muito menos sem Musica. Podia  
 Quem a gloria quizeſſe de primeiro,  
 Pôr no Theatro as Operas cantadas  
 Na lingua Portugueza: eu aqui trago  
 Huma por mim compoſta neste goſto.  
 He a perda de Troia: vê-se Eneas  
 Sahir c' o Pai ás costas: vai Alcanio  
 Com os caros Penates abraçado:  
 Arde a Cidade: cahem as altas torres:  
 Embarca a gente Frigia: muitos annos  
 Por inhospito mar andão vagando,  
 Até que ſurgem no diſtante Lacio,  
 Onde Eneas a Turno tira a vida,  
 E caſa com Lavinia.

APRIGIO.

Bravo! Bravo!

INIGO.

Tem varios dúos, árias, cavatinas:  
 Eu cuido que desbanco a Metastazio.

BRANCA.

Agora ſigo-me eu.

APRIGIO.

Espera, Branca.  
 Perdoa, amigo Joſre, que a memoria  
 Principia a faltar-me: preterido  
 Por engano ficaste; e bem podias  
 Pedir a tua vez. Perdoa, e falla.

## JOFRE.

Em tal não reparei: eu sou sincero,  
 Digo o que entendo; e cuido q' o Theatro  
 Sem Musica, e sem Dança, nada vale:  
 Ha cousa mais formosa, que a ligeira  
 Callada Pantomima, cujos géstos,  
 Sem auxilio das vozes, representão  
 Reconditas paixões, mudos suspiros,  
 Que entende o coração, ouvem os olhos?  
 Que melhor espectáculo, que os leves  
 Grandes saltos mortaes? Que ver nos áres  
 Bater c' os calcanhares oito vezes,  
 Torcer o corpo, e revirar os braços?  
 Mas nunca votarei em que façamos  
 Opera em Portuguez, toda cantada:  
 Para tanto não he a lingua nossa:  
 Algumas árias, dúos, recitados  
 Se podem tolerar; o mais em prosa:  
 Para o Theatro nós não temos verso.

## APRIGIO.

Fallas como hum Catão. Que dizes, Branca?

## BRANCA.

Eu sou de parecer, que só se fação  
 As Portuguezas Operas impressas:  
*Encantos de Medéa; Precipicios*  
*De Factonte; Aiecrim, e Mangerona:*  
 Em outras nunca achei galantaria.

## APRIGIO.

Esse voto era digno de mais annos.  
A ti, amigo Artur, que te parece?

## ARTUR.

Que podem parecer-me taes loucuras?  
Estou tonto de ouvir estes Senhores!  
Parece-me que estou entre Paulistas,  
Que arrotando Congonha, me atordião  
Co' a fabulosa illustre descendencia  
De seus claros Avôs, que de cá forão  
Em jaléco, e ceroulas. Mas pergunto:  
As Comedias de Calderon, Mureto,  
Candamo, e Salazar, isso não presta?  
Tem bichos, meus Senhores? Tanta gente,  
Imperadores, Reis, Infantes, Duques,  
Os Condes, e os Marquezes, q' as ouvião  
Com gosto, e com prazer, erão huns afnos?  
Só estes, meus Senhores, tem juizo?  
Que Colombos, e Gamas denodados,  
Para achar novos Climas, novos Máres!  
Pois digo-vos, que só se a minha Aldonfa  
For de contrario voto, o meu dinheiro  
Servirá para as barbaras idéas,  
De que prenhes trazeis estas cabeças.

## APRIGIO.

Aldonfa, minha Aldonfa, que nos dizes?



ALDONSA.

Eu digo, que me louvo no teu voto.

GIL.

Falla, formosa Aldonza, tu bem sabes  
Quaes são as leis, e regras do Theatro.

ALDONSA.

Não accetto a lisonja; porém digo,  
Q' em fim approvo quanto tu votaste.

APRIGIO.

Eu que tenho dous votos, digo o mesmo.

ARTUR.

Acabou-se a questão; vivamos todos.

APRIGIO.

Agora, amigo Gil, que obra faremos?

GIL.

Eu tenho varios Dramas traduzidos  
De Sophocles, d' Euripides, Terencio.

APRIGIO.

Nadá de Grego, nada; fóra, fóra:  
Sempre te ouvi dizer, que elles não tinham  
Os lances amorosos de que gosta  
O povo Portuguez.

GIL.



GIL.

Queres a *Castro*,  
Tragedia do *Ferreira*?

APRIGIO.

Deos me livre!  
Amigo Gil Leinel, eu desejava  
Hum Drama teu: conheço nesses olhos  
A suave ternura de teus versos.

GIL.

Pois, Amigo, encetemos o Theatro  
Com a minha *Ifigenia*.

APRIGIO.

Bello nome!  
Isso he que eu chamo titulo arrogante;  
E que em vermelhas letras, nas esquinas  
Ha de pescar curiosos a cardumes.  
Repartão-se os papeis; vamos a isso.

GIL.

*Ifigenia*, será *Aldonsa bella*.

ALDONSA.

He extenso o papel?

GIL.

Não; he pequeno.  
O Senhor *Jofre* seja *Achiles*; seja....

AR-

ARTUR.

Esperé ; tenha mão , Senhor Poeta ;  
 Veja como reparte essas garrochas ,  
 O primeiro Galan a mim me toca.

GIL.

Não póde fer , Galan ; has de fer Barbas.

ARTUR.

Eu Barbas ! Eu que empresto o meu dinheiro !

GIL.

E que tem o dinheiro co' a figura ?  
 Hum velho nunca póde fer mancebo ?

ARTUR.

Senhor Poeta Gil , faça-me graça ,  
 E ponha-se na rua. *Levantão-se todos.*

APRIGIO.

Artur . . . . Amigo . . . .

Onde está a prudencia desses annos ?

ARTUR.

Quaes annos. *Antes que todo es mi Dama :*  
 Aldonfa , não a largo ; tenho dito.

JOFRE.

Que tal , Senhora Aldonfa ?

ALDONSA.

Escuta, Jofre.

BRANCA.

Senhor Artur Bigodes, não se engrile;  
Será o que quizer: quer ser Achilles?

BRAZ.

Arnaldo amigo, vamo-nos çafando,  
Que isto não para aqui.

ARNALDO.

He gente douda.

*Vão-se os dous.*

## S C E N A VII.

*Todos, menos os dous.*

APRIGIO.

**O**H Paz, serena Paz! Que nos deixaste,  
E abrindo as brancas azas te fumiste!  
Inspira-me palavras, com que possa  
O velho socegar incarniado.  
Amigo Artur Bigodes, que me perdes!

ARTUR.

Queria o Doutor Gil, esse barbicas,

Po-

Poeta bordalengo, desfraudar-me  
D' ametade de mim! Fóra c' o talho!

INIGO.

Jofre amigo, despede-te de Aldonfa.

GIL.

Amigo Aprigio Fafes, eu attendo  
Ao respeito devido á tua casa;  
Por isto não respondo a taes injúrias.

ARTUR.

A Deos, Senhor Poeta; faça versos  
A's moças do seu bairro; não se metta  
A Padre Cura de outra Freguezia.

GIL.

Senhor Artur Bigodes, fallaremos. *Vai-se.*

## SCENA VIII.

*Os mesmos, menos Gil.*

JOFRE.

A Deos, ingrata Aldonfa.

ALDONSA.

Ouve-me, Jofre:

70-

JOFRE.

Não venho do Brazil; eu cá sou pobre.

BRANCA.

A mana não tem culpa: crê-me, Jofre.

ARTUR.

Senhor Mestre de Solfa, vá-se embora,  
Que esta menina toma agora estado,  
E vai senhora fer da sua casa.

INIGO.

Branca, o Mineiro cuida que esta casa  
He cenzala, ou possilga de crioulos.

BRANCA.

Assim convem, assim melhor se encrava.

APRIGIO.

Amigo Artur, as noivas não costumão  
Os Mestres despedir: levão consigo  
Cravo, livros de Solfa. O Mestre attento  
Vai logo no outro dia visitalla.

ARTUR.

Se for a minha casa, hei de partillo.

JOFRE.

Sim, barbas lhe deo Maio. A Deos, Aprigio.

Vai-se.

AL-



## ALDONSA.

Infausta sêde de ouro, a quanto obrigas  
 A cara liberdade! O puro affecto  
 A duro captiveiro hoje condemnas!

## ARTUR.

Amigo Aprigio Fafes, de Theatro  
 Bem te podes deixar; alsás nos bástão  
 Os Theatros, que temos em Lisboa:  
 Nem tudo ha de ser Operas, ou Comedia,  
 Eu caso com Aldonfa, e dóto Branca:  
 O noivo, lá o busca; pois conheces  
 Os Bonifrates de chapéo pequeno,  
 De rabicho, e casacas estiradas,  
 De que gostão as moças deste tempo.

## APRIGIO.

Alli Inigo effá, que para Genro  
 Deseja de comprallo a mesma Thetis.

## INIGO.

Que ventura maior! Branca, que dizes?

## BRANCA.

Bem sabes o que posso responder-te,  
 Se de antigos extremos não te esqueces.

## APRIGIO.

Inda o Fado não quer, inda não chega  
 A Epoca feliz, e suspirada,

De

De lançar do Theatro alheias Musas,  
 De restaurar a Scena Portugueza.  
 Vós Manes do *Ferreira*, e de *Miranda*:  
 E tu, ó *Gil Vicente*, a quem as graças  
 Embalárão o berço, e te gravárão  
 Na honrada campa o nome de Terencio;  
 Esperai, esperai, q'inda vingados,  
 E soltos vos vereis do Esquecimento.  
 Illustres Portuguezes, no Theatro  
 Não negueis hum lugar ás vossas Musas:  
 Ellas, não as alheias, publicarão  
 De vossos bons Avôs os grandes feitos,  
 Que eternos soarão em seus Escritos:  
 E podeis esperar paga tão nobre,  
 Se detestando parecer ingrato,  
 Lhe defenderdes o Paterno Ninho;  
 E quizerdes com honra agazalhallas.



A S S E M B L E A,  
O U  
P A R T I D A.  
D R A M A.

# ACTORES.

BRAZ CARRIL.

D. URRACA AZEVIA, *Mulher de  
Braz Carril.*

JOFRE.

D. DULCE: } *Filhos dos ditos.*

D. BRANCA. }

JACOB BILHOSTRE.

GASPAR PICOTE.

GIL FUSTOTE, *Compadre de Braz Carril.*

DOUTOR MUCONIO, *Medico.*

D. MAFALDA, *sua filha.*

FLORESTÃO, *Escudeiro.* } *de Braz*

LOURENÇA, *Criada.* } *Carril.*

Hum Alcaide.

Hum Escrivão.

Dous Gallegos.

*Proflaticas.*

Jogadores, e convidados.

Damas convidadas.

Quadrilheiros.

A Scenã representa a casa de Braz Carril.

SCE-



## SCENA I.

BRAZ CARRIL, e GIL  
FUSTOTE.

BRAZ.



Entendes, Gil Fustote, o que te digo?

GIL.

Entendo, entendo: dizes que partida  
Hoje em casa terás, ou Assembléa;  
Amigo Braz Carril, estas galhofas,  
Jantares, e merendas são o fruto  
Da reloucada teima de Fidalga  
Com que tua mulher sagaz te enloixa,  
Ou te embrulha na rede em que perneas:  
Compaixão grande, compaixão me deves.  
Partidas! Assembléa! Que mania!

Tom. I.

F

BRAZ.



## BRAZ.

E chamas tu mania, Gil Fustote,  
 O viver, como vive a gente séria  
 Hoje em Lisboa? Grandes, e pequenos  
 Todos querem gozar das sans delicias,  
 Do suave prazer da Companhia.

## GIL.

Sem esses bons prazeres, e delicias  
 Nossos Avós, e nossos Pais viverão  
 Fartos, alegres, ricos, e contentes.

## BRAZ.

Ora já que trazião retorcidos  
 Os grizalhos bigodes; estirada  
 A eiquallida guedêlha: no pesçoço  
 Crespas golilhas: gorra na cabeça;  
 As calças retalhadas, e pantufos;  
 Não tragas tu casaca, e cabelleira,  
 Nem átes com fivelas os çapatos.  
 Mudão-se os tempos, mudáo-se os costumes.  
 Não vês no frio Inverno aó tronco annofo  
 Cahir-lhe as murchas cans, e quando torna  
 A fresca Primavera, verdejarem  
 Cobertos de mil folhas novos ramos?  
 Assim as modas são, assim os usos:  
 E devemos-nos todos sujeitar-nos  
 A tão perpétuas leis da Natureza.

GIL.

Amigo, amigo, estás perdido . . . . Doudo.

BRAZ.

Com os olhos abertos.

GIL.

Não to invejo,  
 Nem quero governar a casa alheia:  
 Fica-te em paz com tuas Assembléas,  
 Podes sem mim fazer a Synagoga.

BRAZ.

Caro Fustote, espera que não posso . . . .

GIL.

Eu não canto, nem sou árreborrinho:  
 Pouco gosto de Chá, menos de Jogo:  
 Falta cá não farei: a Deos, Amigo.

BRAZ.

Espera, espera, podes divertir-te,  
 Ouvindo duas árias, temos doce,  
 E doce delicado, se quizeres.

GIL.

Não caio neste anzol.

BRAZ.

Men Gil Fustote,  
 P ii Ef

Espera, escuta....

GIL.

Dize, que mais queres?

BRAZ.

Eu queria pedir-te algum dinheiro,  
Porque estou sem real: olha em que dia!

GIL.

Pois a perpétua lei da Natureza,  
Que murcha as folhas, e que traz partidas,  
Não dá também dinheiro para o gatto?

BRAZ.

Amigo Gil Fustore, eu pouco peço;  
Dá-me, se quer, seis mil e quatrocentos:  
Acode-me; e conforme o nosso ajuste  
Sete e duzentos, lançarás na conta.

GIL.

Seis mil e quatrocentos! Quem mos dera!  
Não me pagão tão bem os teus foreiros;  
E a divida vai já de foz em fóra.

BRAZ.

Oito mil reis porás.

GIL.

Isso he perder-te.

BRAZ.

BRAZ.

Qual perder-me.

GIL.

Amigo, eu não podia;  
 Mas vejo o grande aperto... Toma... escuta:  
 Eu chamo a Deos dos Ceos por testemunha  
 Sem juro te levar, sem interesse  
 De tão forçosa vexação remir-te;  
 E que o pouco que mandas q' accrescente.  
 A' nossa conta, he dado, e não por força,  
 Sim de livre vontade. A Deos, amigo,  
 Que vou vestir-me, e logo torno. *Vai-se.*

## S C E N A II.

*BRAZ sómente.*

BRAZ.

**T**Enho  
 Para sequilhos, chá, café, e cartas;  
 Falta só para luzes. Que remedio!  
 Recorro ao coscorrinho da Senhora,  
 Que he fonte limpa. Dona Urraca... Urraca...  
*Cantando.*

SCE-



## S C E N A III.

*BRAZ, e URRACA.**URRACA.*

**A** Assim se chama, Braz, huma Fidalga?

*BRAZ.*

Perdoa, filha, que hoje não me lembro  
 Nem de Excellencias, nem de Senhorias:  
 Mandando á via estou a não ronqueira  
 Com vento escasso, e com estofas aguas,

*URRACA.*

O rato sempre foge para a palha;  
 E preto velho não aprende lingua.

*BRAZ.*

Que vens a dizer nisso? Que me esqueço  
 De etiquetas, medidas, ceremonias,  
 E mais ritos, e leis da fidalguia,  
 Com que queres Urraca ser tratada?  
 Ou entendes, que meus Progenitores  
 Descendem de outro Adão, e que não forão  
 Por seus honrados feitos estimados,  
 Bons Vassallos fieis, e servidores?



## URRACA,

Tem bem que ver Carris, com Azevias  
 Por linha masculina descendentes  
 De Principes, de Reis, Imperadores,  
 E que até nos colchetes dos costados  
 Tem mitras, e roquetes!

BRAZ.

Basta, basta!  
 Senhora, Excellentissima Senhora, *Fazendo-lhe*  
 Dona Urraca Azevia! Mas menina, *muitas cores*  
 Vamos ao caso: falta para a noite *tezias.*  
 Dous arrateis de vélas... Eu não posso...

URRACA.

Queres, já sei, pregar-me esse callote.

BRAZ.

Não he callote: que pagar prometto.

URRACA.

Quando tiverem dentes as gallinhas;  
 Mas para que conheças que não falto  
 Quanto he preciso, mandarei buscallos.

BRAZ.

Onde mezas não ha, não ha cadeiras,  
 Colheres, castiçoes, pratos, bandejas:  
 Querer dar Assembléas, e Partidas,  
 He nadar sem bexigas.

UR-

## URRACA.

Mas com labia  
 Tudo se vence, tudo se consegue;  
 Porque a gente ordinaria agazalhada  
 Com huma tal lhaneza, facilmente  
 Deixa cardar a lâ. Anda o dinheiro  
 Pelas mãos de villões contra vontade;  
 E como galgo em trêla cubiçoso  
 De entrar nas algibeiras de Fidalgos,  
 Para brilhar com pompa, e luzimento  
 Em ricas mezas, em custosas galas.

## BRAZ.

Ah, Vossa Senhoria, ou Excellencia,  
 He perdida entre nós: que sã doutrina,  
 Que politicas maximas do Estado,  
 Cahindo não lhe estão por entre os dedos:  
 Que florente não tora o vasto Imperio  
 Das fulas Amazonas, se o regêra  
 Tão gentil coração, alma tão nobre.

## URRACA.

Só me julga capaz de mandar gente  
 Tão cáfara, e boçal? Negros, Tapuias?  
 Agradeço-te, Braz, o bom conceito  
 Que tu fazes de mim: bem me conheces,  
 Se fosse outra qualquer dessas que campão  
 Por Letradas, que gostão de ouvir versos,  
 Que os repetem, que os fazem, se lhos fazem,  
 Dessas . . .

## SCENA IV.

*Hum GALLEGO com huma teiga,  
e os mesmos.*

GALLEGO.

**A**qui, Senhor, manda meu Amo  
 Senhor Jacob Bilhostre, o que se pede,  
 Vem oito castiças; diz que tífoura  
 He traste que não tem, menos de prata;  
 Que virá a seus pés, como lhe ordena,  
 Que sempre estimará poder servillo.

BRAZ.

Vai-te, dize ao Senhor Jacob Bilhostre,  
 Que tudo recebi, que fica entregue.

*Vai-se o Gallego.*

## SCENA V.

BRAZ, e URRACA.

BRAZ.

**V**Ejamos que taes são. Oh lá! Soberbos!  
 Que sécia, minha Urraca! Estás contente?

UR-

## URRACA.

Nunca vi castiças? Tu imaginas  
 Que em berço de cortiça me embalarão?  
 Que nasci n'hum curral?

## BRAZ.

Não digo tanto;  
 Mas olha, são magníficos, e novos.

## URRACA.

Na verdade são bons, mal empregados  
 Em casa, onde bastava huma candieia;  
 E talvez que nem essa ella teria,  
 Quando cebo vendia ao Remulares  
 Na fetida baiúca.... Mas o tempo....

## SCENA VI.

Outro GALLEGO com teiga,  
 e os mesmos.

## GALLEGO.

Aqui manda o Senhor Gaspar Picote  
 Açucareiro, bulle, e cafeteira  
 Com tres duzias de chicaras, e pires,  
 Que sente não ter mais; e fica prompto  
 Para a vossas mercês servir em tudo.



## URRACA.

Mercê, a mim mercê? mercê, maroto! *Irada, e*  
 Atrevido, insolente, vai-te embora, *furiosa.*  
 Tu não sabes fallar? Dize a teu amo  
 Que te mande ensinar: logo pareces  
 Criado de Villão....

## BRAZ.

Urraca, Urraca....

## URRACA.

Tolo, tolo! E pertendes que tolere  
 Semelhante dizer? Foras tu outro,  
 E fouberas melhor defaggravar-me.  
 Mas tenho quem nas veias lhe circule  
 O sangue generoso de Azevias,  
 Que vingar saberá tamanha offensa. *Vai-se.*

## SCENA VII.

GALLEGO, e BRAZ CARRIL.

## GALLEGO.

A Senhora está douda? Coitadinha.

## BRAZ.

Vai-te, rapaz, a Deos, vai-te de pressa,  
 Não te venha pregar alguma surra.

GAL-



## GALLEGO.

A mim ! Senhor , porque ?

BRAZ.

Çafa-te , foje.  
Vai-se o Gallego.

## ... S C E N A VIII.

JOFRE, URRACA, FLORESTÃO,  
LOURENÇA, e BRAZ.

JOFRE.

**M**Aroto... Patifão... Villão... Gallego...  
Atrevido... Insolente... *Correndo todo o Theatro.*

BRAZ.

Oh lá , que he isto ?  
Jofre, não ouves ? Onde vais ? ... *Espera. Correndo*

JOFRE.

*atrás de  
Jofre.*

Este Villão ruim , ladrão , patife ...

URRACA.

Mata , filho , mata. A ferro , e fogo  
Assolárão reus inclytos maiores  
Tetuão , Azamôr , Tângere , Arzilla.

FLO-

## FLORESTÃO.

Mate, Fidalgo, mate esse Gallego  
 Seja David, do fardido Golias. *Com huma ti-*  
*soura.*

## BRAZ.

Tem mão, tem mão. *A Jofre.*

## JOFRE.

Senhor, deixe-me.

## URRACA.

Mata:

Mata, meu filho, mata.

## FLORESTÃO.

Morra, mate.

## BRAZ.

A quem, a quem?

*Enfadado.*

## JOFRE.

Villão....

## URRACA.

Filho....

## FLORESTÃO.

Fidalgo....

LOURENÇA.

Mate . . . .

BRAZ.

Tem mão, oh lá! Jofre, que fazes? Péga-

LOURENÇA. *lbe no braço.*

Com a pá de varrer nesta batalha

A forneira serei de Aljubarrora. *Dando em Jofre.*

BRAZ.

Não ouves, marotão? Anda patife. *Dá-lbe.*

URRACA.

Villão . . . .

FLORESTÃO.

Fidalgo.

URRACA.

*Assim se trata hum filho,*

Descendente de heroes?

FLORESTÃO.

Fidalgo.

*Sufiando  
a Braz.*

LOURENÇA.

Dalgo.

FLORESTÃO.

Vossa Excellencia, Vossa Senhora . . . .

SCE-

## SCENA IX.

JACOB, e os ditos.

JACOB.

A Partida por Entremez começa?  
Senhora Dona Urraca... Amigo, amigo.

BRAZ.

Senhor Monsieur Bilhastre, este magano...

URRACA.

Senhor Bilhastre, hum filho meu... Fidalgo  
Descendente do grande Lancerote  
Que a Barbasrôxas arrancava as barbas,  
Que arrastou pelos fardidos cabellos  
Solimões, Mustafas, e Mafamedes,  
Não devêra seu Pai injuriallo,  
E na minha presença.

BRAZ.

Mas que injúria?

URRACA.

Não he injúria dar-lhe bofetadas?  
Alma fidalga de meu Pai, que gozâs  
No Empyreo ao menos do lugar de Duque,  
Co-

Como não desces a vingar tamanha,  
Tão desmedida affronta?

JACOB.

Não, Senhora,  
O castigo de hum Pai não he injúria.  
Mas, Senhores, o dia de partida,  
Hum tão solemne dia, não he dia  
De arruidos, de rixas, e disputas:  
Em Londres, em Pariz, Parma, e Veneza  
Estes bons dias são em todo o Mundo  
Ao prazer, e socego dedicados.  
Solto, e mil farpas de ouro despedindo  
Anda voando Amor nas Assembléas,  
E qual sonora abelha em lindas flores  
Bebe o suave néctar nos formosos,  
E triunfantes olhos das Madamas,  
Com que ferozes corações abrandá,  
D'homens os mais aultéros, e sizudos.

BRAZ.

Muito bem me parece: pazes, pazes.  
Leva a teiga dahi: ouves, Lourença?

URRACA.

Que perrendes, meu Jofre?

JOFRE.

Humá arrecada,  
Que me cahio da orelha: e tenho sangue.

*Apalpando-a.*

BRAZ.



BRAZ.

Huma orelha?

FLORESTÃO.

Não, Senhor, hum brinco,

URRACA.

Busca, Lourença.

LOURENÇA.

Hum ... dous ... tres, e argollinha

Eila... não... finca pé de pampollinha. \* Pa-  
Brincando, e cantando.  
rando.

FLORESTÃO.

Eila, Fidalgo. Alviçaras, Fidalga.

BRAZ.

Ora está bem, Senhora, vá vestir-se:

Vai tu, Lourença, vai limpar a prata;

E tu vai, Florestão, comprar o doce.

URRACA.

Com licença, Senhor. Fazendo huma mesu-  
ra, vai-se.

JACOB.

Minha Senhora.

JOFRE.

Quem ha de pentear-me, se vais fóra?

## FLORESTÃO.

Se me manda seu Pai.

BRAZ.

Não, não, primeiro  
O podes pentear.

FLORESTÃO.

Vamos, Fidalgo.

JOFRE.

Vamos de pressa, Florestão, que he tarde.  
*Vão-se.*

## SCENA X.

JACOB BILHOSTRE, e BRAZ  
CARRIL.

JACOB.

**H**Oje, Senhor Carril, vinha mais cedo  
Para metter em ordem de batalha  
As mezas, e cadeiras: todos fallão  
Em Partida, Assembléa: poucos sabem  
As regras da importante symmetria,  
Com que se deve preparar a sala,  
Que serve para hum acto tão vistoso;

Po-

Porém vejo que tudo está já prompto,  
Tudo no seu lugar.

BRAZ.

Falta-me a cera,  
Acabou-se o dinheiro.

JACOB.

Eu pouco trago:  
Bastará hum quartinho?

BRAZ.

Basta, basta:  
Eu lhe mando já vir as raparigas.

JACOB.

Muito bom Cravo.

BRAZ.

He do Doutor Muconio,  
Daquelle Corifeo da Medicina.

JACOB.

Elle vem cá?

BRAZ.

Espero que não falte.

JACOB.

Sua filha virá?

Q ii

BRAZ.

BRAZ.

Foi convidada.

JACOB.

Venha com Deos.

BRAZ.

Eu cuido que me chamão.

## SCENA XI.

JACOB, BRAZ, DULCE,  
e DONA BRANCA.

DULCE.

VÁ de pressa, meu Pai, que he lá preciso.

BRAZ.

Que falta lá?

DULCE.

Dinheiro para açucar. *Vai-se Braz.*

BRANCA.

Boa tarde, Senhor Jacob Bilhastre.

JACOB.

Senhora Dona Branca, boa tarde.  
Minha Dulce, meu bem, minha Senhora.

DULCE.

A Pedro donde vem fallar Gallego?

JACOB.

Do coração, do coração rebenta  
O vezuvio de fervidos suspiros,  
Com que humilde, captiva a liberdade,  
Ante esses lindos olhos ajoelha.

DULCE.

Não me falle em Latim, que não entendo.

JACOB.

Entendes bella Dulce, bem me entendes,  
Estas as frases são, com que se explica  
Huma alma tão discreta que te adora.

DULCE.

O bem que representa! Logo mostra  
Que a filha do Doutor soube ensaiallo.

JACOB.

A filha do Doutor?

DULCE.

Dona Mafalda.

JA-



JACOB.

Se eu, Branca, lhe fallei....

BRANCA.

Eu, que me importa.

JACOB.

Escuta, minha Dulce....

DULCE.

He mui formosa!

JACOB.

Aqui de cumprimento....

DULCE.

Mui discreta.

JACOB.

Se fui a sua casa....

DULCE.

Que bem canta!

BRANCA.

Dança muito melhor!

JACOB.

Porém, Senhoras....

DUL-

DULCE.

Tem bom dote.

JACOB.

Mas eu....

BRANCA.

O Pai he rico.

JACOB.

Escuta, minha Dulce....

DULCE.

Eu não sou sua.

Da formosa Mafalda he só vassallo,  
 Esse perdido coração infame;  
 Tudo, tudo já sei.

JACOB.

He tudo engano.

Se, Dulce, quebrantei a fé jurada,  
 Nunca mais a meus olhos esclareça  
 O vivo, e gentil lume que amanhéce  
 Em teu semblante angelico; troando  
 Em vermelhos coriscos se converta,  
 Caia, fulmine, assombre, despedace  
 Alma, vida, sentidos, pensamentos,  
 E o fido coração onde tu reinas  
 Deixe a teus pés de lagrimas banhados  
 Entre pizadas cinzas palpitando.

DUL-

DULCE.

Branca , não lhe resisto.

BRANCA.

Eu me estremeço.

JACOB.

Dulce , minha Senhora , Dulce amada ,  
 Ah ! não fujas , escuta , ouve-me , espera ,  
 Ao menos me permite o desafogo  
 Daquella mão beijar por despedida ,  
 A cujo acêno o mesmo Amor se humilha.  
 E que de Amor o arco retorcido  
 Enristadas as fréxas estridentes  
 Mirou ao fraco peito que anhelava  
 De teus soberbos olhos ser ferido.  
 Bem me viste cair , Dulce , bem viste  
 Do roto coração o sangue quente  
 Fumegando brotar , e em crespos rios  
 Alagar a campanha que pizavas ,  
 Os miseros despojos arrastando.

DULCE.

Oh que fracas nós somos ! Pois nos rende ,  
 Nos ençanta , e captiva a liberdade  
 O doce som d' umas sonoras vozes ,  
 Que raras vezes , Mana , percebemos.

BRANCA.

As que de versos gostão , não resistem

A'

A' buena dicha d'um Poeta amante.

JACOB.

Dulce, formosa Dulce! Dulce ingrata,  
 Se minhas tristes queixas não entendes,  
 Entende, entende as lagrimas que choro:  
 Olha, vê e os teus olhos, em meus olhos  
 Brilhar o vivo fogo, com que abrazas  
 Huma alma, que só vive de querer-te.

DULCE.

Branca, não posso . . . Morro.

BRANCA.

Choras, Dulce?

DULCE.

Basta, basta Jacob, em fim venceste.  
 De tão fiel rendida vassallagem  
 Não quero desprezar o sacrificio;  
 Mas ouve a dura lei, se me promettes  
 Observalla com animo constante.

JACOB.

Pela luz dos teus olhos o prometto.

DULCE.

Vê o que dizes, nunca mais a casa  
 Tornarás de Mafalda.

JACOB.

Assim o juro,  
Dulce, minha Senhora.

## S C E N A XII.

GASPAR PICOTE, e os mesmos.

PICOTE.

**B**Oa tarde,  
Senhora Dona Dulce: minha Branca,  
Boa tarde, ou bons dias, pois já vejo  
Que vão amanhecendo nesta casa  
Os polidos costumes estrangeiros.  
Graças a Deos, que temos Assembléa,  
Que já temos Partida, que podemos  
Sem pejo conversar, que rir podemos  
Sem receio dos olhos affustados,  
Com que a Senhora Dona Urraca altiva,  
Inda mais que ciôsa, perrendia  
Espantar os lindíssimos Amores,  
Que em torno do seu rosto andão voando.

BRANCA.

Isto he Comedia, Dulce; trazem ambos  
Os papeis estudados.

DUL-



DULCE.

Eu te creio.

BRANCA.

Imaginas, Senhor Gaspar Picote,  
Que isto he casa de baile? Inda não sabes  
Que pessoas da nossa qualidade....

PICOTE.

Já vejo, são de pedra, são de bronze:  
E em vez de alvos, de crystallinos peitos,  
Trazem arnezes d' aço, e diamante,  
Onde de balde rompe Amor as settas.

BRANCA.

Não o diga zombando, póde crello.

PICOTE.

Santas Pascoas; mas isto de Partida  
He a feira da Gualva, onde se escolhe:  
Logo virão Pelouros, branda cera,  
Que com mui pouco lume se derrete.

DULCE.

Lé com lé, cré com cré.

PICOTE.

Amor he cego,  
E nunca soube ler Genealogias.  
Dize, Branca, virá Dona Mafalda?

BRAN-

## BRANCA.

Virá, logo virá, perfido, ingrato.

## DULCE.

Tu chóras, Branca?

## BRANCA.

Choro, Dulce, choro

O negro fado, a minha desventura,  
Que a querer me forçou com tanto extremo  
Hum perjuro, traidor, perfido, ingrato.

## PICOTE.

Hum perjuro, traidor, perfido, ingrato,  
Palavras são de Amor, e de quem ama;  
Mas tão grande Senhora, e tão fidalga  
Não póde ter amor, amar não deve,  
Que desta vil paixão nasceo izenta,  
E dous milhões de Avós, que não farião,  
Se sonhassem que a Neta namorada  
Maculava a profapia generosa,  
Acolhendo os suspiros de hum amante,  
Que ao certo não se sabe se descende  
De Abel, ou de Caim. Melhor me fora  
Remar n'uma Galé, qual outro Orestes  
Das veneraveis Furias avexado  
Me vira em toda a parte perseguido  
De finados Heroes, sombras illustres.

JACOB.

Caro amigo Picote, basta, basta,  
Estes arrufos são de namorados.  
Mas hoje não he dia...

## S C E N A XIII.

JOFRE, e os ditos.

JOFRE.

**M**Eus Senhores,  
Meu Jacob, meu Gaspar, caros amigos...  
Mas pára, carruagem; foi á porta...  
Será Dona Mafalda.... Com licença.  
Vou abaixo buscalla, e dar-lhe o braço. *Vai-se.*

PICOTE.

Perdoa, minha Branca.

BRANCA.

Ahi vem Mafalda,  
E não vais recebella?

PICOTE.

Não, Senhora.

## S C E N A XIV.

JOFRE, MAFALDA, URRACA,  
e os ditos.

MAFALDA.

Não pude vir mais cedo, Senhor Jofre.

JOFRE.

Quando a Aurora apparece, sempre he cedo.

BRANCA.

Eu aqui venho já c'a minha Dama.

URRACA.

Minha linda Mafalda, quanto estimo  
Que venhas divertir-te, e divertir-nos.

BRAZ.

O Doutor não virá?

MAFALDA.

Teve recado  
Para ir a huma junta; mas vem logo.

SCENA XV.

GIL FUSTOTE, LOURENÇA,  
BRAZ, e FLORESTÃO.

GIL.

O Ra vejamos isto de Assembléa  
Em que vem a parar.

BRAZ.

Que te parece,  
Amigo Gil Fustote? Não te agrada  
Tão sincéra alegria?

GIL.

Agrada, agrada.

BRAZ.

Não ha maior prazer, que a companhia.

GIL.

Té o lavar dos cestos he vendima.

BRAZ.

Lourença, Florestão, venhão cá todos,  
Tragão cadeiras, tragão cartas, luzes.

LOU.



LOURENÇA.

Trarei os castiçaes, ou candieiro?

BRAZ.

O Candieiro, tolla. Vêlas, vêlas.

LOURENÇA.

Sem castiçaes?

BRAZ.

Com castiçaes. Que burra!

LOURENÇA.

Temos sepulcro.

*Vai-se.*

FLORESTÃO.

Cuido que he charola. *Vai-se.*

## S C E N A XVI.

BRAZ, JACOB, GASPARE PICOTE, JOFRE,  
 GIL FUSTOTE, MAFALDA,  
 DULCE, BRANCA, e URRACA.

BRAZ.

Eia, Senhores, vamos, comecemos  
 A famosa Partida, haja fandango,  
 Alegria, brinquemos, alegria;

Eó-

Fóra huma cá se lance, fallem, fallem:  
 Minhas Senhoras, dancem, cantem, rião:  
 Fóra, fóra daqui as ceremonias.

Allon, sentar, sentar sem precedencias,  
 Venha chá, venha doce, venhão cartas,  
 Joguem, e raihem, gritem, descomponha  
 O praceiro ao praceiro, he desafogo,  
 Que foi sempre a quem perde concedido.  
 Senhor Bilhoitre, a boa Poesia  
 A pezar de Platão, e de seiscentos,  
 Que nunca o lérão, seu lugar merece:  
 Venha mote, lá vai, lá vai, ouçamos.

## JACOB.

Amigo Braz Carril, a Poesia  
 Não he Adufe, Gaita, nem Viola,  
 Que tanja cada qual quando lhe agrada;  
 Logo, logo fetá.

## PICOTE.

Ao Cravo, ao Cravo,  
 As Senhoras cantando nos inspirão  
 Versos das Mufas, e de Apollo dignos.

## JOFRE.

A Senhora Mafalda principie.  
 Já pezados nas azas os Amores  
 Estão co' a boca aberta para ouvilla,  
 E os estrondosos ventos enclaustrando  
 Eolo amarra o Odre, porque teme  
 Que tão doces angelicos accents

Varrendo os mansos áres lhe desmanchem.

*MAFALDA.*

Isso, com pouco mais, era hum Soneto.

*DULCE.*

E dos da moda.

*PICOTE.*

O Prologo he já grande.

Vamos, que o tempo voa.

*BRAZ.*

He certo, he certo;

Senhores, attenção: fallem calados:

Vá, fente-se, Senhora Mafaldinha.

Mas espere; a Cantata de Dido ha de

Ser recitada: Seja em pé. Ouçamos.

*MAFALDA.*

Inda mais essa?

*BRAZ.*

Faltão bastidores,

Cuidarei nõ Theatro pouco a pouco.

## CANTATA.

## MAFALDA.

**J**Á no rôxo Oriente branqueando  
 As prenhes vélas da Troiana frota  
 Entre as vagas azues do mar dourado  
 Sobre as azas dos Ventos se escondião.  
 A miserrima Dido  
 Pelos Paços reaes vaga ullulando,  
 C'os turvos olhos inda em vão procura  
 O fugitivo Eneas.  
 Só ermas ruas, só desertas praças  
 A recente Carthago lhe apresenta:  
 Com medonho fragor na praia nua.  
 Fremem de noite as solitarias ondas:  
 E nas douradas grimpas  
 Das cúpulas soberbas  
 Pião nocturnas agoureiras aves.  
 Do marmoreo sepulcro  
 Attonita imagina  
 Que mil vezes ouviu as frias cinzas  
 Do defunto Sichêo com débeis vozes,  
 Suspirando chamar: Elisa, Elisa.  
 D'Orco aos tremendos Numens  
 Sacrificios prepara;  
 Mas vio elmorecida  
 Em torno dos thuricremos altares  
 Negra escuma ferver nas ricas taças:  
 E o derramado vinho



Em pélagos de sangue converter-se.

Frenetica delira;

Pálido o rosto lindo,

A madeixa subtil desentrançada;

Já com trémulo pé entra sem tino

No ditoso aposento,

Onde do infido amante

Ouvio enternecida

Magoados suspiros, brandas queixas:

Alli as crueis Parcas lhe mostrarão

As Iliacas roupas, que pendentas

Do thalamo dourado descobrião

O lustroso pavêz, a Teucra espada.

Com a convulsa mão subito arranca

A Lamina fulgente da bainha,

E sobre o duro ferro penetrante

Arroja o tenro crystallino peito:

E em burbutões de espuma murmurando

O quente sangue da ferida salta:

De rôxas espadanas rociadas

Tremem da sala as Doricas columnas.

Tres vezes tenta erguer-se,

Tres vezes desmaiada sobre o leito

O corpo revolvendo, ao Ceo levanta

Os macerados olhos.

Depois attenta na lustrosa malha

Do profugo Dardanio,

Estas ultimas vozes repetia,

E os lastimosos lugubres accentsos

Pelas aureas abobadas voando

Longo tempo depois gemer se ouvirão.

Do-



Doces despojos  
! O Tão bem logrados  
Dos olhos meus,  
Em quanto os fados,  
Em quanto Deos  
O consentião.  
Da triste Dido  
A alma aceitai,  
Destes cuidados  
Me libertai.

Dido infelice  
Assás viveo;  
D'alta Carthago  
O muro ergueo:  
Agora nua,  
Já de Charonte,  
A sombra sua  
Na barca feia,  
De Flegetonte,  
A negra veia  
Surcando vai.

B R A Z.

Bravo, bravo!

D U L C E.

Que viva!

JACOB.

Bravo!

BRANCA.

Viva!

URRACA.

Excelente Cantata!

PICOTE.

Bella, nobre!

JACOB.

A Musica he sublime!

JOFRE.

A Poesia

Náo he menos suave, e na verdade  
Póde calçar o Tragico Cathurno.

MAFALDA.

He do Senhor Bilhastre.

BRANCA.

Viva, viva!

DULCE.

He do Senhor Bilhastre?

JACOB.

Sim, Senhora.

DULCE.

Fella para a Senhora?

JACOB.

Não, Senhora.

MAFALDA.

Não, minha Dulce.

DULCE.

Basta, já percebo.

BRAZ.

Seguem-se versos, cantem os Poetas  
Com plectro de marfim em Lyras de ouro.

JOFRE.

Lá vai.

BRAZ.

Tu o primeiro?

URRACA.

Tu Poeta?

## SONETO.

JOFRE.

**N**ão menti, não, se disse q'os Amores  
 Estavão no ar suspensos, esperando  
 Que tua voz divina modulando  
 Aplacasse dos Ventos os furores:  
 Ergue, Mafalda, os olhos vencedores,  
 Vêllos-hás para aqui andar voando,  
 E os retrocidos arcos affrouxando  
 Largar das tenras mãos os passadores.  
 Não vês o fulvo Téjo c' o Tridente  
 Os cavallos azues estar detendo  
 As levantadas ondas reprimindo?  
 Se isto sente Mafalda, quem não sente,  
 Que não sentirei eu, ouvindo, e vendo  
 Tua angelica voz, teu rosto lindo?

MAFALDA.

Bello, sublime!

JACOB.

Viva!

BRAZ.

Bravo, bravo!

PICOTE.

Que viva, Senhor Jofre!

JOFRE.

Basta; basta.

URRACA.

Tu Poeta, meu Jofre? Coutadinho!

PICOTE.

E que máo he, Senhora, ser Poeta?

URRACA.

De frenezi tão louco imaginava

Que só pobres, villões, adoccião;

E teus grandes Avós, q' erão illustres,

Sabião de cavallos, não de livros.

BILHOSTRE.

Serião excellentes Alveitares.

DULCE.

Poetas, nunca achei nos Nobiliarios.

Antes Mouro, ou Judeo.

BRANCA.

Dulce, estás douda?

JACOB.

Que ha de ser, se eu compuz o recitado.

BRAZ.



BRAZ.

Victor sério, Senhores; versos, versos.

DULCE.

Queres que todos só de versos gostem,  
He perverter as leis da Natureza.

JACOB.

*He perverter as leis da Natureza.*

## SONETO.

SE tuas longas azas despregando  
De negras louras plumas estofadas  
Atrás das leves horas apressadas  
O bom dia q' espero vem voando:  
Como te estás, ó Tempo, demorando  
Nestas só de desgosto prolongadas:  
Já que vierão tão aceleradas,  
Co'a mesma pressa deixas ir passando.  
Mas eu cuido que a scena lastimosa  
De meus males te deixa suspenso,  
Ou perdes só comigo a ligeireza.  
Ah! fuge de Tragedia tão pasmosa,  
Que mostrar-te huma vez enternecido  
*He perverter as leis da Natureza.*

DUL-

DULCE.

Viva!

PICOTE.

Bonito!

BRAZ.

Deo-me c'os pés n'alma!

URRACA.

Nem o Soneto os tem, nem tu Amores.

BRAZ.

O Soneto tem pés, amor eu tenho.

URRACA.

Insolente, traidor, tu imaginas  
Que ter hum velho amor, não he tontice?

PICOTE.

*Que ter hum velho amor, não he tontice.*

## SONETO.

**E** Stavão as tres Graças penteando  
 O cabello subtil de Amor hum dia,  
 Qual c' o marfim Assyrio lhos abria,  
 Outras andão mil gemmas preparando.  
 Amor, como rapaz, de quando em quando  
 Co' a dourada cabeça lhe togia;  
 Porém vê q' Eufrosina se forria,  
 Porque Aglauro lhe está as cans citando.  
 O menino pasmado vê no espelho  
 Por entre os anneis de ouro reluzente  
 Branquejar a saraiva da velhice:  
 Suspira, e diz: Oh! Saiba a cega gente,  
 Que Amor nascendo moço se faz velho,  
 Que ter hum velho amor, não he tontice.

URRACA.

Senhor Picote, viva muitos annos.

BRAZ.

Bravo, Picote, viva, bom Soneto!

BRANCA.

Viva, Senhor Picote! Ha de escrevello.

PICOTE.

Tal não farei, por certo.

BRAZ.

Eu tambem quero  
Mostrar o meu talento : venha more.

URRACA.

Que fazes , Braz , que fazes ?

BRAZ.

Verfos, verfos;  
Porque tambem levei palmatoadas,  
Aprendi, estudei; e no meu tempo  
Soube mui bem Syntaxe.

## S C E N A XVII.

*MUCONIO, e os ditos.*

MUCONIO.

**B**Oas noites.

Criado, meus Senhores, e Senhoras.

JOFRE.

Senhor Doutor Muconio.

MUCONIO.

Senhor Jofre.

Mas que vejo, Senhores! Fujão, fujão.

Foge, Mafalda, fujão, fujão todos.

BRAZ.

BRAZ,

De que havemos fugir?

DULCE.

Ai que eu desmaio.

BRANCA.

Que he?

URRACA.

Que será?

MUCONIO.

Fujamos.

JACOB.

De quem?

MUCONIO.

Fujão,

Fujão, fujão, Senhores! Estão cegos?  
 Não tem visto, não tem inda observado  
 No Senhor Jofre os terricos symptomas  
 Da endemica, epidemica estrangeira  
 Pestifera lethal enfermidade,  
 Que grassando em Lisboa, insulta, ataca  
 A pobre, debil mocidade estulta?

BRAZ.

He peste, meu Doutor?

MU-



MUCONIO.

Sim, Senhor, peste;  
E peste a mais cruel que tenho visto.

URRACA.

Deos nos livre, Doutor!

JACOB.

Está zombando,  
Senhor Muconio?

PICOTE.

Branca, será ópio?

MUCONIO.

Não zombo, não, Senhores, fallo sério.  
He hum forte contagio de chicotes,  
De tranças, e de arrochos no cachaço,  
De que andão enfeitados os Casquilhos.

JACOB.

Eu não disse, Senhores, que era brinco?

MUCONIO.

He bom brinco, Bilhostre, he mal, he peste,  
He a Plica Polonica doenças,  
Que assim como no Norte, e em varios climas  
Os Polacos, e Sármates transforma  
Em medonhos espectros, e fantasmas,  
Transforma cá no nosso continente

Os

Os mancebos gentis em bonifrates.

BRAZ.

Que nova, que recondita sciencia!  
 Já tinha reparado na grossura  
 Deste immenso chicote de meu filho;  
 Mas cuidei que era moda.

MUCONIO.

Boa moda!

JOFRE.

He boa logração; Doutor Muconio.

MUCONIO.

Que he boa logração? Fujão, fujamos.

BRAZ.

Espere, meu Doutor, diga primeiro  
 Em que pára este mal, em que consiste?

MUCONIO.

Consiste na disforme, na medonha,  
 Espantosa grossura dos cabellos,  
 Que scirrhosos, talvez lignificados,  
 Se grudão, e se empastão hum com outro;  
 Esta massa fatul, ou codea espessa,  
 A cutanea excreção embaraçando,  
 Os humores estagna excrementicios  
 Se inflammão, te coagulão nas minutas  
 Seriferarias glandulas reprecios.

JOFRE.

Que se segue dahi?

MUCONIO.

O que se segue?

Mais alta, que a columna de Trajano,  
 Huma agulha, ou pyramide distorme  
 De esquallidos cabellos, sobre a testa  
 Dos enfermos estupidos erguida,  
 Lhe carrega a molleira com tal pezo,  
 Que convulsos os olhos retorcidos,  
 Ou abertos em horridos espasmos,  
 Se trabalhão, se canção, se enfraquecem,  
 Donde veio o contagio das lunettas,  
 Que tantos Polyphemos de hum só olho  
 Encrespando o nariz, mettem a cara.

BRAZ.

Forte doença!

BRANCA.

Triste enfermidade!

JOFRE.

Chiméras, petas, logtações, mentiras.

BRAZ.

Calte, insolente. Diga, meu Muconio.

## MUCONIO.

A disforme pasmosa intumescencia  
 Atacando estas glandulas que disse,  
 E que por locação são conglobadas,  
 As conglomerera tanto, e tanto as une,  
 Que a estranha mole, turgida grandeza  
 Nos inchados pescoços apparece,  
 A pezar de dez varas de gravata,  
 Que amortalha os focinhos espantados.

## URRACA.

Coutado do meu Jofre.

## BRAZ.

Eu bem dizia,  
 Vendo que não bastava meia peça  
 De Cambraia, de Cassa, ou Muselina  
 Para duas gravatas. Meu Muconio,  
 Falla, dize-nos tudo quanto sabes.

## MUCONIO.

Quanto sei, meus Senhores, são incriveis  
 Deste tremendo mal, deste contagio  
 Os enormes, e magicos portentos,  
 Peiores que os Theisalicos prestigios,  
 Com que Circe tornou os Companheiros  
 Do sabio Grego em Javaliz cerdosos.  
 Alevedado o tumido fermento,  
 Que as glandulas, em fim, apinhoadas  
 Em tamanhas escrofulas acabão,

Que



Que em seus doutos escritos nos attestão  
Banivenio, e Boneto que cortarão  
Alporcas de sessenta, e trinta libras.

## P I C O T E.

Opio, carapetão.

## B R A Z.

Bravo, Muconio!

## M U C O N I O.

Leião, Senhores, leião, não se rião,  
Oução: *In momento temporis* do enfermo  
Incha o pescoço; os tabidos bracinhos  
Se myrrão, e se encolhem, e parecem  
De boneco de massa: mal campeão  
As entanguidas pernas marasmadas,  
E dos luidos pés cascós vidrentos  
O tarso, e metatarso edematoso  
Só consente nas unhas as fivellas.  
Finalmente, Senhor, degenerando  
A massa dos humores pelas pravas  
Estranhas qualidades, que lhe adquire  
A errada nutrição em todo o corpo;  
Os horrendos estragos se propagão  
Da triste, da fatal metamorfose,  
Que os enfermos, e míseros Casquilhos  
Em Peraltas ridiculos transfórma.

## B R A Z.

Tem razão, tem razão, agora atino



Na causa, e na molestia, e já me lembro  
 De varios Maniquins empanturrados,  
 Que passeião as ruas de Lisboa  
 Pálidos, paralyticos, convulsos,  
 Quasi sempre c'os beiços ruminando,  
 Que trazem já çafados de lambellos.

JOFRE.

Tal não creia, Senhor, hê zombaria.

BRAZ.

Calte, tollo, asneirão. Senhor Muconio,  
 Quero são o rapaz, ahi lho entrego;  
 E se manda que faça quarentena,  
 No telhado o porei, não nos empeste  
 Com seus malignos, e mortaes vapores.

MUCONIO.

O mal ainda parece incipiente,  
 Remedio lhe daremos; mas primeiro  
 Intento dessecar este cabelo:  
 He valente tortulho, enorme trança!

URRACA.

Meu Jofre, tem constancia, tem paciência.

JOFRE.

Senhora, que he mentira.

MUCONIO.

Qual mentira.

BRAZ.

BRAZ.

Chiton, tollo, chiton.

JACOB.

E cai no logro!

PICOTE.

Forte pateta; come bem as petas!

BRAZ.

Florestão, Florestão.

FLORESTÃO.

Senhor.

BRAZ.

De pressa,  
Desmancha esse rabicho, essa serpente.

JOFRE.

Hei de ficar, Senhor, esgadelhado?

BRAZ.

Sim, Senhor, sim, Senhor. Senhor Muconio,  
Faça quanto quizer, talhe, retalhe,  
Purgue, fangre, tolquie, defenrole....

MUCONIO.

Olhem lá, meus Senhores, se me engano!  
Lignificada a putrida materia

Já vem apparecendo. Veirão, veirão  
Que taffalho de páo: he caso horrendo!

BRAZ.

Pois que vai, minha Urraca, que me dizes,  
Em que se torna o sangue de Azevias?

URRACA.

Que posso responder, estou pasmada!

JACOB.

He forte furra!

PICOTE.

Logração completa.

MUCONIO.

Que tal he o caroço do lobinho?  
Coutado do rapaz.

BRAZ.

Deite isso fóra.

MUCONIO.

Náda, náda, Senhor, deve guardar-se,  
Estes são os cabellos com que fara  
De tão damnado cáo a mordedura.  
Agora vamos receitar, escute:  
Este villoso, esqualido chumaço  
Scirrroso laparão, turgido, edema  
De tumentes cabellos empastados,

Cres-

Crestado, secco, estirico, myrrhado,  
 Pela má rotação do sangue podre,  
 E total discrazia dos humores  
 Acidos, corrosivos, virulentos  
 Adquire a secca, e tabida dureza,  
 Que do secco Cação a rija pelle,  
 Para estendello, para amaciallo  
 Deve ungir-se com balfamo Azinino,  
 E para o ver elastico, e flexivel  
 Duas vezes ao dia, nove dias,  
 Ha de batello, e muito bem sovallo  
 Com este mesmo arrocho, taco, ou tóco.  
 He remedio excellente, he approvedo,  
 Que descubri nos priscos cartapacios  
 De Filon, Serapião, dos Apollonios.

JACOB.

Não está máo o récipe, Muconio!

JOFRE.

Basta, basta de judear comigo.

BRAZ.

Cállas-te, ou queres, Jofre, que te cure?  
 Approvo esse remedio; mas, Muconio,  
 Onde acharei o balfamo Azinino?

MUCONIO.

A providente Madre Natureza  
 Não cria sem antidoto o veneno.  
 No mesmíssimo corpo dos enfermos

Bem

Bem atrás das orelhas deposita  
 Este forte elixir em tenues vasos,  
 Ou delgados folliculos, que cheios  
 Do suco burrical, sendo espremidos  
 Talha, embota as particulas do sangue,  
 E o deixa circular sem embaraço.

BRAZ.

Mas diga-me, Doutor, como se espreme?

MUCONIO.

Puchar-lhe muito bem pelas orelhas.

PICOTE.

He bom o tal remedio?

BRAZ.

Quer que o faça?

JACOB.

Peior, peior.

URRACA.

Coutado do meu Jofre.

MUCONIO.

Não, Senhor, inda não, e depois disto  
 He preciso cortar-lhe aquella trunfa,  
 Para a fauce messoria ficar livre,  
 E a coronaria região sem pezo,  
 Desembaraçada: os liquidos rotantes

Dei-



Deixará premiar pelos seus vasos:  
 Banhos, emborcações, e cataplasmas,  
 Além de outros remedios, facilmente  
 A força vencerão destas medonhas  
 Tão enroscadas Aspides da Lybia;  
 E se com todos se pratica o mesmo;  
 A florente Lisboa vereis limpa  
 De caraças, ou frentes de Medusa;  
 Praga, ou nuvem de estultos gafanhotos,  
 De Tarecos rabões, melhor diria:  
 De rabudos Bachas, de enormes caudas.

BRAZ.

Estou, Doutor, attonito; e já vejo  
 Quanto sabe, quem sabe a Medicina.

MUCONIO.

Agora ouçamos duas arias novas.

SCENA XVIII.

LOURENÇA, FLORESTÃO,  
 e os ditos.

LOURENÇA.

Senhor, Senhor.

FLORESTÃO.

Senhor.

BRAZ.

BRAZ.

Temos mais peste?

FLORESTÃO.

Peior, Senhor, peior!

BRAZ.

Dize, que he isso?

LOURENÇA.

Peior, Senhor, peior!

BRAZ.

He fogo em casa?

FLORESTÃO.

Peior, peior, Senhor!

LOURENÇA.

Minha Senhora.

DULCE.

Morreo o Papagaio? Dize, dize?

FLORESTÃO.

Peior, muito peior! Batem á porta.

BRAZ.

Vai ver quem he.

FLORESTÃO.

Peior!

BRAZ.

Vai ver, Lourença.

LOURENÇA.

Peior, muito peior!

FLORESTÃO.

Peior que tudo!

BRAZ.

Falla; dize, quem he?

FLORESTÃO.

Peior! Alcaldes,  
Escrivães, e Diabos Quadrilheiros.

URRACA.

Ai, mofina de mim!

BRANCA.

Tremo.

DULCE.

Desmaio.

BILHOSTRE.

Ronda talvez será.

BRAZ.

BRAZ.

A ronda, a ronda?

FLORESTÃO.

He o poder do Mundo com espadas,  
Com chuxos, alanternas, até cuidado  
Que trazem o Carrasco, e mais a força.

BILHOSTRE.

Que ferá?

PICOTE.

Que ha de ser?

BILHOSTRE.

Comigo nada.

PICOTE.

Menos comigo.

BRAZ.

Se ferá comigo?

Abre-lhe, Florestão, abre-lhe a porta.

## S C E N A XIX.

*MEIRINHO, ESCRIVÃO,  
e os ditos.*

*MEIRINHO.*

**E**U, Senhor Braz Carril, venho mandado.

*ESCRIVÃO.*

Somos mandados, manda-nos quem pôde.

*BRAZ.*

Pois são (e tanto Fariseo) mui mal mandados.

*MEIRINHO.*

A parte requereo: somos mandados.

*ESCRIVÃO.*

He parte rija.

*MEIRINHO.*

Não se dobra a nada.

*BRAZ.*

Mas, que querem de mim, Senhor Meirinho?

*MEIRINHO.*

Este Mandado.

*BRAZ.*



BRAZ.

Irra! Mais mandado,  
Vem mandado o Meirinho, e vem mandado  
O Escriptão, os Esbirros vem mandados,  
E sobre isto ainda vem mais hum mandado!

URRACA.

A casa d' hum Fidalgo Quadrilheiros?

MEIRINHO.

Somos mandados.

ESCRIVÃO.

Seja, ou não Fidalgo:  
Quem deve, paga; porém eu, Senhora,  
Ao Senhor Braz Carril, bem o conheço,  
E que fosse Fidalgo não sabia:  
Nomeallo por tal agora o ouço.

URRACA.

A gente baixa não conhece a nobre.

ESCRIVÃO.

E nobre! Póde ser.

URRACA.

Meia rigella.

ESCRIVÃO.

Isso he louça quebradiça.

UR-

URRACA.

He prata fina.

MEIRINHO.

Vamos, vamos, Senhor, este mandado,  
Senhor Carril.

BRAZ.

E que mandado he esse?

ESCRIVÃO.

Novecentos mil reis, que o Senhor deve  
A Martinho Raimon.

MEIRINHO.

He Estrangeiro.

BRAZ.

He hum ladrão ladino: bem conheço  
 O Capataz de quantos Berlinguetes  
 Nos vem aqui vender Gatos por Lebres,  
 Nabos em sacco; cascaveis, pandeiros,  
 Gaitinhas, berimbaos, quinquilharias;  
 Que promptos a fiar, tentão a gente,  
 E depois de empolgar rapaces unhas,  
 Fervem as citações, fervem penhoras.

MEIRINHO.

Isso não he do caso, esta sentença...

BRAZ.

BRAZ.

E como hei de pagar essa quantia?  
Venhão cá outro dia, hoje não posso.

ESCRIVÃO.

Então, Senhor Carril, dê-nos licença.

BRAZ.

Licença, para que?

ESCRIVÃO.

Para fazermos  
Penhora no que acharmos.

MEIRINHO.

Ou ir prezo.

URRACA.

Ir prezo meu Marido?

ESCRIVÃO.

Não se affuste:  
Talvez, Senhora, q' haja nesta casa  
O valor da sentença, e mais das custas;  
A nossa diligencia, isso cá fica.

MUCONIO.

O Cravo he meu, custou-me o meu dinheiro.

BILHOSTRE.

São meus os Castiçaes, Senhor Carrança.

PICOTE.

As Chicaras são minhas; e protesto,  
 Senhor André Garrote, que são minhas. *Para o*

MEIRINHO.

*Escrivão.*

Nós, Senhores, fazemos a penhora,  
 Depois requererão.

MUCONIO.

Essa está boa!

BILHOSTRE.

He forte chasco!

PICOTE.

A Dcos, Chicaras, Bulle

FUSTOTE.

Como te vai, Amigo, co' a partida?  
 He divertida, em fim, he uso, he moda.

BRAZ.

Té o lavar dos cestos he vendima.  
 Meu querido Jacob, Picote Amigo,  
 Doutor Muconio, amigo, caro amigo:  
 Generoso Fustote, alma d'hum Principe;

Acudi-me, livrai-me, bons amigos:  
 E que acção mais illustre, mais honrada,  
 Que acudir hum amigo a outro amigo?  
 A amizade fiel, e verdadeira  
 He dadiva do Ceo, e do Ceo digna,  
 E dos humanos o maior thesouro;  
 He fonte donde mana a honra, a fama,  
 Que os miseros mortaes transforma em Deuses:  
 Brilhando estão no Ceo Castor, e Pollux;  
 E no sagrado Templo da Memoria  
 Nizo, Eurialo, Pylades, Oreste.  
 Haverá coração, haverá peito  
 Tanto de aspero, e rígido diamante,  
 Que não estale, ao menos se enterneça,  
 Vendo do caro amigo miseravel  
 A Conforte fiel desamparada,  
 Os innocentes filhos sem abrigo,  
 E nas mesquinhas mãos da Fome horrenda,  
 Da triste Desnudez, e da Vergonha  
 Expostos a desprezos, e ludibrios?  
 Sois meus amigos? Que fazeis, amigos?

FLORESTÃO.

Es tu Tullio, meu Braz? Eu não sou nescio:  
 Não me quero perder, não tenho em casa  
 Partidas, Assembléas: bem me basta  
 O que perdi contigo, e tu gaste  
 Em golodices, secias, patararas:  
 Quem muito não tiver, que gaste pouco:  
 Deixe-se de Partidas, d' Assembléas,

Bri-



Brilhar não queira á custa dos amigos.

DULCE.

Que inhumano!

URRACA.

Que baixo, vil!

BRANCA.

Infame!

DULCE.

Jacob, caro Jacob! Da triste Dulce  
Os suspiros, e lagrimas ardentes,  
A fé immaculada, amor sincero,  
Se alguma cousa podem merecer-te,  
Não me deixes Jacob; e se por minhas,  
Estas sentidas vozes, não te movem,  
Mova-te o grande, e triste desamparo  
De huma casta Donzella, bem nascida,

JACOB.

Dulce, minha Senhora, minha gloria,  
Não te affustes, não chores, não te afflijas,  
Quanto sou, quanto valho, quanto posso  
Tudo ao teu descanso sacrificio.

BRANCA.

Acafo esperas, dize, que te peça?

PICOTE.

Não, Branca, não, Senhora; espero....

BRANCA.

Esperas?

PICOTE.

Que me deixem fallar. Senhor Carrança,  
Vou buscar o dinheiro.

MUCONIO.

Espera, espera:  
Amigo Braz Carril, não sou de pedra,  
Nem sou Tigre, homem sou, os homens amo,  
De ter humano coração me prézo.  
Descança, pagaremos o que deves:  
Darás Dulce, a Jacob, Branca, a Picote,  
Jofre case co' a minha Mafaldinha,  
E todos tres o escote pagaremos.

BRAZ.

Que dizes, Dona Urraca?

URRACA.

Paciencia;  
Perdoem meus Avôs; mas a desgraça....

BRAZ.

Casem, casem; Muconio, estais contente?

BL-

BILHOSTRE.

Minha Dulce, meu Bem!

DULCE.

Caro Bilhostre!

PICOTE.

Branca, minha esperança, que ventura!

BRANCA.

Que ventura, Gaspar, meu doce emprego!

LOURENÇA.

E nós, meu Florestão, não nos casamos?

FLORESTÃO.

E porque não, Lourença, sendo gratis?

MUCONIO.

Senhor André Garrote, em minha casa

O espero daqui a meia hora:

Para pagar mandado, e diligencia,

Tenho não só dinheiro, mas bigodes.

BRAZ.

Que generoso exemplo de amizade,

De nobres corações, de honrados peitos!

Mas neste raro exemplo se não fie

Quem se empega no mar de desperdícios.

Guar-

Guarde-se da subita procella  
 D' Alcaides, e Crédores, que Santelmos  
 Nem em todos os ropes apparecem;  
 E Bilhoftres, Muconios, e Picotes  
 São difficeis de achar. Batei as palmas.



DISSERTAÇÃO  
PRIMEIRA  
SOBRE O CARACTER  
DA  
TRAGEDIA,

PROPONDO  
SER INALTERAVEL REGRA DELLA,  
NÃO SE DEVER  
ENSANGUENTAR O THEATRO,  
E no desempenho de cujo Drama devem rei-  
nar o terror, e a compaixão: para que af-  
sim com esta representação se purguem  
os Expectadores destas, e outras  
semelhantes paixões.

RECITADA  
NA CONFERENCIA  
DA ARCADIA  
LUSITANA

*No dia 26. de Agosto de 1757.*



DISSERTAÇÃO

PRIMEIRA

SOBRE O CARACTÉR

DA

TRAGÉDIA

*Nec pueros coram populo Medea trucidet.*

Hor. Poet. v. 185.

ENSAYO SOBRE O CARACTÉR

DA TRAGÉDIA

DE J. J. ROUSSEAU

TRADUZIDO DO FRANCÊS

PAR J. J. ROUSSEAU

REVISÃO

NA CONFERÊNCIA

DA ACADEMIA

LUSITANA

No dia 26 de agosto de 1777.



NOBILÍSSIMOS,  
SAPIENTÍSSIMOS,  
E AMANTÍSSIMOS  
SENHORES.

**S**E assim como a vossa compaixão prosegue no desígnio de instruir-me, pôde desculpar os meus erros a vossa indulgencia; perderei o medo de falar diante de vós, sem me enfiar no estudo das mais solidas Doutrinas. Mas quem me ha de persuadir, que exercendo funções do meu destino, e levado da honra de obedecer-vos, não desperdice aquelle tempo, que podia aproveitar em ouvir as vossas lições? Que sistema, ou que questão posso eu discutir na vossa presença, sem que vos enfastie ouvir o que já sabeis; ou talvez o que refutais? De que Arte, ou de que sciencia poderei combinar huma regra de que vós, melhor do que eu, não conheçais profundamente toda a tua

extensão? Assim he, Senhores; porém vós quando me chamastes para membro desta Sociedade, concebestes outra idéa mais illustre. Quizestes ser uteis á Patria: e hum projecto tão generoso não se pôde praticar sem com effeito ensinardes os vossos Compatriotas. Affortunado fui eu, se fui hum dos que primeiro vos devoo esta piedade: e seria ingrato se olhando para vós, como para Mestres, tivessê pejo de mostrar a minha insufficiencia: e capacitado pois desta verdade, e não podendo resistir a tão formosa reflexão, discorrerei em hum Ponto, que entre todos os da Poetica foi sempre para mim o mais difficuloso.

Seguindo a Demetrio Phalereo, ou a Neoptolomeu de Paros, e certamente a Aristoteles, estabaleceo Horacio a inalteravel regra de que na Tragedia se não devia ensanguentar o Theatro; isto he, que as feridas, os tormentos, e as mortes, que são inteparaveis do caracter deste Poema, se não devião expôr á vista dos Expectadores; mas sim fiallas de huma facunda narração, ainda que o mesmo Horacio (1) parece que forneceo as Armas aos fautores da opinião contraria, lembrando-lhes que com menos efficacia persuade o que se conta, do que aquillo de que os olhos se informão por si mesmos.

Quem

(1) Orat. Poet. vers. 180.

Quem observar com circumspecção as Tragedias antigas, achará, que esta regra foi quasi sempre religiosamente guardada. Ainda entre os modernos ha poucos documentos que possão contestalla. Os Francezes a recebêrão, e a adoptarão, e a defendem com a prática, e com a doutrina. Nós temos a gloria de que a nossa (1) *Castro* seja hum exemplo de que não ignoramos, e de que a seguimos. Os Inglezes, Nação em que mais se descobre (2) os genios dos Republicanos antigos, e que no Orbe Literario fazem huma grande figura; os Inglezes, digo eu, são os que menos respeitãrão esta lei, infringindo-a reiteradas vezes, de que he triste testemunha o seu *Catão*, e de que talvez os fez gostar aquelle odio, com que sacrificão á sua pretendida liberdade huma Testa Coroada.

He verdade que á primeira vista parece estranho que hum Poema, que nasceo nos braços da Alegria, e da Festividade, exiga da sua natureza huma peripecia sanguinolenta; e ainda mais extraordinario, que sendo do seu caracter as mortes, as feridas, e os tormentos, hajão de frustrar aos olhos estas imagens funestas, e horrorosas; parecendo que huma vez que ellas não sejam o principal objecto da

(1) Doutor Antonio Ferreira.

(2) *Reges & exaltos Tyrannos densum humeris bibulae aure vulgus.*



da Scena Tragica, perderá grande parte da sua força, e da tua efficacia este Poema.

Antes de defatar esta d'úvida, he preciso descobrirmos a razão por que seião os catastrophes funestos essenciaes da Tragedia, lembrando-nos, de que este Drama, segundo a sua natureza, he, como disse hum grande homem, (1) o Throno das paixões, em que conforme Aristoteles, devem reinar o Terror, e a Compaixão, para que assim nos purgue destas, e outras semelhantes. Ora se os Expectadores sahirem alegres com huma peripécia affortunada, perderão sem d'úvida toda a ternura, e semente de constancia (digamo-lo assim) que o Poeta lhe tiver inspirado, pondo-lhe em movimento o terror, e a compaixão. Deste principio nasce a justiça com que são criticados aquelles máos Poetas; que ordinariamente acabão as suas Tragedias com huma catastrophe ditosa, atropelando não só a regra, mas a razão, em que ella se funda.

Ainda que seja esta a natureza da Tragedia, não he ella tão austeramente rigorosa, que haja de expôr aos olhos de todos o que a humanidade não poderia soffrer sem indignação, e que a policia pede que se occulte; ainda que se conte; com tanto que ella seja efficazmente o fim a que se dirige; isto he,

(1) Le Buffu Poem. Epiq. T. 2. pag. 174.



he, a mover o terror, e a compaixão. Para o Poeta chegar a este fim não he preciso que Medéa diante do Povo despedace os filhos; que Atreo preparasse a nefanda cea; que Prógne se converta em ave, ou Cadmo em serpente, tudo o que assim se dispõe no Theatro fica incrível, desgosta os ouvintes, e não persuade: basta que eloquente narração o exponha aos nossos ouvidos com eloquencia, que chegue ao coração: as figuras, as imagens, (n'uma palavra) a verdadeira Poesia, hum estilo pathetico, sem que os olhos se perturbem com os espectáculos horrorosos.

Perfuadidos assim de que para mover o terror, e a compaixão, não he preciso derramar o sangue no Theatro, fica menos difficultoso o conhecimento, e a contemplação desta doutrina, pois consegue assim a Tragedia o purgar-nos de semelhantes paixões pelo meio o mais suave, e o mais decoroso. Assim se mistura o util com o delectoso; assim foge o Poeta de fazer inverosimil a sua acção, ou de dever mais a habilidade dos Actores á disposição das scenas, e tramoiias, do que á boa economia da Fabula, e energica torça dos seus versos.

Falta-nos examinar se com tudo persuade mais o que se vê, do que aquillo, que se ouve, como lembra Horacio. E se a narração basta para mover as paixões, quanto exige a

na-

natureza da Tragedia. He esta huma dúvida, que certamente me abria o campo para huma larga Dissertação, se a angustia do tempo, e o respeito da Arcadia não acudissem á pobreza do meu discurso.

Não saberei negar de que mais individualmente ficarei capacitado, do que eu testemunhar com os meus olhos, do que aquil-lo, que simplesmente ouvir; mas esta vantagem, que seria precisa para eu dispôr de qualquer successo em hum Tribunal, não he necessario que assim seja no Theatro; ainda que bem conheço que a differença, que ha entre a Poesia Dramatica, e exaggerativa, consiste em que aquella obra, e esta conta. No Theatro não só escuro o que se diz; mas vejo o que se faz. Na Epopeia não vejo o que se faz, ouço o que se diz.

Devemos não perder de vista o fim da Tragedia, para mover a terror, e a compaixão. Se por exemplo me propõe o Poeta a desgraça de Oedipo, consiste a força desta persuasão em mostrar-me hum homem, que inviolavelmente commette hum parricidio, matando a seu Pai Laio; hum incestuoso adulterio, casando com sua Mãe Jocasta. Usurpa hum Reino, irrita a Divina justiça; e depois com teimosa curiosidade procura indagar a origem de tantos males, até que chegando a conhecer-se réo dos mais abominaveis delictos, homicida de seu Pai, incestuoso com sua

sua Mãe; Pai, e Irmão de seus filhos, desesperado, com as suas próprias mãos tira a si mesmo os olhos.

Abre-me a Scena, mostrando-me a mocidade de Thebas diante do altar profetico de Ismeno: o Summo Sacerdote sacrificando; na Cidade não se ouvem senão prantos, e suspiros: huma violenta peste devora aquelles miseraveis. Consulta-se o Oraculo, vem a resposta, descobrem-se alguns indicios, exige o Ceo, que o delicto original se expie com a morte do Delinquente. E em quanto se examina quem he o desgraçado, quantas vezes me affusto, receando não seja aquelle mesmo homem que eu vi, como Pai da Patria, chorar com os innocentes, jurar-lhe, que não deixará de solicitar o remedio daquella calamidade, ainda que seja á custa da sua vida; hum homem, que dissolveo o enigma da Esfinge: finalmente hum Rei clemente. Chega o reconhecimento, vejo que este mesmo Oedipo he o culpado: quanto me compadeço! Affirmo-vos, Senhores, que nunca li esta Tragedia de Sophocles, que não chorasse, quando vejo o miseravel Rei com os innocentes filhinhos, ora fazendo imprecações, ora chorando sobre elles lagrimas de sangue, e neste triste desamparo deixar a Mulher, a casa, e o Reino: ao mesmo tempo ouço a noticia de que Jocasta se matou. Ha mais terror! Ha mais compaixão! Eis-aqui como a

Tra-



Tragedia confegue o seu fim, sem me fazer inverosimil a sua fabula.

Peio contratio, se eu visse este mesmo Oedipo metter os dedos pelos olhos até a rancallos, ou duvidaria do mesmo que estava vendo, ou a dificuldade, com que o Acto executasse este passo, me provocaria a riso. Por isso Horacio manda, que se passe por detrás da Scena, o que não deve apparecer no Theatro. Aristoteles diz, (1) que isto he que se chama golpes de Mettre; porque he preciso que a fabula seja composta de modo, que quem não faz mais do que ouvir as cousas que succedem, ainda que as veja, tremza com tudo, quando lhas contarem, e sinta o mesmo terror, e a mesma compaixão, que se não pôde deixar de sentir, quando se ouve a Tragedia de Oedipo.

Ficando pelo que toca á razão relativa desta regra, em que provado assim o que me atrevi a propôr-vos, devo examinar se a authoridade de Aristoteles, em que se fundou Horacio, padece no texto alguma dúvida, ou se tem sido contestada. He certo que muitos, e grandes homens tem interpretado mal as palavras do Filosofo, tirando dellas a errada consequencia de que o Theatro se deve ensanguentar, para bem se mover a terror, e a compaixão. O maior Tragico de França

Mon-

---

(1) Arist. Poet. cap. 14.

Monfieur Corneille no exame do feus Horacio diz : Se he huma regra não enfanguenttar o Theatro , não he certamente do tempo de Aristoteles , que nos ensina que para mover efficazmente são precisos grandes desgostos , feridas , e mortes em espectaculo. Varios traductores desta inextimavel Obra , quero dizer , da Poetica de Aristoteles , traduzem o texto no mesmo sentido (1) *mortes in aperto factam* ; porém outros , a quem abona o sabio Dacier , *mortes evidentes , e certas* ; pertendendo que debaixo desta expressão geral comprehenda Aristoteles as duas especies de mortes que succedem na Tragedia , as quaes se não vem , e as que se vem ; porque huma Personagem pôde vir acabar de morrer no Theatro , com tanto que nelle não tenha sido ferido.

Vejamos , Senhores , se repetindo-vos o texto , conforme a traducção de Dacier , se comprehende melhor esta verdade , ou se a traducção Franceza quadra melhor com o seu contexto. (2) Além destas duas partes da Fábula , que pertencem á materia , ha-tambem huma terceira , que eu chamo Paixão : já se tem explicado o reconhecimento , e a peripecia. Chama paixão huma acção , que destroe alguma Personagem , ou que causa violentas dores , como são as mortes evidentes.

Tom I.

V

den-

(1) Alexandre Puccio Florentin.

(2) Dacier Traducção de Arist. cap. 11. not. 14.



dentes, e certas; os tormentos, as feridas, e todas as outras cousas semelhantes. (1)

A palavra *Paixão*, de que se serve aqui Aristoteles, não significa huma paixão, que se move na alma por este, ou aquelle respeito; mas sim no sentido, em que ella significa padecimento, como quando dizemos (se he que se pôde explicar huma cousa profana com os Mysterios da nossa Religião) a *Paixão de Christo*. Nesta significação se entende este termo: e para que esta paixão se ache em huma Tragedia, não he preciso que as feridas, as mortes, e os tormentos se exponhão no Theatro; basta que o auditorio fique certo que esta, ou aquella Personagem vai padecer infallivelmente aquella morte, aquelle tormento, e que depois com energia, e com facundia outra Personagem lhe conte este lastimoso caso, ajudando-o a compadecer-se com as reflexões, lamentações, e, se preciso he, com as lagrimas, como diz Horacio: *Que se o Poeta quizer que chore o Espectador, ha de elle chorar primeiro*. Aqui me lembra advertir, que esta paixão he tanto do caracter da Tragedia, que pôde haver Fabula simples, isto sem peripecia, ou reconhecimento, como he o *Ajax* de Sophocles, e a *Hecuba* de Euripides: mas não pôde haver nenhuma sem paixão, pois sem ella, como já vimos, he impos-

---

(1) Arist. Poet. cap. 11.

possível mover a terror, e a compaixão, que he o fim da Tragedia.

Daqui se infere incontestavelmente, que o Filosofo estabelece esta regra. Não he verosimil que hum homem, que apoiou toda a sua doutrina (1) na prática dos antigos, concebesse a idéa de fundar hum systema que lhe he contrario. O mesmo *Ajax* de Sophocles, com que os fautores da opinião contraria se tem allucinado, não se mata no Theatro, como elles pertendem; mas bem se percebe que esta fatalidade se passa em hum bosque vizinho: assim se executão os clamores (2) de Agamenão; assim se ouve gritar (3) Clytemnestra, quando he ferida por Orestes; e os mais exemplos, que vós sabeis, e que eu julgo superfluo repetirlos.

Finalmente, Senhores, não deixaria de ser culpavel a minha affoiteza, se eu me atrevesse a discutir mais huma materia, em que devia só consultar-vos. Basta que eu mostre o desejo que tenho de instruir-me, e que vos protesto sinceramente que não me dedico aos trabalhos Academicos, com outra esperanza mais, do que com a idéa que tenho concebido, de que correndo por vossa conta

V ii

a

(1) Hedelin in Praxi Theatrica.

(2) Agamen. de Eschil.

(3) Sophoc.

a direcção dos meus estudos, algum dia farei imitar-vos; e que então poderei sem pejo fallar na vossa presença, e concorrer para a utilidade pública, para o credito do Reino, e para gloria da Arcadia.



DISSERTAÇÃO  
SEGUNDA  
SOBRE  
O MESMO CHARACTER  
DA  
TRAGEDIA,  
E UTILIDADES RESULTANTES  
da sua perfeita composição,  
RECITADA  
NA CONFERENCIA  
DA ARCADIA  
LUSITANA  
*No dia 30. de Setembro de 1757.*

DISSERTAÇÃO

SEGUNDA

SOBRE

O MESMO CARACTER

*Et quocumque volentes, animam auditores agunt.*

Horat. Art. Poet. v. 100.

LUSTANA

De dia 30. de Setembro de 1777.





NOBILISSIMOS,  
SAPIENTISSIMOS,  
E AMANTISSIMOS  
SENHORES.

**C**omo estou seriamente persuadido de que vós não só soffreis, mas em certo modo approvais o meu trabalho com o projecto, certamente, de promovello, e de adiantar-me assim em materias de Literatura; tórno a fallar na vossa presença; tórno a mostrar quanto necessito das vossas lições; (1) tórno a implorar a vossa indulgencia. E já que no congresso passado tratei a regra, que serve de limite á força com que a Tragedia move nos nossos animos o terror, e compaixão, sem largar de mão

o

---

(1) *Ille per extentum funem mihi posse videtur  
Ire poeta, meum qui pectus inaniter angit  
Irritat, maleet falsis terroribus implet,  
Diagnus ut & modo me Tæbis, modo penit Athenis.*

o prumo, procurarei sondar este maravilhoso pélagos, mostrando quanto he necessario que a Tragedia mova as paixões para conseguir o fim a que se dirige: qual he este fim, e se elle de sua natureza he capaz de concorrer para a boa policia de huma República.

Horacio conhecendo profundamente a razão, a força, e os admiraveis effeitos deste activo filtro da Poesia, propõe na sua Poetica a regra não só para a Tragedia, mas para todos os Poemas; advertindo-nos que não basta que elles sejam adornados de bellezas, mas que he preciso tambem que o Poeta mova nos corações dos ouvintes as paixões que lhe parecer, ou que exigir a natureza da sua composição. Este mesmo grande Critico escrevendo a Augusto, lhe dizia: „Que para elle só era bom Poeta o que possuindo bem a difficil Arte de mover as paixões, lhe commovia o coração com poeticos fingimentos; ora irritando-o, ora aplacando-o, e finalmente enchendo-lhe o peito de terror, e de espanto: bem como hum Magico, que o transportasse huma vez a Thebas, outra a Athenas. „

Para conhecermos nós quanto esta regra não só he relativa á Tragedia, mas que incontestavelmente quadra com a sua natureza, e he como alma de todas as suas forças, será preciso trazermos á memoria a definição

ção deste Poema (1) „ A Tragedia he pois  
 „ a imitação de huma acção grave, inteira,  
 „ e que tem huma justa grandeza, cujo ef-  
 „ tilo he agradavelmente temperado; mas dif-  
 „ ferentemente em todas as suas partes, e que  
 „ sem o soccorro da narração pelo meio do  
 „ terror, e da compaixão acaba de purgar  
 „ em nós este genero de paixões, e todas as  
 „ outras semelhantes. „ (2)

He preciso que a Tragedia mova as pai-  
 xões, e nisto se conforma com os mais Poe-  
 mas. Deve especialmente mover (3) o ter-  
 ror, e a compaixão a que se affasta delles,  
 e deve purgar-nos destas, e de outras pai-  
 xões semelhantes: assim os excede; assim fi-  
 ca util; assim he maravilhosa.

Quanto he preciso para mover as paixões,  
 he escusado que o examine, pois julgo que  
 qualquer de vós trará continuamente nas  
 mãos as melhores Poeticas, as Rhetoricas de  
 Aristoteles, de Longino, de Demetrio Fale-  
 reo, de Cicero, e de Quintiliano, além dos  
 modernos, que excellentemente tem trata-  
 do esta materia. Agora bastará que vejamos  
 qual he o melhor caminho de mover a ter-  
 ror, e a compaixão.

He certo que estas duas paixões nascem (4)  
 da

(1) Arist. Poet. cap. 6. pag. mini 72.

(2) Boileau. Poet. Cant. 3.

(3) Le Bossu Tract. du Poem. Epiq. chap. 9.

(4) Arist. Poet. 9.



da surpresa. E isto he a admiração que nos causa hum successo inesperado, que quando menos o cuidamos, então nos assusta, e nos arrebata. Esta he a qualidade de tudo quanto he sublime, e admiravel; pois no que assim vemos succeder, achamos sempre hum caracter maior (1) do que nas revoluções que vem, quando nós as esperamos. Se hum homem nunca tivesse visto a luz do dia, que espanto lhe não causaria ver sahir do horizonte hum globo luminoso, que estendendo os seus raios pela superficie da terra, cubria tudo de côres, e de claridade? Mas para que a surpresa cause este bom effeito na Tragedia, he preciso (2) que as cousas nasçam humas das outras contra a nossa esperanza: não basta que os incidentes sejam (3) puramente furtivos; mas he preciso que o Poeta com boa economia disponha de tal fórma a sua Fabula, que os Episodios, ou os incidentes, nascendo huns dos outros, conduzão a pessoa fatal do Drama ao reconhecimento; que deste reconhecimento nasça a peripecia; que a peripecia mostre a protognee em huma catastrophe desditosa, contra o que prometião as circumstancias, e ideava a esperanza dos espectadores: então he infal-

---

(1) Arist. Poet. 9.

(2) Ibi.

(3) Dacier. Not. 26.

fallivel a compaixão, e tambem he natural o terror ; então me compadeço ; então me affusto ; então me transporto fóra de mim mesmo.

Aqui vemos que o maior segredo deste methodo de mover as paixões , consiste na surpresa, que nos causa hum successo tirado de incidentes nascidos huns dos outros , e que nos permittião o contrario. E porque esta circumstancia falta nos casos puramente furtuitos, por isso a surpresa, que procede delles, não chega a mover em nós estas paixões com a actividade que pede a natureza da Tragedia, falta-lhe a qualidade de maravilhoso. Com effeito nada tem disso hum naufragio, a cahida de huma casa, e outros defastres semelhantes: he verdade que então nos compadecemos, (1) mas nesta compaixão não tomamos maior parte do que aquella, a que simplesmente nos obriga a humanidade. Mas nos incidentes que nascem huns dos outros, a idéa do espectador movida, e cheia do objecto, vê juntamente a causa, e fim daquelle horroroso successo ; e desta duplicada, outra segue infallivelmente a surpresa, e as paixões : e por isso ha tanto de maravilhoso na Sagrada Escritura, onde são tão frequentes os successos extraordinarios produzidos sempre de incidentes, que nascem huns

(1) Dacier. Not. 27. à Poet. de Arift. cap. 9.



huns dos outros contra a expectação dos Leitores.

Para o Poeta conseguir o effeito que se propoz pelo meio do movimento das paixões, deve ter diante dos olhos (1) duas cousas: huma he o meio de as fazer receber dos seus ouvintes, ou Leitores; e outra he fazer-lhas effectivamente sentir. Em quanto á primeira, he preciso que disponha os animos para lhes embutir as paixões; em quanto á segunda, deve não misturar paixões incompativeis (2): com effeito para transportarmos huma cousa, he preciso primeiro tiralla de donde estava para a levarmos para onde a queremos pôr: assim devemos com tal progresso conduzir os incidentes da Tragedia, que pouco a pouco vão crescendo os embarços; e quando o expectador está já como abalado, esperando algum grande successo, então he que o Poeta se deve de aproveitar desse instante para soltar os diques do terror, e da compaixão.

Por estar fóra desta regra, critica (3) o Padre Le Bossu o Ajax dos metamorphoseos, pois Ovidio fazendo comparecer este Capirão na presença de huns Juizes, que estavam em perfeita tranquillidade, principia o re-

---

(1) Le Bossu Traët. du Poem. Epiq. cap. 9. pag. 261.

(2) Idem ibi.

(3) Le Bossu já citado.

requerimento pelas figuras as mais violentas, e as mais patheticas. O que em lugar de inclinar os animos ao partido que pertendia Ajax, o dá a conhecer por hum homem colerico, defarradoado, e que está fóra de si mesmo; caracter certamente mais proprio para ser aborrecido, do que para persuadir.

Ainda que esta doutrina seja mais propria para a Epopeia, e outros Poemas, no que toca á primeira parte; com tudo eu me lembro della, para que advertissemos, que ainda que a surpresa he a origem do maravilhoso, e que he da natureza da Tragedia; não devemos com tudo dispôr huma contextura de incidentes falsissimos, e de repente, sem que, nem para que, amontoarmos incidentes lastimosos, e funestos; (1) mas que devemos tirallos huns dos outros, com tal graduacão que insensivelmente se vão dispondo os animos dos ouvintes para receber aquillo mesmo que não accetarão, se dependesse de seu arbitrio a sorte do Protagonista.

Em quanto á segunda parte, todos sabem que o amor, e o odio não podem estar juntos, e que assim mesmo seria impossivel que a reinarem em huma Dama diversas, e incompativeis paixões, além de cahirmos na Polymithia, ou perdermos a unidade da acção, seria difficuloso que huma paixão re-  
pu-

---

(1) Boileau. Poet. Cant. 3.

pugnasse ao effeito da outra, e que por este modo se nos não fizesse impraticavel o mover os animos.

Alguns espiritos fracos não sendo senhores de huma fértil imaginação, tem cahido em outro defeito mais ridiculo, e mais estranho; quero dizer, procurão mover o terror, e a compaixão pelo meio das tramoias, e decorações, ou de incidentes monstrosos; por isso diz Aristoteles, que nascer o terror, e a compaixão da contextura dos incidentes he o melhor, e que a isto he que se chama *Golpe de Mestre*. (1) Eschylo cahio naquelle defeito nas suas Eumenides, não excitando o terror, e a compaixão mais do que com o espectáculo. Todos sabem a Historia do seu terrivel Coro das Furias, e os nocivos effeitos que produzio no seu auditorio. He notavel o paralelo que faz Dacier deste Drama com o Oedipo de Sophocles. Quando nós (diz elle) lemos hoje as Eumenidas de Eschylo, não nos sentimos muito penetrados; porque o que havia de terrivel neste Drama, nascia da decoração; mas quando lemos o Oedipo, não podemos deixar de tremer, e de sentir os mesmos movimentos de terror, e de compaixão, que sentião aquelles, que havião representar no Theatro.

Desprezando estas reflexões, e estas solidas

---

(1) Arist. Poet. cap. 14. pag. mihi 211.

das doutrinas, tinha o máo gosto adoptado o peor systema: Dragões, Magicos, navios, incendios, batalhas, naufragios, carceres, Patibulos, Demonios, e Espectros, erão os milagres do Theatro. Ha bem pouco que huma Corte polida fazia as suas delicias de semelhantes espectaculos. E Metastasio, não obstante alguns destes defeitos, teria, se quizesse, huma Estatua no Capitolio. He para sentir, que hum homem como este, excellente Poeta, tenha innumeraveis vezes infringido as mais irrefragaveis leis da Tragedia. Outro defeito ha, que não he menos impio: com effeito, não só não move, mas he ridiculo. Deste genero são as transformações, as serpentes, e outras puerilidades semelhantes, de que deve abster-se hum bom Poeta, e de que não póde gostar hum discreto expectador.

Tambem devemos notar, que para mover a terror, e a compaixão não he conveniente, como entenderão muitos, escolher para allumpto das Tragedias os martyrios, quero dizer, os Martyres, não devem ser Heróes de semelhantes Poemas. (1) Aristoteles diz, que a pessoa fatal da Tragedia não deve ser nem hum homem muito máo, nem muito bom; porque se virmos padecer hum grande infortunio a hum homem muito bom,

ef-

---

(1) Arist. Poet. cap. 13.



este espectáculo mais nos moverá á indignação do que a terror, e a piedade; e se for hum homem muito máo, isto he, hum impio, hum facinoroso, tambem a sua desgraça não fará em nós este effeito, pois he certo que o terror, e compaixão são paixões que nascem promptamente das desgraças dos nossos semelhantes: logo quem se ha de compadecer, ou aremorizar de ver em hum Patibulo hum famoso malfeitor? Huma péste da República? O amor proprio he base de todas as paixões, e por isso o martyrio do homem santo, e que nos he superior em virtudes, causa-nos horror, mas nunca compaixão, ou piedade; pois o horror as affugenta nestes casos tão fortemente, que ou ficão supitas, ou desapparecem. Corneille he de opinião contraria, talvez por ter dado ao público os seus Polyeutes antes de ter lido Aristoteles. apoiado em Menturno, que na sua Poetica decide que a Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo póde ser materia de Tragedia.

Tudo isto he necessario para que a Tragedia chegue ao desejado fim a que se dirige, isto para que consiga o purgar em nós o terror, e a compaixão, e todas as outras semelhantes paixões. Platão, que lhe não attribuiu tão util efficacia, a banio da sua República; e muitos pertendem que este effeito não seja mais do que huma chimera, tra-  
ba-



balhando por mostrar, que a Tragedia em vez de purgar-nos das paixões, as suscita, e as promove. Porém estas accusações, como são fundadas em fofisma, não podem vencer a força da razão, e da verdade.

He certo que á primeira vista parece impossivel que a Tragedia haja de purgar-nos das paixões, que ella mesma influe nos nossos corações; mas em reparando em Dacier, como se deve entender este termo de *purgar as paixões*, conheceremos a razão. Os Academicos, e os Estoicos dizem: *Lançar fóra as paixões; desfarveigallas da alma; isto he superior ás forças da Tragedia; isto não faz ella.* Mas os Peripateticos persuadidos que o excessão das paixões he que as faz viciosas, e que sendo reguladas, são uteis, e ainda necessarias, entendem por *purgar as paixões*, reduzillas a huma justa moderação. Eis-aqui o fim da Tragedia; eis-aqui o que ella he capaz de fazer; e não he pouco.

A Tragedia move em nós o terror, e a compaixão, expondo-nos no theatro as desgraças dos nossos semelhantes; desgraças, que merecêrão por culpas involuntarias. Assim nos familiariza com estes infortunios; assim nos ensina não temellos, ou tolerallos com paciencia, e com constancia. O Emperador Marco Aurelio he da opinião de Aristote-

les: diz (1) „ Que as Tragedias forão pri-  
 „ meiro introduzidas para fazer lembrar aos  
 „ homens dos accidentes que succedem na vi-  
 „ da; para lhes advertir, que devem neces-  
 „ sariamente succeder; e para lhes ensinar  
 „ que as mesmas cousas, que os divertem na  
 „ Scena, lhe não devem parecer insupporta-  
 „ veis no Theatro do Mundo.

Não só a Tragedia purga, como temos visto, o terror, e a compaixão, tambem modera todas as outras paixões: obriga-nos a que examinemos a causa das desgraças que nos representa: e conhecendo nós qual foi a paixão, que por exemplo precipitou Oedipo em semelhantes desesperações, he impossivel que não cuidemos muito em nos abstermos de huma temeraria, e cega curiosidade, pois huma vez que se leia aquelle excellente Drama, facilmente se conhece, que estas duas paixões, mais do que o incesto, e do que o parricidio, forão a causa da desgraça de Oedipo. Desta sorte he que huma Fabula Tragica, com o disfarce das Alegorias, nos imprime na alma as proveitosas maximas da Ethica; assim nos fórma para a sociedade; assim nos dispõem para a virtude; assim nos ensina a obrarmos grandes acções; a ser util á Patria, e á República. Os Heroes de Athenas, de Thebas, e

---

(1) Marc. Aur. art. 6. no liv. das Reflex.

e de Roma talvez que sejam Discipulos da Tragedia.

É com effeito , que frutos não colheria huma República , se nos Theatros se ensinasse as virtudes , e as grandes acções ? Bem sei que na nossa Religião ha melhores Cadeiras , e Escolas da Ethica. Os Prégadores Evangelicos incontestavelmente farão sempre melhor progresso ; mas a depravação dos costumes , e dos caprichos dos homens , obsta não poucas vezes a este santo projecto. Hum homem da Corte raras vezes vai ouvir os Prégadores , sem a prevenção de que elles hão de censurar-lhe o seu procedimento ; e este pejo com que olhão para elles , como para seus inimigos , ou ao menos como para Juizes severos , embaraça notavelmente a persuasão. Aos Theatros concorre todo o Mundo com a idéa de que só vai divertir-se , e recrear-se. E se o Poeta tem a feliz Arte de obrigar a que os expectadores se transportem com o movimento das paixões , e neste transporte lhe inspira huma maxima de obra Ethica , o triumpho he infallivel. Assim para hum Menino enfermo beber o remedio se lhe costuma banhar com o mel a circumferencia do côpo. Os bons Generaes usão muitas vezes de estratagemas. Não quero dizer nisto , que se levantem Theatros , e que se desamparem os Pulpitos : hajão humas , e outras Aulas. Deva-se a todas a boa educação da mocidade ;



de; a refôrma dos costumes; as maximas da virtude; o aborrecimento dos vícios; o amor da Patria; e gloria da Nação.

Não he meu intento defender as Tragedias irregulares, e monstruosas, aquellas, em que só reina huma paixão criminosa; aquellas, que ensinão o adulterio, a aleivosia, e que atacão vigorosamente a castidade; que pintão os Cesares, os Brutos, os Eneas, não como homens, mas como Mancebos afeminados, e impertinentes amadores. Esta formidavel péste, que depressa se derrama não só pela Corte, mas pela Cidade; esta Tragedia ainda que tem mais fautores, he certamente a que deve subir á sentença de Platão, á censura dos Santos Padres, e á condemnação dos Concilios.

Não me atrevo a cansar mais a vossa paciencia: com argumentos tão treviaes acabareis de conhecer a debilidade do meu discurso; e permita o nosso Numen Tutelar, que não desespereis do meu adiantamento, que eu da minha parte, para vos descobrir a sinceridade, com que me sacrifico aos trabalhos Academicos, vos confesso, que para obedecer-vos me tenho feito Plagiario, não fazendo nos meus discursos mais do que transcrever aquelles poucos Authores, que a má fortuna, que me persegue, me não pôde arrançar das mãos.

DISSERTAÇÃO  
TERCEIRA  
SOBRE  
SER O PRINCIPAL PROVEITO  
PARA FORMAR  
HUM BOM POETA,  
PROCURAR, E SEGUIR SÓMENTE  
A IMITAÇÃO  
DOS MELHORES  
AUTHORES DA ANTIGUIDADE,  
RECITADA  
NA CONFERENCIA  
DA ARCADIA  
LUSITANA

*No dia 7. de Novembro de 1757.*



*Nec verbum verbo curabis reddere fidus  
Interpres . . .*

Hor. Poet. v. 135.



PRECLARISSIMOS,  
AMANTISSIMOS,  
E SAPIENTISSIMOS  
SENHORES.

**S**E assim como vós, ó Arcades, desejais formar em mim hum membro digno de tão illustre Sociedade, quizesse a Fortuna dar a mão a meus desejos, ajudando-me, ao menos, com a tranquillidade, de que necessita quem escreve, poderia eu de algum modo desempenhar vossa generosa eleição, e assentar-me menos envergonhado em hum lugar, que por sorte do Escrutino tocava a hum de nossos melhores, e mais distinctos Socios. Substituir as vezes de hum homem sabio, eloquente, e erudito; as vezes de hum Elpino Nonacriense (\*), não he pezo com que possão meus hom-bros. Para commetter tão ardua empreza, neces-

---

(\*) O Senhor Antonio Diniz da Cruz e Silva.

cessitava de mais brilhantes armas. Longo estudo ; profunda erudição ; hum vasto conhecimento dos Authores mais versados , e de melhores tempos ; huma natural elegancia , e delicada pureza de linguagem , são predicados , e talentos que não descubro em mim , e os que só me podião desculpar a confiança , com que me sacrifiquei a tão difficil empenho. A gloria de obedecer-vos he a unica , e feliz circumstancia que me anima , e me promette a indulgencia , de que me fazia talvez indigno meu atrevimento. Senão satisfazo , ao menos obedeço.

Entre as solidas maximas , com que Horacio pertende formar hum bom Poeta , não he , como vós sabeis , menos importante a imitação : não fallo da imitação da Natureza ; mas da imitação dos bons Authores : daquella imitação , a qual deve a Arcadia sua grande reputação , e não pequena parte dos honrados Elogios , com que foi recebida de nossos mais prudentes , e doutos Patriços , e que ha de espalhar seu nome pelas Nações estrangeiras. Este foi em todos os seculos , e será em todas as idades , o maior segredo de tão divina Arte. Os Gregos , e os Latinos , que dia , e noite não devemos largar das mãos estes soberbos Originacs , são a unica fonte de que manáo boas Odes , boas Tragedias , e excellentes Epopeas. Este he o verdadeiro genio , a que o vulgo chama *Veia*

*Poética*, e os doutos *Entusiasmo*. Muito pôde o espirito humano ! Mas nunca terá força para subir tão alto, senão for pela estrada que trilharão os Antigos Poetas, e Oradores. Entre nós, depois que acabárão os bons dias da Poesia Portugueza, poucos forão os que penetrárão semelhante mysterio, de que são miseraveis testemunhas as Obras dos Seiscentistas. Guardava o Ceo para a Arcadia a honra, e a vaidade de erguer esta bandeira, e levar consigo seus Compatriotas. Hoje todos desejão imitar os Antigos, todos estudão pelos Gregos, pelos Latinos, e pelos nossos bons Authores; mas fugindo de Scylla, quantos várão em Carybdes? Querem ser imitadores, e não passão de huns humildes Plagiarios.

Para evitar tão depravado extremo, nos recommenda Horacio o modo, com que devem ser imitados os Antigos; e ainda que neste lugar estabeleça outras regras para conseguirmos tão desejado fim; a mim me pareceo, olhando para o vicio mais commum, que devia escolher para assumpto as poucas, mas importantes palavras, com que tão grande Critico nos ensina a imitar, e nos mostra o perigo, de que devemos fugir.

Muitos, querendo imitar Virgilio, fazem huma má traducção desta, ou aquella imagem de tão grande Poeta; e escravos de suas palavras, não passão de traductores. Não imi-



imitação, roubão, e despedação as Obras alheias: desfigurão o que lhes agradou, como se tomassem por empreza fazer-nos aborrecer o que admiramos. Disto acha-se que enfermão tantos, quantas são as Obras, que todos os dias apparecem cheias de lugares dos Poetas, não imitados, mas servilmente traduzidos. He tão forte a preocupação, de que nascem tão lastimosas desordens, que muitos com vaidade, e com soberba apontão, e mostrão os pensamentos, ou idéas, que roubárão, ou traduzirão.

Esta epidemia, que talvez reinava no tempo de Horacio, lhe deo razão para advertir aos Poetas dos vicios de que devião fugir, quando quizessem imitar, recommendando-lhes, que não traduzissem palavra por palavra, como hum fiel Interprete: assim explicão este lugar os melhores Commentadores da sua Poetica. E não sei com que razão o Traductor Portuguez trabalha por mostrar, que Horacio nestas palavras dá regras para as traducções, julgo que a ninguem deixará de parecer obvio, e natural o sentido do texto, tão livre de anfibologia. Todos sabem que Horacio, ainda quando parece passar de humas para outras couzas, guarda o melhor methodo, e conserva o fio da sua doutrina. Dom, que não podia faltar em hum tão grande Lirico acostumado ás digressões, que parecendo-lhe alheias do



assumpto, nascem delle, e o deixão mais brilhante, magestoso, e sublime.

Não falta quem compare os Poetas com os Navegantes. A agulha, que lhes mostra os rumos, he a estrella que os guia, e leva a salvamento: sem ella serião mais frequentes os naufragios, e não poucas vezes os que demandassem remotas praias, não voltarião com a feliz noticia de novos Continentes. O Poeta, que não seguir aos Antigos, perderá de todo o norte, e não poderá já mais alcançar aquella força, energia, e magestade, com que nos retratão o formoso, e angelico semblante da Natureza.

Devemos imitar, e seguir os Antigos: assim no-lo ensina Horacio, no-lo dicta a razão, e o confessa todo o Mundo Literario. Mas esta doutrina, este bom conselho, devemos abraçallo, e seguillo de modo, que mais pareça que o rejeitamos, isto he, imitando, e não traduzindo. Os Poetas devem ser imitados nas fabulas, nas imagens, nos pensamentos, no estilo; mas quem imita, deve fazer seu o que imita: se imito a fabula, devo conservar a acção, ou alma da fabula; mas devo variar de fórma os Episodios, que pareça outra nova, e minha: se imito as pinturas, não devo no meu Poema introduzir hum Polyfemo; mas do painel deste Gigante posso tirar as cores para hum Adamastor: se imito o estilo, não devo servir-me  
das

das palavras dos Antigos, mas achar na linguagem Portugueza termos equivalentes, energicos, e magestosos, sem torcer as frases, nem adoptar barbarismos.

Olhando para a prática dos Latinos, e bons modernos, achamos religiosamente guardados estes preceitos. Assim imita Virgilio a Homero na sua Eneida: assim imita a Teocrito na sua Bocolica. Assim imitou Camões a Virgilio: Antonio Ferreira a Horacio: Sophocles a Theocrito: Bion a Mosco. Todos conhecem o Original que achou Ovidio em Euripedes para formar a soberba pintura do Carro de Faetonte; nos conselhos com que o Pai encaminhou a resolução do filho; do cuidado com que se affusta; e da paternal misericordia, com que prantea a desgraça do atrevido Mancebo. Quando em idade mais adulta observamos mais attentamente estes formosos Astros da Poesia, senão fosse irrefragavel a Chronologia, senão constasse da Historia, poderíamos duvidar de quem era o Original; assim como tem havido quem ponha em problema, qual das duas Nações merece a primazia?

Se fallasse com homens menos instruidos, cansar-me-hia em confrontar as Cópias com os Originaes; os Latinos com os Gregos; os Portuguezes com huns, e outros. Mas na presença de Arcades não me atrevo a mostrar com o cabedal meu o que tem feito

tre-

treveal a inundação de Poeticas, e Rhetoricas, que já cansão o espirito mais ávido de erudição, e mais cubiçoso de sciencia.

Não pareça que levado desta doutrina, quero dizer, do muito que Horacio, e todos os bons Criticos recommendão a imitação dos Antigos, tiro por consequencia, que o Poeta não deve dar hum passo livre, e que não pôde adornar seus Poemas com pinturas, de que não conheça Originaes. Bem ferá que não chegue a perdellos de vista; mas seguindo este rumo, pôde largar as véllas á sua fantasia, e voar até descubrir novos Mundos. Feliz aquelle, que não só imita, mas excede ao seu Original. Virgilio não poucas vezes cortou esta palma, excedendo na conceção, e energia a abundancia do Poeta que imitava. Nas poucas palavras deste emestichio *Jovis omnia plena*, abrangeo as circumstancias, com que Aracto descreve a Omnipotencia: outras vezes applicando, e vestindo de mais formosas cores a imagem que imitava, como nestes versos:

*Olli dura quies oculos, & ferrus urget*

*Somnus in eternam claudientur lumina noctem.*

nos quaes accrescentou magestade á magestade de Homero. Algumas vezes servindo-se dos Oradores Gregos, dava a seus pensamentos a luz, e pompa da Poesia, como neste versos:

*Aus*



*Aut furiis Caci mens effera, nequid inausum  
Aut intentatum scelerisve dolive fuisset:*

que os Criticos conhecem ser imitação de outra semelhante sentença de Demosthenes, ou de Eschiries. Esta generosa liberdade concede Horacio aos Poetas; e tanto se não envergonha, que se jacta de havella tomado, quando fallando dos Imitadores servís, disse de si mesmo:

*Ob imitatores tetrum pecus, ut mihi saepe  
Bilem, saepe jocum vestri movere tumultus  
Libera per vacuum posui vestigia princeps,  
Non aliena meo pressi pede; qui sibi fidit  
Dum regit examen.*

Solto de tão pezada escravidão, imita o mesmo Horacio o Lirico Grego, sendo em muitos lugares conhecidamente superior a Pindaro. Quantas vezes a simples mudança de huma palavra afformosea hum verso, de forma, que parece não só outro, mas fica na verdade melhor. He bem conhecido o verso de Euripedes, que se lê em Sophocles, sem mais differença que a de hum vocabulo; mas tão differente, que nada tem Sophocles que restituir a Euripedes, nem Euripedes que pedir a Sophocles.

Eis-aqui o que não penetrão a maior parte dos nossos Poetas, pois adorão com tal superstição seus antigos Originaes, que que-  
ren-

rendo imitallos, não tem valor para mudar huma syllaba, quanto mais huma palavra. Sobem pela estrada, que pizarão noslos bons Poetas; seguem as pizadas dos Latinos, e dos Gregos; mas tão cobardes, e medrosos, que tarde, ou nunca chegarão aonde elles tubirão. Semelhantes ao desgraçado caminhante, que em huma tenebrosa noite piza o caminho tão carregado de susto, que finalmente tropeça, cahe, e se precipita.

O Poeta he senhor da materia de que trata: se a invenção he toda sua, póde formal-la como lhe parecer; se a pedio emprestada a algum dos antigos Poetas, deve, quanto lhe for possivel, reduzilla a tão nova figura, que pareça outra, e que fique sendo sempre a mesma.







# ORAÇÃO

PRIMEIRA,

EM QUE INTIMA, E PERSUADE

AOS

## ARCADES

SE INTERESSEM EM CUMPRIR

### AS LEIS DA ARCADIA;

QUE ERÃO EMPENHAREM-SE COM TODO  
o esforço na restauração da Eloquen-  
cia, e antiga Poesia Portugueza,

RECITADA

NA CONFERENCIA

DA ARCADIA

## LUSITANA

*No dia 8. de Maio de 1758.*

ORAÇÃO

PRIMEIRA

EM QUE INTIMA, E PERSUADE  
AOS

ARCABDES

SE INTERESSEM EM CUMPRIR

AS LEIS DA ARCADIA

QUE ERÃO EMPENHADAS COM TUDO  
o cuidado na collação do Homen-  
cia a antiga Pochta Portuguesa

RECITADA

NA CONFERENCIA

DA ARCADIA

LUSITANA

No dia 8. de Maio de 1788.



NOBILÍSSIMOS,  
E  
SAPIENTÍSSIMOS  
ARCADES.

**S**E a opulencia da materia pôde fertilizar a idéa do Orador, se lhe pôde dar força, energia, e elegancia para mover, para arrebatár, e para persuadir, certo estou eu, ó Arcades, de que hoje poderei com minha Oração dominar vossos animos, ganhar vossa attenção, e benevolencia.

Sois Arcades, sois Portuguezes. Falla comvosco hum compatriota, e não pertende mais, do que obrigar-vos a cumprir o que dispõem as leis da Arcadia; o que exige a vossa honra, e o que se deve á gloria da Nação, do Estado, e do Principe.

Já vejo que todos estais suspensos, e que talvez não falta quem diga: que ho-

mem he este, que sempre excogita para assumpto das suas Orações objectos fantasticos? Que nos accusa de crimes, que nós não commetemos, e que devendo aprender conosco a Orar, tem degenerado em declamador? Mas tambem eu, ó Arcades, vos pergunto: e se este Declamador vos narrar factos incontestaveis, se produzir documentos authenticos, se tratar de huma materia per si mesma grande, magnifica, e capaz de levantar a reputação da Arcadia, chamar-me-heis Orador? Confessareis, que tenho aprendido comvosco? Que vos imito? E que mereço ser admittido a fallar em vossa presença? Pois, Arcades, hoje não quero senão mostrar-vos, que o pacifico, e prospero Reinado do nosso Clementissimo Soberano está clamando, que cumpramos o que promettemos; quero dizer, que séria, e inalteravelmente nos applicuemos com todas as nossas forças ao honrado trabalho de restaurarmos a Eloquencia, e Poesia Portugueza.

Sem a fundação de huma Arcadia seria impraticavel o magnifico projecto de restaurar estas duas Divinas Artes: Artes, em que se apoia a duração da Sociedade; de que depende a memoria dos homens illustres; e não poucas vezes, a conservação da República; isto reconhecerão os Medicis, as Cristinas, os Pedros Grandes; Luiz XIV. e D. João o V. Que importa que entre hu-  
ma



ma congregação de homens , ou barbaros , ou ignorantes , haja hum Homero , ou hum Demosthenes ? Isto fará que religiosamente se guarde a pureza da linguagem , a energia da dicção , ou verosimilidade de pensamentos ? Persuado-me que este homem será obrigado a calar-se , a esconder as suas Obras , e a suspirar no seu gabinete , em quanto o resto da Nação prostitue o credito de todos , divulgando escritos de que os Estrangeiros ou zombem , ou se compadeção.

Corre o tempo ; ateia-se a epidemia ; desprezão-se os bons Authores ; não vale o exemplo da Antiguidade ; apaga-se a memoria da Arte ; e finalmente se transforma o genio da Nação. Se no fim desta Epoca apparecesse huma Alma capaz de atalhar o damno , acha já com tantas forças o Inimigo , que ainda que adquira a honra de atacallo , raras vezes cólhe os louros do triumpho. São tão frequentes , e talvez tão domesticos os exemplos , que não devo respeitillos. Prouvera Deos , ó Arcades , que ainda hoje em Portugal não avultassem mais as ruinas deste geral destroço , do que as miseraveis reliquias da restituída Lisboa. Só huma Academia , huma Sociedade de homens sabios , zelosos do bem , e da honra da sua Patria , he o Alexandre que póde cortar este Nó Gordiano , he o Achilles de que pende a expugnação de Troia.

Vós

Vós mesmos, Senhores, conhecestes a força desta maxima; vós a adoptastes; e vós a tendes felizmente praticado. Mas não reparais, Senhores, que esta empreza he trabalho de hum Rei sabio, de hum Rei grande? Nós podiamos soffrer sobre nossos hombros pezo tão formidavel? Não, Senhores: a outro se deve a restauração da Eloquencia, e da Poesia. Hum Soberano, que Deos creou para Pai de seus Vassallos; hum Principe, que nós amamos, e que nos ama; hum Rei tão grande, que não necessita de conquistas para fazer respeitado seu Augusto Nome; hum genio clementissimo, amante da Paz, e das Sciencias: este foi o novo Astro, que influio tão gloriosa revolução no Portugal Literario. A Paz, santissima Paz, Dom Celestial: Tu que affugentas os vicios, que conservas a Religião, que produzes a abundancia, que defendes a honestidade, que animas as Artes, e Sciencias: a Paz, a ti, santissima Paz, devemos o felicissimo Reinado do Amabilissimo Augusto Portuguez: Tu no-lo conservas, Tu fazes gozar da pública tranquillidade, de que necessitam as Sciencias, e as Artes.

Não vos pareça, ó Arcades, que hum Soberano só protege as Academias: mandou-lhe passar hum Alvará, e huma Provisão Régia. Talvez que esta protecção não seja a mais efficaz. Enche de vaidade os Mem-  
bros

bros da Academia ; e honrados com titulo , adormecem , desprezão a gloria , que só adquirem com o trabalho ; esquece-se a instituição , e se se ajuntão , não se colhe de suas Assembléas mais fruto do que o aparato. A verdadeira protecção consiste na tranquillidade pública , na Paz , e na abundancia.

Agora provar-vos-hei , ó Arcades , que devemos esta venturosa situação á sabedoria do nosso Augustíssimo Soberano. Mostrarei que restaurou , ou para melhor dizer , que fundou o Commercio : aquelle admiravel apoio da Monarchia , de que pendem as forças da Nação , a magnificencia do Principe , e a reputação do Estado : aquelle negocio fundado na boa fé , e na verdade ; aquelle , que honráo as Leis ; aquelle , que tem feito gloriosas , e florentes tantas Monarchias , verei provar , que este grande Rei para sustentar o novo Commercio lhe franqueou os meios de formarem tão importantes fundos ; que concedeo Privilegios , e que lhe deo Navios.

Vós não sabeis , ó Arcades , para que se fundou hum Tribunal de Commercio. Quem ignora a severidade , com que se prohibirão os contrabandos ? E a magnificencia com que se fundarão Fabricas ? Pois a que se dirigia todo este aparato ! Que desejava o Coração deste Amabilissimo Principe ? Não era a nossa tranquillidade , a pública abundancia ,



e a segurança do Estado? E se faltasse este apoio ás Artes, e ás Sciencias, quem poderia restabelecellas? Qual seria o Alcides, que venceisse este trabalho? Se hum Principe imprudente, ou ambicioso, desejasse as Provincias alheias; se para devastallas, ou para possuillas levantasse numerosos Exercitos, lançasse pezados tributos, fizesse innumeraveis reclutas: se nos estrugisse a Artilheria; se nos incommodassem os quarteis; se nos algemassem os Inimigos, quem estudaria? Quaes seriam nossos versos? Que força teria a Eloquencia Portugueza?

Sem revolvermos muitos livros, fictando a nossa contemplação unicamente na Historia das Letras, acharemos com facilidade, que os bons seculos nascêrão nos braços da Paz; durarão, em quanto durou a tranquillidade pública; e acabárão, tanto que se arvorou o Estandarte da Guerra. Grecia, Roma, Italia, França, e Portugal ainda nos offerecem em seus Annaes incontestaveis exemplos desta verdade. Quem fez emmudecer a lingua de Cicero, senão quem destruiu a Paz, aquella mesma Paz, que talvez se devia em grande parte á Eloquencia do Orador. Finalmente, para que me canso em amplificar o que vós sabeis, e huma materia, que para ser grande, e magestosa, não necessita nem dos adornos, nem dos auxilios da Rhetorica.

Mas,

Mas, ó Arcades, se nós conhecemos esta verdade, senão somos tão ingratos, que neguemos este beneficio, para que nos esqueçamos da nossa obrigação? Que esperamos? Que nos acobarda? Que nos prende? Não deixemos, Senhores, não deixemos passar inutilmente hum tempo tão precioso: agora, agora he que devemos honrar-nos de sermos Arcades, de cumprimos o que devemos a hum Principe tão digno de ser honrado. He, Arcades, he tempo de lhe pagarmos tanto beneficio; não como nós devemos, mas como nós podemos. Trabalhe-mos seriamente em adiantar os progressos de tão illustres faculdades. Façamos tão glorioso, quanto he feliz o seculo de D. José o I.

Aqui deveria eu propôr-vos o methodo de conseguirmos esta empreza, e de verificarmos tão soberbas esperanças; mas eu fallo com Arcades, fallo comvosco, que bem sabeis qual he a estrada, que devemos seguir para adiantar o progresso de tão illustre Sociedade.

Frequentar as Assembléas he sem dúvida a primeira pedra deste sumptuoso edificio; mas frequentar sem methodo, e sem proveito, he deixar a máquina sem alicerces. Qual seja, ou qual devia ser este methodo, he materia para que não bastão as minhas forças. Depende de que todos nos ajuntemos, de que cada hum com ingenuidade pro-

po-



ponha o seu arbitrio, de que se tome a mais prudente resolução; e de que se observe constante, e religiosamente o systema, que sahira approvedo.

Mas para que me canso, ó Arcades? Quem dá ouvidos á Oração do Presidente? Ou quem lhe deo authoridade para deliberar? Basta fazer hum discurso em louvor da Academia; ou para melhor dizer, basta enganalla com detestaveis lisonjas; não he este negocio tão sincero, que mereça mais ponderação, do que soffrer hum Papel em prosa, que sempre he fastidioso; e muitos são de parecer que se devem supprimir, pois não servem de mais do que de fazer compridas as lições.

Ah, Senhores, que violento furor, que ira, que indignação me não possui, quando me lembro, que estes pensamentos nascem entre homens sabios, entre nós, entre Arcades! Queremos restaurar a Eloquencia, e não podemos soffrer que se exercite! Batará ler Cicero, Quintiliano, e Aristoteles para se formar hum Orador? Sabe os nomes dos Tropos, e das Figuras, sabe o que he Exordio, e pôde orar? E Cicero tremia, porque lhe faltava o exercicio.

Perdoai, ó Arcades, esta liberdade, que he filha do zelo, com que amo a vossa reputação, e o credito da nossa Arcadia: se quizerdes refrear o meu atrevimento, vede  
que

que he sincero, e justo cumprir o que promettestes de ser util á Nação, fazendo honra á Patria. A venturosa Paz he o principal, digno objecto; pois nos conserva nosso clementissimo Rei, e por elle nos vem as felicidades de que gozamos, a tranquillidade pública, os presentes, e futuros interesses para esta Monarchia: tudo, Arcades, tudo isto argue, e vos obriga, porque assim o promettestes; e quem não dirá não serdes obrigados a cumprir vossa palavra?

Disse.



ORA:

In the year 1791, the  
 first time that the  
 French Republic was  
 established, the  
 French people were  
 the first to give  
 to the world a  
 new form of  
 government.



# ORAÇÃO

SEGUNDA,

EM QUE DECLAMA

CONTRA

A FALTA DA APPLICAÇÃO

DOS

# ARCÁDES

# AOS ESTUDOS,

NOTANDO-OS ESQUECIDOS

já das Leis da sua Empreza, e obrigações dos seus Estatutos,

RECITADA

NA CONFERENCIA

DA ARCADIA

# LUSITANA

*No dia 30. de Junho de 1759.*

ORACÃO

SEGUNDA,

EM QUE DECLAMA

CONTRA

A MALTA DA APPLICAÇÃO

DE

ARCABDES

AOS ESTUDOS,

NOTANDO OS ESQUECIDOS

de las Leyes de los Empereadores, e otros

que se han de observar.

RECITADA

NA CONFERENCIA

DA ARCADIA

LUSITANA

No dia 30. de Junho de 1759.





AMANTÍSSIMOS,

E

SAPIENTÍSSIMOS

SENHORES.

**S**E as circumstancias do lugar, e a distincção dos ouvintes podem allustar alguma vez o animo do Orador, que cobarde, que temeroso não venho hoje fallar na vossa presença? Não houve preceito que me obrigasse: não he a abundancia, que me desculpa: nem o escrutinio, nem a vossa eleição me nomearão Presidente. Quem deixará de accusar a minha affoiteza, e o meu atrevimento? Parece-me, que ainda que a modestia, que governa as vossas acções, vos obriga a dares-me attenção, não se livrará de estranhar a vossa idéa, que hum homem destituido de todos os talentos, e tão pouco versado em materias de  
Elo-

Eloquencia , não tenha pejo de frequentar huma Cadeira , em que desfmaiarião os Ciceros , e os Demosthenes. E quanto será mais pezada vossa reprehensão , se souberdes , ó Arcades , que me venho substituir ?

Confesso-vos , Senhores , que esta reflexão me envergonha , e me contunde. O profundo conhecimento da Arte de Orar ; a pureza , e energia da frase ; a sublimidade dos pensamentos ; a boa ordem ; a vasta erudição do nosso sabio Pastor Matalezio Klafimeno , não são estes talentos humas das mais solidas Columnas , em que se apoia , e em que descansa a gloria , e a honra da Arcadia ? E se eu tenho que supprir a falta deste famoso Pastor ; se voluntariamente tomei sobre meus hombros este formidavel pezo , como poderei conseguillo ? Quem deixara de estranhallo ? Ou qual de vós será tão indulgente , que se abstenha de reprehender-me ? Assim he , ó Arcades. Mas se a importancia da materia pôde , de algum modo , relevar a baixeza do estylo , a falta de disposição , e de vehemencia , procurando assim com minha Oração interessar-vos no adiantamento da reputação da Arcadia ; se vos descobrir o caminho , que deveis trilhar para alcançardes maior Nome ( se he possivel ) e mais honrada fama , porque me não ouvireis ? Quantas vezes não vemos nós em inexpertos praticantes governarem com felici-

dade o mesmo leme , que tocaria os cachopos , na mão dos mais famosos Pilotos ? Logo que fundámos esta nossa Sociedade , me interessei tanto nos seus progressos , como se a causa fosse só minha. Trabalhei com vosco quanto o permittião minhas débeis forças. Tentámos aquelles caminhos , que nossos Compatriotas ou desprezavão , ou não conhecião. Fizemo-nos famosos , conseguimos que o Menalo seja nomeado com admiração , e com respeito : que se leião , que se busquem , e que se estimem nossas Obras. Assim he , ó Arcades ; mas seja-me licito perguntar-vos : e está assim satisfeita a nossa obrigação ? Não era o nosso projecto restabelecer a boa Poesia , e a verdadeira Eloquencia pelo meio da mais severa crítica ? A invenção da nossa empresa está verificada ? Teve já a sua devida observancia entre nós ? Sujeitámos á crítica nossos Escritos sem aborrecermos nossos Censores ? Reina entre nós aquella sinceridade , com que reciprocamente devemos despir-nos de paixões particulares , e sacrificar-mo-nos , e nossos estudos á causa commua , á honra da Patria , e á gloria da Academia ? Não sou eu , ó Arcades , tão lisonjeiro , que me atreva a dizer-vos , que está completo este grande Projecto ; que pelejamos , e que vencemos. Não , Senhores , antes sinceramente vos confesso , que não levantando nunca de semelhante



ponto a minha contemplação; cheguei a persuadir-me, que hum certo espirito de vaidade, huma quasi invencivel negligencia, huma certa cobardia, que nos aia, e que nos prende, nos precipita a cahirmos em reprehensivel lethargo, e reiterados absurdos. Parece-me que temos nas mãos a Planta de huma populosa Cidade; que abrimos n'uma parte hum profundo alicerie, que levantamos na outra huma soberba columna. Está cortada a pedra para a grande obra; não faltão os obreiros; e talvez sobejem os Architectos; mas a pezar de todo este magnífico apparato a Cidade não póde alojar os habitantes de huma Aldeia! E quem sufterá o riso, vendo este ridiculo painel? Chamar-me-heis insolente, porque vo-lo ponho diante de vossos olhos? Assim o julgaria a malicia, ou a desconfiança, se eu não apparecesse na scena, senão fosse Actor da Tragedia.

Permitti-me, Senhores, que discorrendo em tão importante materia, possa fallar livremente, possa dizer o que entendo. O Projecto do estabelecimento da Arcadia foi grande, foi magestoso, foi util, e era necessario. Os Estatutos, com que ella se fundou são sólidos, apoiados na razão, e na prudencia, e concernentes ao glorioso fim, a que se dirigio o nosso trabalho, e a nossa esperanza. Os animos estavão dispostos, ou ao menos os semblantes: chegou a de-

se-

sejada occasião , mudarão-se os Bastidores , desapareceu a sinceridade , confundio-se a boa ordem , enchemo-nos de hum terror pânico , não pudemos soffrer a critica ; apoderou-se de nós a soberba , cresceu o odio , e senão se reformasse a lei , já então ficaria despovoada a Arcadia , o Menalo sem Pastores , e nós em vez de amigos , e de Companheiros , jurados inimigos huns dos outros.

Que fatal exemplo da inconstancia , e da fragilidade dos homens ! Serenou-se a tempestade , ficámos contentes , e satisfeitos ; porque ficámos com liberdade de chamarmos bom ao que era máo ; livres da custosa obrigação de discernirmos o falso do verdadeiro , senhores absolutos do Parnaso , com a amplíssima faculdade de infringirmos , cassarmos , ou derogarmos as mais preciosas Leis da Poetica , e da Rhetorica. E que fizemos ? Clamavamos contra os miseraveis Seiscentistas , contra o máo gosto da Nação ; choravamos pelos bemaventurados dias de Camões , de Bernardes , e de Ferreira : compravamos a todo o custo as suas Obras , como que fosse o mesmo tellas , que imitalhas. Entrámos a chamar Ode ao que era Idillio , e Idillio ao que era Satyra , Satyra ao que era Dirhyrambo : n' uma palavra , corria com passos tão accelerados a nossa decadencia , que já parecia inevitavel a ultima



ruina , ou ao menos se deveria julgar impossivel o remedio destes damnos.

Aquelles pomposos designios de domar o genio da Nação , fazendo que a critica fosse recebida como conselho , e não como offensa , aquella magnífica idéa de banir da Poesia Portugueza o inutil adorno de palavras empolladas ; conceitos estudados ; trequentes antitezes ; metáforas exorbitantes , e hyperboles sem modo ; introduzindo em nossos versos o delicioso , e appetecido Ar da nobre simplicidade , forão os dous Pólos que primeiro perdemos de vista. Erguêrão a cabeça esses mesmos Vícios , que prometiamos , e juravamos reformar , ou reprimir , ficando tolerados ou por inercia , ou por cobardia , ao mesmo passo que o Podão pintado em o nosso Escudo ameaçava , ou fazia rir aos estranhos.

Não vos pareça , ó Arcades , que debaixo destas palavras em lugar de hum verdadeiro zelo , que me move , e que me atormenta , se encobre ou o veneno da Satyra , ou huma simulada malidicencia. Não , Senhores , sou eu o primeiro que , a pezar destas desordens , conheço , admiro , e divulgo as rarissimas bellezas Poeticas , que brilhão em nossos Escriitores ; os sublimes talentos , de que sois dotados : confesso sem o menor espirito de adulação , que muitas de vossas composições podem dar aos nossos con-

tem-

temporaneos huma clara idéa da boa Poesia, e da verdadeira Eloquencia; mas isto, Senhores, não basta, nós promettemos mais, não nos ajuntamos para as cousas ficarem no seu antigo estado. Serdes vós grandes Poetas, e grandes Oradores, e ser eu mediocre em qualquer destas duas faculdades, he hum phenomeno, que appareceria, ainda que não houvesse Arcadia; e talvez que menos injuriosa me seria a minha ignorancia, se livre de funções de Academia, deixasse de expôr ao público a minha incapacidade.

Esta lastimosa falta, que eu lamento, e de que talvez se queixarão, outra nasce, e he, Arcades, da reprehensivel indolencia, que reina entre nós. Entregues a huma vergonhosa indifferença, deixamos passar os dias, como se não tivessemos mais que fazer, como se nos não obrigassem a mais louvavel trabalho, como se não houvessemos de dar conta ao público do tempo, que consumimos inutilmente, ou como se elle se pagasse de puerilidades, ou se governasse pelos mesmos respeitos, que nos arrastão, e nos constroem a commettermos estes abusos. Se eu clamar, que approvei este, ou aquelle Poema, porque era do meu Amigo, ficará desculpado o Author? Haverá homem prudente, que approve o meu troxo procedimento? Se eu não quíz sujeitar á censura os meus Escritos, porque cheio de amor proprio,

prio, e de soberba, julguei que não havia na Arcadia quem devesse ter o atrevimento de censurar-me haverá quem se não ria de mim? Será bastante Apologia divulgar que ninguém na Arcadia faz melhores os Versos do que eu? Não acharei quem me responda, que dahi o que se segue, he que todos somos pessimos Poetas? Certamente, que estes presagios não he preciso conhecer as Estrellas, para poder annunciallos.

A experiencia acaba de mostrar-nos, que se o uso da critica se tivesse conservado em seu vigor, serião dignos de honra, e de louvor os progressos da Arcadia. Quem foi tão barbaro, que deixasse de estimar, que o Collegio Censorio estivesse patente para rever, e purificar as Obras, que queremos imprimir? Não ficamos defenganados de que a censura não era o Patibulo? E que em vez de infamia, resultava della maior credito a quem por este meio dava aos seus escritos o ultimo verniz? Reprovárão-me a minha composição, e que injúria me fizerão? Livrarão-me de ser eternamente a fabula do Povo; e de ter nos exemplares da collecção hum Espectro, que me vexasse, que me perseguisse, e que me atormentasse. Advertirão-me, como Amigos; e entre os estranhos acharia crueis, e innumeraveis Radamantos. Cahiria sobre mim a formidavel chusma de espiritos insolentes, e ociosos,

que



que se fevão ; e parece que se nutrem de criticar , ou para melhor dizer , motejar , e detrahir quanto se escreve , que não perdoão huma virgula , e que sabem de cór as regras da Grammatica , e da Orthografia : aquelles , que tem na lua mão a craveira dos juizos , e que só approvão as Obras de seus Amigos.

Estareis talvez persuadidos , de que estou satisfeito de mostrar-vos , que a critica he o unico meio , que temos de conseguir , que cheguem á posteridade nossos Escritos , e que frequentando mais as censuras , poderemos atalhar estas desordens , e avançar a nossa reputação. Mas eu ainda olho para mais longe ; ainda vos peço maior refórma. Não basta criticar o que se faz , he preciso ensinar o que se ha de fazer. Sim , Sapientissimos Arcades , he preciso que nos applicemos com methodo , e com frequencia a explicar as regras mais difficultosas da Poesia , e da Rhetorica , de forte , que qualquer de nossos Socios possa conceber huma clara idéa destas faculdades , e leguir huma uniforme doutrina. Devemos empenhar-nos em que brilhe geralmente nas composições de nossos Pastores a mesma pureza da lingua , e a mesma graça de estilo , a mesma magnificencia de imagens , a mesma perfeição d'Arte ; n'uma palavra , o mesmo gosto , e até , se possivel fosse , o mesmo genio. Então seria

ria útil a Academia, então poderíamos justificar-nos de sermos os Fundadores de tão sumptuoso Edifício; então confessarião nossos Compatriotas, que faziamos o seculo do nosso adorado, e Clementissimo Soberano mais distinto, e mais famoso do que o de Augusto, de Pedro Grande, e de Luiz XIV.

Para conseguirmos este glorioso fim, não será preciso que cada hum de nós componha huma Poetica, ou huma Rhetorica: as mesmas Dissertações, que os Arbitros repetem nas Conferencias, e a Oração de Presidente, havendo a providencia de lhe ter distribuido a materia por pontos, ou questões, que tenham connexão humas com as outras, poderão conduzir-nos tão longe sem que cheguemos cansados, ou que desmaiemos no caminho. O fruto, que se deve esperar deste trabalho, he certamente inextimavel, e eu vos prometto que chegueis a colhello se approvando o meu arbitrio, nos levantarmos do vergonhoso lethargo, em que jaziamos.

Não creio que haja entre nós quem se pretenda reclamar a liberdade, com que foi fundada esta Academia: circumstancia, con que ouvi já qualificar a sua excellencia, ou talvez arrogar-lhe a primazia. Quem não vê quanto he mais util, e proveitoso tratar com methodo esta, ou aquella faculdade, lo que hoje disputar sobre a Tragedia, á ra-

nhí



nhá sobre a Historia; depois tratar das Eclo-  
gas, e logo de questões de Orador? Que  
mais poderia fazer quem tivesse o malvado  
designio de atormentar a memoria, e o jui-  
zo dos ouvintes? O agrado que traz com-  
igo a variedade, e que tem já passado o axio-  
ma, he a perniciosa origem de que nascem  
estas desordens. E que terriveis danos não  
tem ella causado na República das Letras?  
Com tão exquisita doutrina se resolvêrão  
Poetas Dramaticos a misturar o Sôcco com  
o Cothurno: foi o berço da Tragicomedia,  
dos Acrosticos, e dos Labyrinthos, verda-  
deiros monstros, a que bem podemos cha-  
mar *Sonhos de hum doente*.

E que estes vicios reinassem entre o Vul-  
go, que fossem sustentados por mediocres  
Poetas, ou para melhor dizer, espurios Tro-  
vadores, não me admirára; mas que huma  
companhia de homens doutos, que se levan-  
tou para restaurar o *bom gosto*, haja de ado-  
ptar os mesmos dogmas, e que não traba-  
lhe quanto póde, e como deve para conse-  
guir o que prometteo, he o mesmo que  
abrirem-lhe os montes, e sahir hum ridiculo  
ratinho.

Que General será tão louco, que em-  
prenda tomar huma Praça sem dispôr o si-  
tio, formar as linhas, montar as baterias,  
avançar os aproxes, bater a brécha, e esca-  
lar as muralhas; bastará dizer, que vai ren-  
der

der Bergopzoom ? Haverá quem o creia, vendo que o Exército á vista dos muros ameaçados , confome os dias em jogos , e banquetes ? Que reina no campo hum profundo socego , como se estivessem em segura paz ; e que apenas ha quem se lembre do projecto ?

Não adormeçamos , ó Arcades , ao som de huma aura popular , que hoje nos levanta ás estrellas , e á manhã nos ha de precipitar no abyfmo , sendo a primeira , que cruelmente devore a nossa reputação. Estes applausos são nuvens , que qualquer Zefiro as dissipa. Cuidemos estabelecer a nossa memoria em mais solidas columnas , que resistindo á força do tempo , possão transmittillas á posteridade. Que proveito me resulta de que ou por ignorancia , ou por cerimonia , gavem alguma composição minha , se eu mesmo agitado de huma especie de recurso , desconfio dos applausos , e sinto as dores de que anda achacado o papel :

Evitemos este disfavor com o remedio da critica ; e para que haja tempo , em que nem della necessitemos , tratai de formar hum sistema de bom gosto pelas mais irrefragaveis regras da Poesia , e da Eloquencia. Ilustrem-se os Aristoteles , os Demosthenes , os Longinos , os Horacios , os Ciceros , e os Quintilianos : seja este nosso trabalho , e nossa occupação. Ponhamos em mais socego as Mufas ;

fas ; deixemo-las restaurar as forças , que estão cansadas de tão contínuas tarefas. Appareção depois mais fortes , mais engraçadas , e mais dignas de assistirem com novo alento à sombra dos pinheiros do Menalo.

Eis-aqui , ó Arcades , as idéas , que ha muito revolvo na memoria ; até que instigado do zelo , com que estimo a vossa reputação , não lube guardar em segredo , persuadindo-me que era culpavel hum silencio de que resultava tanto prejuizo á gloria commua desta Sociedade. Dar-me-hei por bem pago do meu desejo , ou por absoluto da minha audacia , se for tão feliz , que chegue a ver , que vós , compadecidos da minha incapacidade , entraís no projecto de instruir-me , e que o público reconhecendo que cumpris o que promettestes , vos honre com os soberbos titulos de *Bons Compatriotas* , de *Verdadeiros Sabios* , de *Restauradores do Credito* , e *Gloria da Nação*.





ORAÇÃO

TERCEIRA,

EM QUE SE PERSUADE

OS BEM DEVIDOS LOUVORES

DO NOSSO

SOBERANO,

SEMPRE AUGUSTO,

E

FIDELÍSSIMO,

RECITADA

NA CONFERENCIA

DA ARCADIA

LUSITANA

*No dia 4. de Março de 1763.*



ORAÇÃO

TERCEIRA

EM QUE SE PERSUADE

OS REUS DEVIDOS LOUVORES

DO NOSSO

SOBERANO

SEMPRE AUGUSTO

E

FIDELÍSSIMO

RECITADA

NA CONFERENCIA

DA ARCADIA

LUSITANA

No dia 4. de Março de 1767.



**C**ONFESSO-VOS , Illustrísimos , Sapientísimos , e Amabilísimos Senhores , que eu me vejo confuso , perplexo , e cheio de temor , todas as vezes , que tenho que discorrer na vossa presença. Conheço , que vós me puzestes neste lugar não só para fondardes a minha insufficiencia , mas tambem para me promoverdes a maiores estudos. Sei qual he para comigo a vossa indulgencia ; que desculpais os meus erros , e que me haveis acudir com as vossas lições. Tudo isto sei , tudo vos agradeço ; mas nada disto he bastante para vencer o meu justo receio : nada disto apaga a vehemente idéa , que tenho concebido da vossa erudição , dos vossos rarísimos talentos. Vejo-me na presença dos melhores Poetas , dos melhores Oradores , dos melhores Filósofos , dos melhores Criticos : n' uma palavra , na vossa presença.

Que

Que posso eu dizer , que seja digno de huma Assembléa tão conspícuca ? Não , Senhores , recitai as vossas composições , e contentai-vos de que eu as escute , que não farei pouco se comprehender bem todas as maravilhosas bellezas de vosso elegante , energico , e magestoso estílo. Se o vosso projecto he reformar a Poesia , purificar a lingua Portugueza , restaurar a Arte de Orar ; estabelecer hum systema de bom gosto , pelo meio de huma prudente critica , com que póde contribuir para tão glorioso fim o meu traco discurso ? O meu depravado gosto ? E o meu grosseiro estílo ? Mas se em fim , Senhores , he indispensavel que eu cumpra as obrigações deste lugar ; senão he licito subtrahir-me ao cargo de fallar hoje na vossa presença ; se devo dizer alguma coisa , que seja digna da vossa attenção , resolvo-me a ministrar-vos materia para vossas composições. Corra por vossa conta o revoltilla de sublimidade de pensamentos , de energia , de dicção , e de boa economia da Fabula , que erige a grandeza do assumpto.

Tendo nós a felicidade de vivermos debaixo de hum Governo o mais benigno , que tem desfrutado o Reino de Portugal , não seria , Amabilíssimos Socios , feia a nossa memoria , se com ella não passasse á posteridade a noticia , de que não degenerando da filiação Portugueza , tínhamos , para mostrar-nos

agradecidos, trabalhado por fazer eternas as grandes acções, as heroicas virtudes de nosso Clementíssimo Soberano. Que dirião os vindouros, se lessem nas nossas Decadas, que em Lisboa se tinha fundado huma Academia, que erão Portuguezes os membros della; que estava em ditosa Paz o Reino todo; que a Justiça brilhava incorrupta; que não se tolerava o Vicio; que se estimava a Virtude; que florescia o Commercio; que se conservavão as Conquistas; (ou para melhor dizer) que reinava o Augusto, o Pio, o Fidelíssimo Senhor D. José I. ? E que os Arcades se esquecêrão de cantar estas Virtudes? Que dedicárão as suas composições, e os seus estudos a objectos menos dignos, e menos magestosos? Que horrorosa conjectura! Que infamia para os nossos nomes, se os villemos accusados de tão enorme ingratição! Eu me envergonho só com a primeira idéa: gella-se-me o sangue, estremeço; parece-me que foge o tempo; que chegão os seculos futuros, e que ouço detestar tão abominavel tradição. Perdoai-me, Senhores, esta distracção; se aqui ha enthusiasmo, he a força da verdade, que me toca o coração, que me surprende, que me arrebatã.

He bem vulgar o axioma, de que os bens não são desejados, senão quando se perdem. Vivemos no centro da Paz: não conhecemos a nossa felicidade. Talvez que os



Soldados se queixem de não haver guerra: talvez que o Piloto murmure, de que não saião Armadas. Chamão a isto não sermos conhecidos no Mundo. Lembrão-se das expedições, que nos ganhárão tantas Conquistas. Trazem sempre na memoria o Campo de Ourique, Aljubarrota, as Linhas de Elvas; mas não computão a despeza de huma longa guerra; o sangue que custa qualquer victoria; os incommodos de huma contribuição; a violencia das reclutas; e as feias consequencias da licença Militar.

Póde-se interprender com justiça huma guerra: póde-se avançar o exercito com vantagens: tudo pende da fatalidade de hum dia: póde ser obrigado a retirar-se precipitadamente. Podíamos ver a nossa Capital cercada de Tropas Inimigas. Então tudo seria espanto, tudo confusão: todos detestarião a Guerra, e chorarião pela Paz, se fictarmos a consideração em huma scena tão funesta: se vimos alijar as bombas; cahir os edificios; atear-se hum voracissimo incendio; derramarem-se pelas ruas as afflictas Mães com os innocentes filhos, espavoridos do estrondo da Artilheria; as Donzellas desamparadas, cubertas de pó, e de sangue; os cansados Velhos não podendo fugir: finalmente, os nossos Esquadrões atropelando os seus mesmos Compatriotas: os Soldados Inimigos. . . Basta, Senhores; não he preciso mais; le-



Vantemos os olhos para o nosso Clementíssimo Rei, para aquelle Astro de Paz, de abundancia, que nos livra de tantas calamidades. Que Odes, que versos não merece? E se o soffrera a nossa Religião, que Hymnos lhe não cantaríamos? Que Altares lhe não ergueríamos? Não os merecia mais Augusto; nem Horacio tinha mais razão para jurar pelo seu Nome.

Se quem tem hum largo conhecimento da materia, que pertende expôr nos seus Poemas, lhe não falta a energia, nem a elegancia: quem desejará cantar as Reaes Virtudes de hum tão grande Rei, que não tenha fertilidade na fantazia, graça nas palavras, e força nos pensamentos? Que falta pois, Nobilísimos Socios, tenão principiar? E que vos demora? Talvez com profundo respeito receais que no Augusto Coração não sejam bem recebidos os vossos louvores? Dizeis-me, que entre as grandes virtudes deste bom Principe brilha a modestia: que he ella a que aparta do Throno a infame adulação. Assim he; mas a verdade, a verdade he que domina naquella grande Alma. Se nós para louvarmos o nosso Soberano nos fosse preciso tecer Elogios mentirosos, invectivas contra os vicios, seria justo o nosso receio. Mas cantar virtudes verdadeiras, acções notoriamente grandes; effeitos da clemencia, da justiça, da generosidade, não póde deixar de ser huma acção bem accei-

ta daquelle Animo justo , que não costuma deixar a Virtude sem premio.

Ha poucos tempos, que a Divina Providencia quiz que os Portuguezes soffressem os golpes de hum horroroso flagello. Chegou o grande instante : revolveo-se o pavimento da Cidade : cahirão com feio estampido as Torres, os Templos, e os Palacios. Tudo forão lagrimas, tudo espanto, tudo confusão ! Que memoravel dia ! Sahimos das ruinas das nossas casas, deixando alli tudo quanto he necessario para a commodidade da subsistencia da vida. Refugiámo-nos no campo, e insensivelmente se nos foi apresentando tudo quanto podia remediar-nos, e ajudar o nosso novo estabelecimento. Que impulsos de compaixão, de clemencia não moverão o Augusto coração de hum bom Rei, quando poz os olhos na calamidade pública ! Que ordens, que determinações não sahirão daquella grande Alma em soccorro dos affligidos Portuguezes ! Grande Rei ! Rei sabio ! Rei pacífico ! Rei clemente !

Que mais heroico assumpto, Amabilissimos Socios ? Certamente que não teve Horacio, nem Virgilio outro tão cheio de verdades maravilhosas, nem tão susceptivel de bellezas Poeticas !

Não he menos digna de Elogios a sabia eleição, que este Monarca faz de seus Ministros. Que excellentes Poemas se não podem

dem compôr, querendo mostrar o augmento do Commercio! A nova economia das Conquistas! O grande projecto do estabelecimento das Fabricas! A disciplina das Tropas! As Leis, que quotidianamente se estão promulgando, dirigidas todas a refrear os vícios, que fomenta o espirito da ambição, ou do lerigio! Ellas sôz farão novoCodigo, que será o Fasto da Historia Portugueza, em que melhor se veja, não sem admiração, a felicidade que tivemos os que vivemos debaixo de hum tão feliz governo; e sabio Ministerio.

Sim, Senhores, eu estou já vendo que nos vossos corações faz huma notavel impressão este Discurso, e que já estais resolutos a sacrificar todas as vossas forças a tão honroso trabalho. Parece-me que já estou ouvindo as singulares composições, com que mostrais bem recebido o meu arbitrio.

Se a soberba dos Romanos edificou o Capitolio; se fez deste Edificio o sacrario da Heroicidade só para ser agradecido aos valerosos Capitães, que conservarão por longo tempo a felicidade da Republica, e a gloria da Nação; nós que podemos levantar Estatuas mais duraveis aos nossos Heroes, isto he, que podemos fazer eternas as grandes acções, transmittindo-as á posteridade nos nossos escritos, com que inercia os deixaremos sepultados em hum ingrato esquecimento?



to ? Se de justiça devemos este obsequio, se he acrédor d'elle hum Rei o mais amavel, e mais clemente, que nos ata ? que nos demora ?

Tem tanta força a justiça desta causa, que a mim me parece que já nos vossos semblantes descubro algum gesto, que me reprehende. A verdade não precisa de defensores. Vós, melhor do que eu, conheceis, e observais este magnifico assumpto. Ha muito que premeditais expollo ao Mundo nos vossos elegantes Poemas. Não foi ingratição, não foi descuido, se tardastes em intentar a grande Obra. Quizestes delinealla com prudencia, fundando-a nas sólidas bases da verdade ; mas a modestia vos deteve os passos, não pensando que a Divina Providencia nunca tira dos thesouros da sua bondade as grandes almas, que fazem felices os Povos, que são as delicias da sua Nação ; sem formar espiritos capazes de serem Panegyristas de suas illustres acções, não deviamos conhecer hum Principe tão benemerito, sem tão excellentes Poetas. Não houve Achilles sem Homero, nem Augusto sem Virgilio.



# ORAÇÃO

*Prima est haec ultio, quod se iudice  
nemo nocens absolvitur.* . . . . .

Ex Juvenal Satyr. 13.



Não creio, ó Arcades, que em vossos corações se pervertesse a antiga sinceridade de costumes com tão violenta metamorfose, que para reconciliar-me com vosco me seja preciso cantar a Palinodia. Vós estais offendidos? Eu ultrajei-vos? Haverá entre Nós algum espirito tão escravo da vangloria, que não possa, nem se atreva a soffrer a verdade? Chamarme-heis atrevido, porque sou zeloso da honra, e do credito da Arcadia? Porque não sei lisonjear-vos com fantasticas esperanças; porque vos não attribuo, se possível he, maior merecimento do que o vosso? Ou finalmente porque não me atrevo a divulgar com soberba jaçtancia, que restaurámos a boa Poesia, e a verdadeira Eloquencia? Que peleijámos, e que vencemos? Não, Arcades, não sou tão ingrato, que vos julgue destituídos de piedade, e de benevolencia: Tenho reiteradas provas de que sois indulgentes para comigo; e se em minhas Obras ha algum sólido merecimento, a quem de-

vo esta vantagem, senão a Vós, ás vossas lições, e ao vosso exemplo? Mas como não ha Juiz mais recto, do que a propria consciencia; como não ha mais intoleravel castigo, do que o remorso, eu sou o mesmo que me accuso, e me condemno.

Confesso-vos, ó Arcades, que foi indiscreto o zelo, com que me atrevi a imputar-vos hum crime, que Vós não tinheis commettido; hum tão vergonhoso, como seria faltardes á vossa palavra, esquecer-vos da gloria da Nação, e desprezar os interesses da Patria. Estas erão as funestas consequencias, que traria consigo qualquer defunião, que se levantasse entre Nós: Ou se possuidos de mais atrevidos desejos, desamparássemos o Menalo, porque o julgavamos pequeno Theatro para nossos accelerados progressos. E quando eu via que os Arcades desejavão, que se não demorassem as Sessões, que se não negasse ao Público o gosto de ler os nossos Escritos; quando via crescer o numero dos Pastores do Menalo; quando achava de cada vez maiores, e mais extraordinarias bellezas Poeticas em vossos versos; quando ouvia orar com eloquencia, com força, e com energia, como me atreveria a proferir, que a Arcadia estava exposta á menor decadencia? Por ventura devia julgar-vos tão cobardes, que se pudesse esperar de Vós, que cedesseis aos prognosticos da inveja? Ha-  
via

via quem dissesse, que não havia Arcadia; mas havia Arcadia: Havia quem dissesse, que os Arcades emmudecêrão; mas os Arcades não emmudecêrão: Havia quem dissesse, que os Arcades já não se ajuntavão no Menalo; mas os Arcades ajuntavão-se no Menalo: Finalmente havia quem dissesse, que não podíamos tornar a ajuntar-nos; mas Nós quizeamos ajuntar-nos, ajuntámo-nos; quizeamos que houvesse huma Sessão, houve huma Sessão.

Devíamos dar ouvidos a quem desejava a nossa ruina, porque não podia ouvir a nossa fama; a quem queria que nos calássemos, porque não pôde fallar como Nós fallamos; a quem desapprova os nossos versos, porque não têmão consoantes, ou porque imitavamos Horacio, Pindaro, Teocrito, e Bion? A quem estranhava a nossa dicção, porque adoptavamos a de Camões, de Bernardes, e de Ferreira; a quem desapprovava a nobre simplicidade de nossos pensamentos, porque he escravo de Gongora; a quem finalmente não soffre nossas Orações, e Dissertações, porque não discutimos nellas triviaes Problemas, ou porque guardamos austera-mente as regras da Arte de persuadir? He certo que não. He certo que não ha entre Nós hum espirito tão humilde, que pudesse sujeitar-se a tão panicos terrores. E eu temo que acabasse a Arcadia?

Que



Que importa, que importa que alguns animos malevolos procurassem desfatar os estreitos laços de felicissima união, e de nossa inalteravel tranquillidade, attribuindo sinistras intenções a nossas Criticas, e Apologias, se Nós as recebemos com sereno rosto; se as suscitamos, e as queremos. E eu temi que acabasse a Arcadia? Que importa que nos apontem para as Scylas, em que naufragarão tantas Academias, se a nossa dura, e durará á sombra da gloriosa paz, em que nos conserva o nosso Clementissimo Soberano. E eu temi que acabasse a Arcadia? Que importa que digão, que sacrificamos a particulares interesses, e domesticas paixões o estudo de tão Divinas Artes, se Nós de cada vez nos engolfamos com mais ardor na lição dos Gregos, dos Latinos, e dos Portuguezes; se os imitamos, se talvez os iguallamos, e se algum de Vós chega a excedellos. E eu temi que se acabasse a Arcadia? Que importa que houvesse quem chorasse com simuladas lagrimas nossa defunião, e nosso esquecimento, se Nós continuamos as Sessões. E eu temi que acabasse a Arcadia? Que importa que haja quem se atreva com descuberta insolencia a zombar das nossas promessas, e de nossas esperanças, se vossos Eseritos desempenhão com honrada gloria quanto promettestes; e se vosso distincto illustre merecimento vos fazem dignos da Real

Pro-



Protecção. E temi que acabasse a Arcadia? He preciso, Arcades, que sejais nimiamente indulgentes, se ainda soffreis que falle em vossa presença quem proferio tão estranho absurdo; he preciso que merisqueis do Catalogo dos Arcades, e que nos Troncos destes Pinheiros se apague o nome de Coridão. Porém, Senhores, se Vós antes de proferir a Sentença, examinardes a justiça da causa, achareis que no excessivo zelo da honra da Arcadia consiste todo o meu delicto: Achareis hum Arcade, que estima a reputação da Arcadia, e que teme que se arruine, porque a estima; tal he a fragilidade de nossos corações! Quando houve Avarento, que não fosse cobarde? Qualquer ruido lhe congella o sangue; a leve folha de hum Alamo meneado pelo fresco Zefiro, lhe parece hum trovão; e acostumado a temer, facilmente se persuade que ha quem lhe rouba os thesouros, que guarda com ambição, e dilvelo. Se eu me não interessasse pela vossa gloria, e pelas vantagens da Academia, ouvinia murmurar publicamente, murmuraria com elle. Acabaria a Arcadia, ficaria mais descânçado; quebraria as peçadas algemas, que Vós me puzestes; e reclamaria minha antiga liberdade, isto he, zombaria das regras de Aristoteles, de Cicero, e de Quinçtiliano; faria huma Tragedia com a mesma facilidade, com que Vós

com-

compondes huma Strofe ; inculcar-me-hia por Poeta , por Critico , e por Orador ; a toda a hora leria os meus versos aos mesmos , a quem mil vezes os tinha repetido ; não cuidaria na pureza da Dicção , da harmonia do Verso , da magnificencia da Fabula , da igualdade dos costumes , da constancia dos caracteres ; finalmente faria Versos sem Poesia , Orações sem eloquencia , ou , para melhor dizer , faria quanto Vós reprovais , e reprovaria quanto Vós fazeis : Se , por exemplo , me encarregasse de compôr huma Comedia , sem ler Aristofanes , Plauto , e Terencio , sem examinar no que consiste o verdadeiro Ridiculo ; poria no Theatro Jesson , desembarcando em Colcos com os valerosos Argonautas , namorado de Medea , roubar o Velocino ; e depois de atravessar os mares nunca de antes navegados ; depois de ter quebrantado todos os encantos , de vencer Dragões , e conseguir tão precioso triunfo , entregar a hum simples Lacaio hum Theatro tão inestimavel , só para que o Bufão pudesse dizer hum ridiculo equivoco ; não cuidaria que o Protagonista fosse hum zeloso , ou hum avarento ; e isto guardaria eu para huma Tragedia ; seria hum Rei hum Capitão ; os amores ainda que fossem attribuidos a hum Velho , ou a hum Catão , seriam o Sal Attico das minhas Scenas ; arderia Troya ; apparecerião Exercitos , ainda que

que os cavallos deitassem por terra os Bastidores ; e se pudesse introduzir no Theatro o apparatus de huma Trincheira , que lançasse Bombas , e disparasse Artilheria , então ganharia huma nova Fama , a que não aspirou Sophocles , nem Euripedes. Eis-aqui a ruina , que eu temia , quando temia que acabasse a Arcadia ; eis-aqui o perigo , a que me parecia que estava exposta a Poesia Portuguesa.

EPISTOLA

2

EPI-

## EPISTOLA.

**S**E não te enjoas de comer sem pompa  
 Em toalhas do Minho, em pobre meza,  
 Onde não tine a rica porçolana,  
 Nem cança os olhos trémulo reflexo  
 De burnida colhér, de refulgente  
 Britanico faleiro; caro Amigo,  
 Sabio, illustre Sarmiento; ou não te assusta  
 O suspeito convite de hum Poeta  
 Affeito a dura fome, a duro frio,  
 Cujó humilde Tugurio Noto asslouta,



E Africo lhe arrepia as leves telhas,  
Hoje pódes cear na Fonte-santa:  
Melhor que o de Falerno, o roxo fumo  
Por fardidos Galegos traslegado,  
Na fertil margem do ceruleo Douro  
Alegres beberemos: Na cozinha  
Estala a secca lenha, brilha o fogo;  
O negro bicho, ou negro cozinheiro,  
Enroscado no cipeito fica affando  
Hum lombo corpulento: Agora deixa  
As sérias reflexões, as esperanças  
Da branca Vara, da soberba Toga,  
Das Rascoas vizinhas, lumes fatuos,  
Que observas com teu longo Telescópio:  
A defabrida noite nos convida  
A que juntos passemos poucas horas  
Em doce trato, em doce companhia:  
Teremos bons Parceiros, cartas novas,  
E em ruivos castiças de Pexisbeque  
Arderão duas candidas bugias:  
Já na meza fumega o precioso  
Natural Elixir do rico Oriente,  
O bom chá quotidiano, mais pedido,  
Que o pão de cada dia, nesta Casa:  
Fóra huma cá lancemos; que não falta  
Quem farte o mole ventre com garofos  
Para da burra ver entre os ferrolhos  
Pendientes barambazes das aranhas:  
Não me namorão fartos testamentos,  
Opulentas heranças; a meus Filhos  
Basta só que lhes deixe para exemplo

A nobre tradição, de que descendem  
De hum Pai, que detestou a vil lisonja  
Sem humilhar-se ao cheiro do despacho;  
Que abriu novo caminho para o Pindo;  
Que leu, e que estudou; e que aprendia  
Ao menos a zombar da má fortuna;  
Que illustres bons Amigos o buscavão,  
Como allivio da barbara tortura  
De conversar com Getas, e Tapuyas.

## O D E.

Não fabulosa Tea de mentido  
 Gentílico Hymeneo, Illustres Noivos,  
 Mas sagrada união d'hum Sacramento  
 Vos prende, e vos ajunta.

Com catholico Rito abençoada  
 A ditosa alliança, nos promette  
 Dos Mellos, dos Noronhas, e Menezes  
 Heroica descendencia.

As illustres acções, que a Fama espalha,  
 Repetidas veremos: Torna torna  
 A boa idade de ouro! A boa idade  
 Do Nome Lusitano.

Nas respeitadas Campas dos honrados  
 Vossos claros Maiores subir vemos  
 As palmas, e loureiros, que regados  
 C'o sangue illustre forão.

Dentre a copada rama se levanta  
 Estranho Simulacro! Reverbera  
 No lizo peito de aço o roxo Febo,  
 Que immensa luz espalha.

Levanta o forte braço a grande espada;  
 E da folha os relampagos assustão  
 As soberbas muralhas de Bizancio,  
 De Tangere, e de Arzilla.

Mas que gentis Guerreiros vejo agora  
 Concorrer para ouvillo! Alli lhe ensina  
 O Tatico Systema: Alli lhe mostra  
 As Aviras façanhas.

Serrados Esquadrões desbaratando  
 Entre nuvens de fumo as torpes Luas,  
 Eclipsadas vacillão! No ar ondêão  
 As sacrosantas Quinas.

Esta a Prole será, que a Patria espera  
 De tão ditoso Thalámo, que as Musas  
 Já deseão cantar: Já lhe preparão  
 Alegres Epinicios.



# ORAÇÃO

*Para se recitar no acto do juramento de  
Bandeiras do Regimento de Infante-  
ria, sendo Coronel delle*

O Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor  
Marquez das Minas.

Nobilissimos Senhores Officiaes; Nobres,  
e honrados Camaradas.



Empre a gloriosa reputação das Armas dependeo da disciplina Militar. Os Póvos, que mais religiosamente observavão as leis da guerra, fundarão Reinos, conquistarão Imperios, e chegarão a ser Senhores de quasi todo o Mundo. Assyrios, Gregos, e Romanos, em cujas Decadas lemos ainda hoje os mais illustres exemplos de valor, não commetterão facções pasmosas fiados na força, e numero de Falanges, e Legiões; mas sim no estudo, com que á sombra da mais profunda paz aprendião os vastissimos preceitos da Arte da guerra. Que não fizeram poucos Portuguezes em Africa, Asia, e America! Se tallarão Campos, arrazarão Cidades, e subjugarão ferocissimas Nações, foi sempre a disciplina quem pizou, e submetteo a desordenada multidão dos Barbaros. Esta incon-

testavel tradição vos põe diante dos olhos a mais clara idéa das honradas obrigações de hum Soldado; e não será muito que em corações Portuguezes inspire hum ardentissimo desejo de solemnemente ligar-vos com tão santo juramento; juramento, de que depende toda a fortuna da guerra.

Neste público, e solemne acto, em que juramos as Bandeiras, se obriga o Regimento, e nos obrigamos todos a servir como leaes Vassallos ao nosso legitimo Rei, e Senhor; a guardar suas Reaes Ordens; a obedecer cegamente aos Commandantes; a defender as Bandeiras; a não evitar a morte; a sustentar o terreno; a ganhallo; a não desertar; a arrostar-nos sem susto com o mais formidavel inimigo; finalmente a derramar gloriosamente o sangue pela defensão da Patria, pela honra, e gloria de nosso Clementissimo Soberano.

Que Portuguez, ou que Vassallo de tão bom Rei deixará de abraçar com gosto, e de observar religiosamente tão honrados preceitos? Quem haverá tão cobarde, que na referta das armas, e no ardor dos conflictos, alçando os olhos, e pondo-os nas Bandeiras de seu Regimento, não haja de abalançar-se ao mais vivo fogo, não obre prodigios de valor, e de fidelidade, se lembrado de tão santo juramento, vir que Deos, que o Rei, que a Patria, e que seus Maiores lhe estão

naquellas Bandeiras bradando pelo desempenho da sua palavra ; pela obrigação de seu Officio ; e pela honra de toda a Nação ?

Não fora estranha exaggeração dizer , que nas Bandeiras se representa o Soberano. Quem levar em seu coração bem gravada tão magnifica idéa , commetterá com sereno rosto as mais arduas empresas. Quem houverá , que figurando hum breve instante em sua imaginação ; que vê cercado de inimigos hum Rei , delicias de seus Vassallos , Pai da Patria , Pio , e Magnífico ; que observa recrescer os Esquadrões ; que ouve o tropel dos cavallos , o fragor da Artilheria ; que vê brilhar as Armas ; e finalmente , que vê travar a peleija ; não sinta inflammarse em hum generoso , e indomito furor ; não arranque a espada , e não tema que algum se lhe adiante , e lhe roube a gloria de vencer , ou de morrer primeiro ? Quem houverá , que penetrado da mais nobre fidelidade , tema as sibilantes rociadas de Mosquetaria , ou não rompa os mais cerrados Batalhões ? Hum Soldado Portuguez deve olhar para as Bandeiras de seu Regimento como para hum Pannel , que a toda a hora , e a todo o instante lhe apresenta aos olhos esta pintura.

A este glorioso juramento , o qual abraunge todas as obrigações da vida Militar , devo a República Romana o respeitado poder de suas armas ; o paísmo progresso de  
suas

suas victorias; e a incrível vastidão de seus Dominios. Poucas Legiões forão o instrumento de tão avantajados successos. Tanto pôde a boa disciplina! Na guerra nunca a multidão desordenada atropelou o pequeno numero bem disciplinado. Que farião, ou que podião tentar os Romanos contra a espantosa multidão dos Galos sem disciplina? Quem lhes daria forças contra os agigantados corpos dos Germanos? Quem os aconselharia a desprezar o poder, e arrogancia dos Hispanos? Quem os levaria a contrastar os estratagemas, e a riqueza da Africa? Quem finalmente lhes infundiria animo para vencer a arte, e prudencia dos Gregos, se não a boa disciplina, alcançada pelo continuo exercicio, pelo incantavel estudo da arte da guerra, e pela religiosa observancia do juramento?

Tão honrado era o nome de Soldado, e tão santas as obrigações Militares nos bem-aventurados dias daquella famosa gente, que era quasi sacrilegio pegar nas armas, e servir na guerra quem antes com solemne juramento não houvesse sido installado na ordem da Milicia! De Catão se conta, que licenciando Pompilio huma Legião, na qual militava o Filho daquelle grande Patriocio; e querendo o generoso Mancebo ficar no Exercito, o velho, e fizudo Pai, zeloso dos antigos costumes das Leis Militares, e da



da severidade da disciplina, foi o primeiro, que protestou pela observancia, escrevendo a Pompilio, que não consentisse seu Filho na Trópa, sem tomar-lhe segundo juramento, pois sem esta solemnidade lhe não era licito pelejar com o inimigo. Eis-aqui o pezo, que tão grandes Homens davão ao juramento das Bandeiras. A estes religiosos costumes, e santas maximas de guerra deveo Roma a antonomasia de Cidade, e a gloria de Capital de todo o Mundo. A disciplina lhes infundio valor; e o valor de seus grandes Capitães, e de seus obedientes, e intrepidos Soldados levou as Aguias Romanas às mais remotas Provincias do Mundo.

Os Soldados Portuguezes, ainda mais que os Romanos, estão obrigados a defender com valor, constancia, e fidelidade as Bandeiras de seu Corpo, e o Guião do Exercito. Quasi todas estas Insignias apresentão aos olhos as sagradas Quinas de Portugal; ou ao menos as cores tiradas de hum Braço dado pelo mesmo Deos, quando para si fundou tão glorioso Imperio. Que Soldado haverá tão infame, e tão perjuro, que antes não quizesse derramar o sangue, e perder a vida, que ver na mão dos inimigos abatidas, e arrastadas tão sagradas Bandeiras? Quem escolheria antes hum captivo affrontoso, que huma morte honrada? Quem teria valor para tornar a ver os seus Amigos,

gos, e Parentes, infamado de tão horrenda cobardia? Como se atreveria a alçar o collo trilhado do jugo, ou que pertenderia obrar com as mãos calejadas da Soga?

Nobres, e muito honrados Camaradas, em vossos semblantes estou vendo a feroz indignação, com que detestais tão abominavel, e feio procedimento; e talvez me reprehendeis de lembrar-vos o que não ignorais. Assim he; mas o zelo do serviço de Sua Magestade, o amor da Patria, me fizeram esquecer de que fallava com Portuguezes, e com Soldados disciplinados por hum Coronel, em cujas illustres acções, e generosas virtudes tendes a mais propria doutrina da honra, do zelo, e do fervor, com que deveis cumprir com as obrigações de Soldado.

Continuai pois com incansavel animo no exercicio das Armas: Deste trabalho depende o bom successo das Batalhas. Deos, El-Rei, e Portugal vos entregão hoje aquellãs sagradas Bandeiras limpas da menor mancha de cobardia, e infidelidade; e vede que ante tão grandes Juizes haveis de dar conta da gloria, com que vo-las entregão. Aprendei a peleijar, e a não temer o perigo; quem deseja a paz, prepara-se para a guerra. Não vos esqueçais de qual he a obrigação, a que vos liga este juramento: E se trouxerdes presente sempre na memoria, e gra-

gravado em vossos corações o solemne acto  
deste próspero dia, fereis verdadeiros Sol-  
dados, Vassallos de tão bom Rei, e Filhos  
de tão honrada Patria.

Disse.

ODE.

## O D E.

**O**H mil vezes feliz, o que encerrado  
 Entre baixas paredes  
 O tormentoso Inverno alegre passa!  
 Que de hum pequeno campo,  
 Que elle mesmo cultiva; se alimenta  
 Apascentando as vacas,  
 Que da mão paternal sómente herdou  
 C'os dourados novilhos,  
 Em quanto sobre a terra se reclina  
 Dormindo descansado  
 Ao som das frescas aguas de hum regato,  
 Horrorosos cuidados  
 O não vem perturbar no brando somno.  
 A lordida cobiça  
 Lhe não faz conceber vastos projectos;  
 Não pensa, não intenta  
 Atravessar o cabo tormentoso,  
 Sofrer chuvas, e ventos,  
 Ouvir roncar as denigradas ondas,  
 E ver na feia noite  
 Entre nuvens a Lua ir escondendo  
 O macilento rosto,  
 Por ir commerciar c'os pardos Indos,



E Chinas engenhosos.

A fede infaciavel de riquezas

Não faz que exponha a vida

Nos desertos fertões ás verdes cobras,

E aos remendados tigres.

Ah illustre Socero, doce Amigo,

O ouro de que serve,

Se os annos vão correndo tão velozes?

Se a morte não consente

Que a enrugada, e pálida velhice

Com passos vagorosos

Nos venha coroar de niveas cans?

O Senhor oppulento

Ao seu pobre vizinho encurte o campo,

Que alegre cultivava;

Levantando soberbos Edificios,

Arranque as oliveiras,

O chopo, que sustenta as roxas uvas,

Para ornar seus jardins

De esteril murta, de cheirosas plantas.

O campo, que ondeava

Com as uteis, e pálidas espigas,

Cubra de fresca sombra

Do espeço cedro, do frondoso louro,

Alegre vá passando

No seio das delicias, e regalos.

Mas ah! que não adverte

Que as tres Filhas da noite, as impias Parcas,

Gyrando os leves fusos,

Lhe acabão de fiar os curtos dias.

Que a morte inexoravel

Se chega ao rico leito, em que descança,  
Mostrando-lhe entre sombras  
A macilenta mão, com que lhe péga.  
Já entre mil angustias,  
Entre os frios suspiros, que derrama,  
Acaba a triste vida,  
Que intentava gozar por longos annos.  
Só tu, filha do Ceo,  
Impávida Virtude, não estranhas  
O aspecto da morte.

O D E.

**A**inda que o Ceo sereno, o dia claro  
 Doce prazer inspire  
 Aos miseros mortaes, aos namorados;  
 Pezada escura sombra  
 O coração me cobre; feias trévas,  
 Onde a memoria pasma,  
 Mais longa a saudade representão.  
 Nem se quer falsos sonhos  
 Com doce engano aquella luz me fingem,  
 Por quem sempre suspiro.  
 Vem, bella Marcia, vem, porque em teus olhos  
 Me trazes Sol, e dia;  
 Em teus formosos olhos me amanhece  
 A mais gentil Aurora;  
 Em teus formosos olhos vem os raios,  
 Que dourão estes montes;  
 Que a secca terra cobrem de mil flores,  
 Que no meu peito accendem  
 Doces desejos, doces esperanças,  
 Finissimos amores.  
 Mas já Favonio fresco brandamente,  
 Dos alamos as folhas

Com seus sonoros sopros levantando,  
 A vinda me anuncia  
 Dos vencedores olhos, por que espero;  
 Dos olhos, por quem morro:  
 Ah! que já chega Marcia, socegai-vos,  
 Meus cançados desejos;  
 Socegai, esperanças, que já vejo  
 Nascer o meu bom dia.

A

Não que o teu lábio, o teu  
 Dão prazer inspire  
 Que mistos sonhos, nos  
 Pedaços eleva torpes  
 O coração me cobre; leis trévas,  
 Onde a memória calma,  
 Não joga a lancha repulsa,  
 Não se está tallos sonhos  
 Com doc engano, aquella luz me ingam,  
 Por quem sempre sofro  
 Vem, bella Marcia, vem, porque em teus olhos  
 Me trazes sol, e dia;  
 De teus formosos olhos me amantice  
 Te dou, A mais gentil Amor;  
 São seus formosos olhos vem os meus  
 Que douro estes sonhos;  
 Que a terra teja escuro de mil flores,  
 Que no meu peito acordam  
 Meus desejos, e os esperanças,  
 E os meus sonhos  
 Me dá o favor do pensamento,  
 Que trazes as folhas



## O D E.

**D**E grande nome barbaro desejo  
 Se o rico Templo da triforme Deosa  
 A poucas cinzas reduzindo espera  
 Impia memoria.

He menos torpe, menos detestavel  
 Tão feio crime, que imitar Horacio  
 Quem triste fama não quer dar ás aguas  
 C'o precipicio.

Ora sereno, como o Sol dourado,  
 De alegres cores todo o Mundo cobre,  
 Quando a cabeça de mil raios ergue  
 Detrás da ferra.

Mas outras vezes rápido parece,  
 Aquilão Thracio, que nos Ceos batendo  
 As negras azas, terra, e mar envolve  
 Espessa chuva.

Sempre sublime no Parnaso colhe  
 O digno louro, que lhe adorna a téssta,  
 Immenſo genio com ditosos voos  
 Pindaro alcança.

Ou cante a fresca nova Primavera  
 Dos groſſos freixos ſacudindo o gello,  
 Serena a Lua, as graças vem dançando  
 Com Citherea.

Em quanto ardendo na árida officina  
 Ao ſibilante fuzilar da forja  
 Moſtráo os çujos amarellos roſtos  
 Os rijos Brontes.

Ou já crimine da civil diſcordia  
 As mãos vermelhas com Latino ſangue,  
 Cala-ſe o Povo, pálida triſteza  
 Muda os alpeçtos.

Ou branco Cisne livre já da Eſthigia,  
 Sinta nacer-lhe rude pello, ſinta  
 Já já nos dedos, ſinta já nos hombros  
 Candidas pennas.

Sobre as Cidades voa, já deſcobre  
 Do tormentoſo Boforo bramindo  
 Parthos, e Scitas, Eperborios campos,  
 Libicas Syrtes.

Ou

Ou já de Augusto mostra o valor nobre  
 Lavar de Crasso a vergonhosa infamia,  
 Que o vestal fogo Roma Capitolio  
 Tinha esquecido.

Eu vi inteiros nossos Estandartes,  
 As armas limpas, Centuriões Romanos  
 C'o as mãos atadas, Regulo dizia,  
 Vi em Carthago.

Oh grande Horacio, sempre grande, e forte,  
 Sempre sublime, rápido te eleva:  
 A nossos olhos súbito se esconde  
 Entre as Estrellas.

Quero a negra sombra de cubita  
 A gloria do scabro humilante luctu  
 Dama loba si loba seu povo;  
 Acorda, amada.

Esse a vista por seus lagos estivos,  
 Ve, ve a imortalmente dos seccos;  
 Todos o grande instante luctivos,  
 Todos o eterno.

Olha as torres Nages, que vom bulando  
 O reluzidor, que espalha: Dado sumo  
 O intento de sabi, quando extirpa  
 Lem touz Africa.

## O D E.

**D**ormes, Jerusalem? Acorda, acorda,  
 Que chega a tua Luz: o Sol Divino.  
 As trévas dissipando, já scintilla,  
 Já em ti nasce.

Opaca, e negra sombra te cubria;  
 A gloria do Senhor brilhantes luzes  
 Derrama sobre ti, sobre teu Povo:  
 Acorda, acorda.

Estende a vista por teus largos campos,  
 Vê, vê a immensa gente, que te cerca:  
 Todos o grande instante suspiravão,  
 Todos o esperão.

Olha as fortes Nações, que vem buscando  
 O resplendor, que espalhas: Denso fumo  
 O Incenso de Sabá ardendo exhala  
 Em teus Altares.



Ouro, e Myrrha, Monarcas humilhados  
 Já com prodiga mão alli te offrecem;  
 Os olhos baixos, curvos os joelhos,  
 Teu Templo adorão.

Abertas tuas Portas já recebem  
 Dos mais remotos climas os tributos;  
 Já os rebanhos de cedars alvejam  
 Nas altas ferrás.

Tudo porém se cala; que profundo,  
 Respeitoso silencio! Vem, já chega  
 O Principe da Paz; Deos admiravel  
 Filho do Eterno.

Huma Virgem pario; Fez-se Deos Homem:  
 Do Tronco de Jessé rebenta a Vara:  
 Lá desce sobre a rama abrindo as azas  
 Mystica Pomba.

Já vem o Salvador annunciado  
 Por Divinos Oraculos; abaixão  
 Já no Lybano os ramos intorruptos  
 Os altos Cedros.

Densa nuvem de Incenso em Saron tóbe:  
 O cume do Carmelo Ambar respira:  
 Já ferve a branca escuma, que rebenta  
 De áridas penhas.

## CANTIGAS

*Feitas ao Divino Espirito Santo, no anno, em  
que servio de Imperador hum Filho do Il-  
lustrissimo, e Excellentissimo Senhor  
D. José de Alencastro.*

## I.

**A**lmo Espirito Divino,  
Deste Imperio Protector,  
Inflamma os devotos peitos,  
De que foste Creador.

## II.

Tu Paraclyto te chamas;  
Fonte viya, e sempiterna;  
Incendio de caridade;  
E Dedo da Mão Paterna.

## III.

Do Estellante Empyreo desce,  
Nas azas de Serafins:  
Anjos, Thronos te acompanhem,  
Potestades, Cherubiãs.

## IV.

## IV.

Já com vozes incessantes  
 Tres vezes Santo te acclamão:  
 E de tua immensa Gloria  
 A Magestade proclamão.

## V.

Abrão-se as Portas do Ceo,  
 Enche de luzes a terra:  
 Os rebeldes inimigos  
 Longe de nós os desterra!

## VI.

Venhão em nosso soccorro  
 As celestes Legiões,  
 Para a tremenda batalha  
 Arma-nos os corações.

## VII.

Mil coriscos vomitando  
 Caia o Dragão furibundo,  
 Que accezas fauces abrindo  
 Deseja tragar o Mundo.

## VIII.

Derrotadas as catervas  
 Do caliginoso bando,  
 Em nossas roxas bandeiras  
 A victoria está brilhando.

## IX.

Sobre a dourada Coroa  
 Do devoto Imperador,  
 Vemos fuzilar os raios  
 De teu divino esplendor.

## X.

Em quanto de nossos olhos  
 Teu lume tanto for guia,  
 Confessaráo os Internos  
 Deste Imperio a soberania.

## XI.

De dourada paz gozando  
 Cantaremos teus louvores,  
 Dissipando as densas trévas  
 O ruído dos tambores.

## XII.

Em triunfo campeando  
 Cantaremos a victoria,  
 Té ver de Sião os muros  
 Cubertos de immensa gloria.

## XIII.

Seguindo tuas bandeiras  
 Em teu serviço alistados,  
 Fuliões, e Imperador  
 Somos de Christo soldados.

## XIV.



## XIV.

Armados do lume teu, <sup>o mundo.</sup>  
 Rutilante escudo forte!  
 Esperaremos constantes  
 A curva foice da morte.

## XV.

Se nossos votos té agradão,  
 Se escutas nossos clamores,  
 Sobre a Casa d'Alencastro  
 Chovão os teus refulsores.

## XVI.

Entre candidas virtudes  
 Com illustre heroicidade,  
 Esmalta os brazões do sangue  
 Magnanima caridade.

## XVII.

Qual o Pelicano terno, (\*)  
 Que o peito de ouro rasgando,  
 Está c'o sangue das veias  
 Os filhos alimentando.

## XVIII.

(\*) Allude ao Pelicano de ouro, que a Família dos Alencastros tem por tymbre de suas Armas.

## XVIII.

Assim a grande alma illustre  
 Em celesste amor acceza,  
 O coração rasgará  
 Para acudir á pobreza.

## XIX.

Nos folios da eternidade,  
 Que occulta tanto Mysterio,  
 A desejó ver croada  
 Os Vassallos deste Imperio.

## F I M.

## XVII.

Qual o Belgio terrão,  
 Que o humo de ouro tingido,  
 O humo de sangue das veias,  
 Os rios de humo tingido.

## XVIII.

Qual o Belgio terrão,  
 Que o humo de ouro, que o humo de  
 O humo de sangue das veias,  
 Os rios de humo tingido.

# INDICE

DAS POESIAS, QUE SE CONTÉM  
neste Livro.

## SONETOS.

<b>Q</b> uem de meus versos a lição procura, Pag. 1.	
Lutando com mil sustos, mil pezares, 2.	2.
Em magnifica scena a fantasia, - - - 3.	3.
Os antigos Poetas fabulando - - - 4.	4.
Cantar Marilia ouvi tão docemente, - - 5.	5.
Se eu soubera, Marilia, que vivia - - 6.	6.
Cheios de espeça nevada os Horizontes, - 7.	7.
Se, Belliza gentil, pudera crer-te - - 8.	8.
Ao som da Fonte Santa, que corria - 9.	9.
Qual a mansa Novilba, que innocente - 10.	10.
Amor, que mil cilladas me traçava - - 11.	11.
Contigo, Lydia, morão os Amores, - - 12.	12.
Esparsindo dourados resplendores - - 13.	13.
Amigo Fr. Joaquim, assim te eu veja, - 14.	14.
Com suquete, lanada, e botafogo - - 15.	15.
O Louro Chá no Bile fumegando - - 16.	16.
Depois de atar o pobre barco Algido, - 17.	17.
Vejo na vasta scena do futuro - - 18.	18.
N'uma sonora roda, que girando, - - 19.	19.
Ao brilbante poder do santo fogo - - 20.	20.
Ante meus olhos anda Amor voando, - 21.	21.
Salve formoso Dia, alegre Dia! - - 22.	22.
Não te direi que as Graças, q'os Amores, 23.	23.
Não louves, caro Tyrse, a rouca Lyra 24.	24.

Faze versos, meu Tyrse, a linda Clara	-	25.
Quaes as portas de Jano afferrolhadas	-	26.
N'uma Galé Mourisca afferrolhado,	-	27.
Era alta a noite, a Lua prateada	-	28.
Foi-se embora o Deifim! Como ficamos?	-	29.
Ao pellado Eliseu a rapazia	-	30.
Não se paga de versos a saudade,	-	31.
Por entre crespas cerras de enrolado	-	32.
Quem vio o P. Antonio? bum Clerigo alvo,	-	33.
Com a mão na rabiça, e co' aguilhada	-	34.
Apparecco o Padre Antonio; estava	-	35.
Tambem me lembra a mim, que já tiveste	-	36.
Por Cerafes, e Górgonas lançada,	-	37.
Inda a vermelha Aurora somnolenta,	-	38.
Qual saudosa Mãe, que da ribeira	-	39.
Q' be delle o Cabeção do Padre Antonio?	-	40.
Amigo Padre Antonio, a Fonte-santa	-	41.
Amigo, fallo sério, saudosos	-	42.
Na solitaria praia a ruiua arêa	-	43.
Pizando mil estrellas radiantes	-	44.
Hontem se foi daqui Nize formosa,	-	45.
Doze vezes o Sol com seus fulgores	-	46.
Comigo minba Mãe brincando bum dia,	-	47.
Doutor Henrique, o Garção doente	-	48.
Tres vezes vi, Marilia, de alva Lua	-	49.
Lacaios, mulher, filhos, e criadas,	-	50.
Já de trás do casal vem resurgindo	-	51.
Inda que abrindo a boca o Mar irado,	-	52.
Se como tu, amor, queres	-	53.
Afortunado Eneas, que sabiste	-	54.
Ao som dos duros ferros, que arrastava,	-	55.



Cujos Brontes estão arregaçados - - -	56.
Espirito gentil do Esposo amado, - - -	57.

## O D E S.

<b>N</b> ão Arabico incenso, ouro luzente,	59.
Pelejei, pelejei (e não sem gloria) -	64.
Pois torna o frio Inverno, sacodindo -	66.
Ligado com asperrimas algemas - - -	69.
O constante Varão, que justo, e firme -	73.
Vê, Silvio, como sacodindo o Inverno -	75.
O Varão justo, que, Senhor, invoca -	78.
Espiritos rebeldes, que as insensas - -	80.
Se na eterna Sião, onde ditoso, - - -	82.
Quando o terrivel Deos dos exercitos,	84.
Se já ouviste, Silvio magnanimo, - - -	86.
Com suaves caricias, brando, humilde,	90.
Soberbo Galião, que o porto largas, -	93.
Cercado estava Amor de mil Amores -	97.
Nas despidas paredes, que me abrigão -	100.
Delfim, cayo Delfim! Com que ligeiro -	103.
Se em ricãs urnas de ouro resulgente, -	108.
Cercado de Pedreiros, de vorazes, - - -	112.
Quantos, caro Pinheiro, noite, e dia -	116.
Que facil be com lapis, e compasso - - -	119.
Com que fervidos vogos imaginas, - - -	124.
Apenas boje a somnolenta Aurora, - - -	127.
Pois sabes, que nas margens do Mondego,	130.
Em quanto o pobre Tyrse descansado -	133.
O dourar a manhã, do Sol, que nasce, -	135.

## DITHYRAMBOS.

- Os brilhantes trançados enafrando* - - 137.  
*Bacco, Elpino, cantemos; dá-me o Bromio;* 141.

## SATYRAS.

- Coridon, Coridon, que negro fado,* - - 143.  
*Não posso, amavel Conde, sujeitar-me* - 149.

## EPISTOLAS.

- Se á sombra dos loureiros sempre verdes,* 154.  
*Qual sordido Pedreiro, que doente* - - 159.  
*Não, Lusitano Povo, eu não consinto* - 164.

## ROMANCE

## HENDECASYLLABO.

- Subi, Senbor, ao Throno Lusitano* - - 167.

## MOTES.

- Marte, faze-te da moda,* - - - - 171.  
*De que me serve o querer-te,* - - - - 173.  
*Tudo faz o Padre Antonio.* - - - - 175.

## CANTIGAS.

Do Campo de Rio-frio - - - - - 176.

## ENDECHAS.

Quem amor não tem, - - - - - 180.  
 Em mil agonias - - - - - 183.  
 Cuidava que Briolanja - - - - - 184.

Theatro novo. - - - - - 185.  
 Asssembléa, ou Partida. - - - - - 223.

## DISSERTAÇÕES.

Se assim como a vossa compaixão - - - - - 297.  
 Como estou seriamente persuadido - - - - - 311.  
 Se assim conto vós, ó Arcades, - - - - - 327.

## ORAÇÕES.

Se a opulencia da materia - - - - - 339.  
 Se as circumstancias do lugar, - - - - - 351.  
 Confesso-vos, Illustrissimos, Sapientissimos,  
 e Amabilissimos Senhores, - - - - - 367.  
 Não creio, ó Arcades, - - - - - 375.  
 EPI-

## EPISTOIAS

*De Não te enjous de comer sem pompa* - 382.

## SAUDESIAS

- Não fabulosa Teã de mentido* - 385.  
*Oh mil vezes feliz, o que encerrado* - 394.  
*Ainda que o Geo fereno; o dia claro* - 397.  
*De grande nome barbaro desejo* - 399.  
*Dormes; Jerufalem: Acorda, acorda;* - 402.

## CANTIGAS.

*Almo Espirito Divino,* - - - - 404.

*O R A Ç Ã O.*

*Sempre a gloriosa reputação das Armas* - 387.

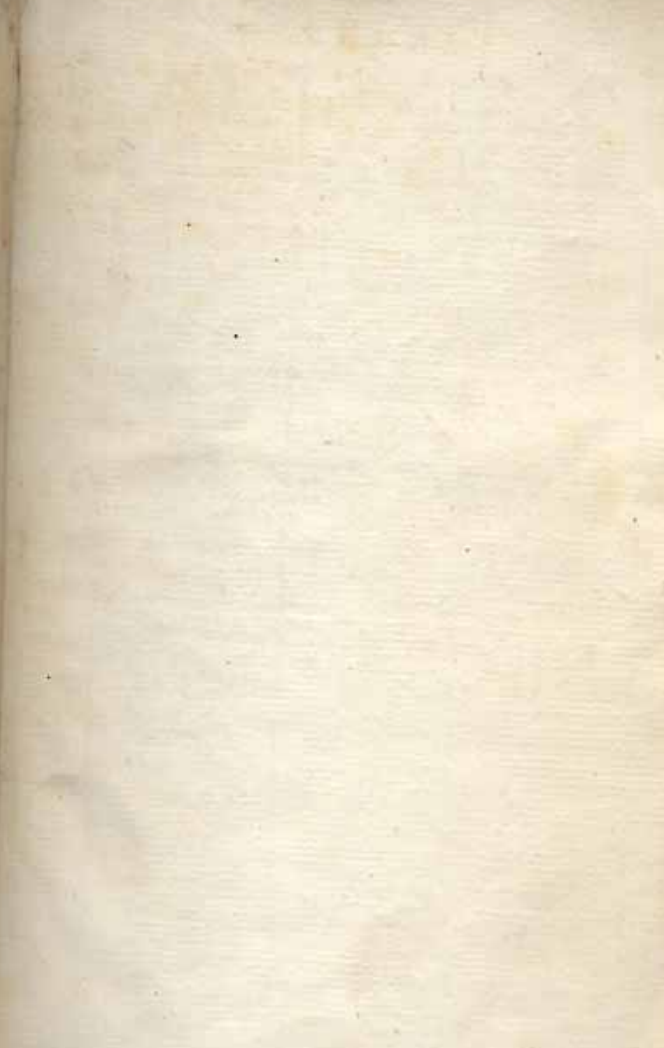


# ERRATAS.

Pag.	Erros.	Emendas.
1.	à vergonhosa pena . . .	a vergonhosa pena . . .
6.	Pedregosos . . .	Pedregosos . . .
16.	ou brame o vento . . .	ou brame o vento . . .
	divertimento . . .	contentamento . . .
22.	A luz, que as tuas horas . . .	A luz, que tuas horas . . .
24.	Sereno tornas . . .	sereno torna . . .
24.	o estaimado nariz o coi- ce atura . . .	o entupido nariz o embate atura . . .
	com hum rodeiro maço . . .	com hum rodeiro malho . . .
37.	siyada . . .	siyando . . .
50.	Lacaios, e mulheres, filhos, criadas . . .	Lacaios, mulher, fillos, e criadas . . .
51.	o Longroom . . .	o Long Room . . .
79.	titubiantes . . .	titubantes . . .
84.	com as Luziadas . . .	com os Luziadas . . .
91.	reduz . . .	reluz . . .
100.	c'os tremulos reflexos da prata . . .	c'os tremulos reflexos; De prata não te accendem . . .
103.	indomitos . . .	indomijas . . .
104.	Mofarda . . .	Mofrando . . .
	anciães . . .	anciões . . .
	péga . . .	pégão . . .
	com mão pezada aballa . . .	com mão pezada abola . . .
105.	da Cidade . . .	da idade . . .
106.	de souce nem relógio . . .	de soices, e relógios . . .
112.	afaza . . .	afaita . . .
113.	ô Maclean . . .	ô Macbean . . .
114.	cava porcolana . . .	côva porcolana . . .
124.	illustre Maclean . . .	illustre Macbean . . .
125.	vivo . . .	viva . . .
	de Venoz . . .	de Veniza . . .
127.	Zefira . . .	Zefiro . . .
131.	Tempo . . .	Templo . . .
141.	Uríos . . .	Urcos . . .
144.	te deo . . .	te dou . . .
146.	e'a importuna . . .	c' o a importuna . . .
149.	que diga . . .	que o diga . . .
150.	te valerá . . .	te valêra . . .
154.	dos antigos, errados interesse . . .	dos antigos errados interef- ses . . .
158.	transmigradas . . .	transmigradas . . .
165.	o Regio throno o aceso defender dos vícios . . .	do Regio throno o aceso defender aos vícios . . .
188.	na Betesga . . .	na Bitesga . . .
232.	maximas do estado tão casara . . .	maximas de estado tão çasara . . .

# ERRATAS.

Pag.	Error.	Emendas.
219.	que a Barbas roxas . . .	que a Barba roxa . . .
262.	o tragico cathurno . . .	o tragico cothurno . . .
264.	para aqui . . .	por aqui . . .
268.	mil gemmas . . .	mil gomas . . .
298.	e capacitado pois . . .	capacitado pois . . .
299.	exiga . . .	exija . . .
	da sua natureza . . .	de sua natureza . . .
300.	os catastrophes funestos . . .	as catastrophes funestas . . .
305.	as quaes se não vem . . .	as que se não vem . . .
307.	se executio . . .	se executio . . .
310.	<i>Et quocumque volentes</i> <i>animam auditores aguo-</i> <i>to</i> . . .	<i>Et quocumque valent animam</i> <i>auditoris agunto</i> . . .
317.	a que se afasta . . .	aqui se afasta . . .
318.	e desta duplicada, outra . . .	e desta duplicada vista . . .
316.	se deve de aproveitar . . .	se deve aproveitar . . .
317.	eu me lembro della . . .	eu me lembrei della . . .
323.	de obra ethica . . .	de boa ethica . . .
324.	subir a sentença, &c. & censura, &c. e a con- demnação . . .	subir a sentença . . . & censa- ra . . . e a condemnação . . .
327.	do Eserutino . . .	do Eserutinio . . .
328.	não devemos largar das mãos estes soberbos originacs . . .	não devemos largar das mãos; estes soberbos originacs . . .
332.	com o cabedal meu . . .	como cabedal meu . . .
352.	que me venho substituir . . .	quem venho substituir . . .
361.	passado o axioma . . .	passado a axioma . . .
362.	Bergopzoom . . .	Bergabzum . . .
368.	que exige a grandeza . . .	que exige a grandera . . .
370.	com vantagens . . .	com ventagens . . .
	pela paz, . . .	pela paz: . . .
	scena tão funesta: . . .	scena tão funesta, . . .



6.